

JOEEL

Jornada Internacional de Estudos sobre o Espaço Literário

espaço

literatura e outras manifestações artísticas

29 e 30 de novembro e 1º de dezembro de 2017

Colégio Pedro II

Campus Centro e Complexo de São Cristóvão



Em homenagem a
Lidia Jorge



CADERNO DE RESUMOS
PROGRAMAÇÃO COMPLETA





REALIZAÇÃO: TOPUS - Grupo de Pesquisa sobre Espaço, Literatura e outras Artes

Instituições Promotoras

Colégio Pedro II

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

V JOEEL - Jornada Internacional de Estudo sobre o Espaço Literário: espaço, literatura e outras manifestações artísticas (2017: Rio de Janeiro, RJ)

Caderno de resumos do V JOEEL - Jornada Internacional de Estudo sobre o Espaço Literário: espaço, literatura e outras manifestações artísticas, 29 a 30 de novembro de 2017 / organizado por MARQUES, Jorge: Rio de Janeiro, RJ: PROGPPEC: Colégio Pedro II. 2017. 220 p.

ISSN – 2319-0272

1. Estudos literários – V JOEEL. Jornada Internacional de Estudo sobre o Espaço Literário: espaço, literatura e outras manifestações artísticas. MARQUES, Jorge.

COMISSÃO ORGANIZADORA

Adriana Armony (Colégio Pedro II)

Eliane Mello (Colégio Pedro II)

Jorge Marques (Colégio Pedro II)

Juliana Berlim (Colégio Pedro II)

Marta Rodrigues (Colégio Pedro II)

Luiz Guilherme Barbosa (Colégio Pedro II)

Márcio Hilário (Colégio Pedro II)

Oziris Borges Filho (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)

Rosângela Abrahão de Castro (Colégio Pedro II)

Sílvia Barros (Colégio Pedro II)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alexander Meireles da Silva (Universidade Federal de Goiás - Campus de Catalão)

Ana Maria Costa Lopes (ESEV – Instituto Politécnico de Viseu)

André Pinheiro (Universidade Federal do Piauí)

Fernando Alexandre Lopes (ESEV – Instituto Politécnico de Viseu)

Jorge Luiz Marques de Moraes (Colégio Pedro II - Rio de Janeiro)

Luciana Moura Collucci de Camargo (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)

Maria Imaculada Cavalcante (Universidade Federal de Goiás - Campus de Catalão)

Marisa Martins Gama-Khalil (Universidade Federal de Uberlândia)

Oziris Borges Filho (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)

Sidney Barbosa (Universidade de Brasília)

PROGRAMAÇÃO GERAL

Colégio Pedro II / <i>Campus Centro</i> / Salão Nobre 29 de novembro – quarta-feira		
HORA	EVENTO	LOCAL
9h	Credenciamento	Salão nobre
9h30	Abertura oficial da V JOEEL	Salão nobre
10h30	<p>CONFERÊNCIA DE ABERTURA:</p> <p>“Lídia Jorge nos Tempos da História” Profa. Cinda Gonda (Universidade Federal do Rio de Janeiro)</p> <p>Mediação: Prof. Oziris Borges Filho (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)</p>	Salão nobre
12h às 13h30	ALMOÇO	
14h às 17h30	<p>ATIVIDADE CULTURAL: Exploração Geográfica e Literária do centro do Rio de Janeiro</p> <p>Realização: ROTEIROS GEOGRÁFICOS DO RIO DE JANEIRO</p> <p>Coordenação: Prof. João Baptista Ferreira de melo (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)</p>	

Obs.: em função da atividade vespertina, recomenda-se o uso de protetor solar, roupas leves (excetuando-se bermuda) e tênis.

Colégio Pedro II / Complexo São Cristóvão /Prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Culturas (PROPGPEC) / 30 de novembro – quinta-feira		
HORA	EVENTO	LOCAL
8h	Comunicações Simultâneas	Salas e auditórios da PROPGPEC
10h	Apresentação de pôsteres Intervalo para café	Jardim dos Flamboyants
11h	<p>MESA REDONDA 01</p> <p>“Contrato Espacial: cenário e imaginário na ficção de Lídia Jorge” Profa Maria João Simões (Universidade de Coimbra)</p> <p>“Lídia Jorge e a Quadridimensionalidade do Espaço em ‘Perfume’ “Prof. Igor Rossoni (Universidade Federal da Bahia)</p> <p>Mediação: Prof. André Pinheiro (Universidade Federal do Piauí)</p>	Auditório da PROPGPEC
12h30 às 13h30	ALMOÇO	
13h30	<p>MESA REDONDA 02</p> <p>“Branca de Neve às Avestas” Prof. Oziris Borges Filho (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)</p>	Auditório da PROPGPEC

	<p>“Lídia Jorge: por uma poética dos objetos em ‘A Instrumentalina’ “Profa Marisa Gama-Khalil (Universidade Federal de Uberlândia)</p> <p>Mediação: Prof. Fernando Lopes (Escola Superior de Educação de Viseu)</p>	
16h	Lançamento de livros e café	Jardim dos Flamboyants
16h30	Comunicações Simultâneas	Salas e auditórios da PROPGPEC

Colégio Pedro II / <i>Complexo São Cristóvão</i> / Prédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Culturas (PROPGPEC) / 1º de dezembro – sexta-feira		
HORA	EVENTO	LOCAL
8h	Comunicações Simultâneas	Salas e auditórios da PROPGPEC
10h	Intervalo para Café	Hall do Teatro Mário Lago
10h30	<p>MESA REDONDA 03</p> <p>“Entre Homens e Pássaros: princípios da ecocrítica na narrativa curta de Lídia Jorge”</p> <p>Prof. André Pinheiro (Universidade Federal do Piauí)</p> <p>“O Universo Rural em Mutação em ‘A Manta do Soldado’ e</p>	Auditório da PROPGPEC

	<p>‘Lavoura Arcaica’ “Prof. Sidney Barbosa (Universidade de Brasília)</p> <p>Mediação: Prof^a. Maria João Simões (Universidade de Coimbra)</p>	
12h às 13h30	ALMOÇO	
13h30	Comunicações Simultâneas	Salas e auditórios da PROGPEC
15h	Intervalo para Café	Hall do Teatro Mário Lago
15h30	<p>MESA REDONDA 04</p> <p>“Espaço e Mundividência no Ensaio ‘Contrato Sentimental’, de Lídia Jorge” Prof. Fernando Lopes (Instituto Superior de Educação de Viseu)</p> <p>“Espaço, Gênero e Etnia em ‘A Costa dos Murmúrios’ “Prof. Jorge Marques (Colégio Pedro II)</p> <p>Mediação: Prof. Sidney Barbosa (Universidade de Brasília)</p>	Auditório da PROGPEC
17h30	REUNIÃO PLENÁRIA DO GRUPO TOPUS	
18h30	ENCERRAMENTO DA V JOEEL	

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO

Colégio Pedro II / Complexo de São Cristóvão / Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e culturas / 30 de novembro – quinta-feira / 8h às 10h		
SESSÕES	COMUNICAÇÕES	AUTORES
Sessão 01 (Auditório do andar térreo) Mediação: Marta Rodrigues (CPII)	A Relação entre Espaço e Personagem nos Documentários <i>Santa Marta, Santo Forte e Babilônia 2000</i> , de Eduardo Coutinho	Rafael de Almeida Moreira (UNINCOR /UNIS/ CAPES)
	Espaços Motivacionais na Fotografia de Sebastião Salgado: arte e realidade	Denise Marques Carneiro Neves (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA)
	Literatura em Interface com Fotografia, Pintura e Ilustração: a Construção Pictural do Espaço no Conto “A Santa De Shoneberg”, De Rubem Fonseca	Carlos Augusto Da Silva Lemos (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IX) Nelma Aronia Santos (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – PCIN)
	O Espaço Em Chico Buarque: Algumas Considerações	Moema Sarrapio Pereira (UNIVERSIDADE

		VALE DO RIO VERDE/ APEMIG)
	Revista de Antropofagia: Espaço de Embriaguez e Revolução	Claudia Camardella Rio Doce (UFSC /UEL)
Sessão 02 (sala 206) Mediação: Juliana Berlim (CPII)	A Espacialidade e o Romance Histórico Tradicional Francês: um Esboço de Percurso Teórico	Rosária Cristina Costa Ribeiro (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS)
	A Cartografia Afetiva De Patrick Modiano em <i>Para Você Não Se Perder No Bairro</i>	Ilana Goldfeld Carvalho (PUC-RIO/ CAPES)
	La Isla que Soy Yo: Poética da Casa e Erotismo em Cuba	Marcella de Paula Carvalho (Universidade do Estado do Rio de Janeiro /PUC)
	A Constituição da Monstruosidade como Crítica Social no Espaço Ficcional de <i>As Portas Do Céu</i> , De Julio Cortázar	Elton Da Silva Rodrigues (UNIVERSIDADE FEDERAL DA SANTA CATARINA/ CNPq)
	Marco Polo e a Construção do Espaço: a Poética dos Olhos e da Palavra em <i>Cidades Invisíveis</i>	Luana Raquel da Silva Coimbra (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO)
Sessão 03 (sala 207)	Os Espaços Construídos na História “Chapeuzinho	Nathália de Oliveira Souza (Uemg -

<p>Mediação: Luiz Guilherme Barbosa (CPII)</p>	<p>Vermelho” em relação ao Filme “Tainá-Uma Aventura na Amazônia”</p>	<p>Unidade de Carangola/ Papq)</p>
	<p>Sob a Perspectiva do Letramento Literário: a Casa do Leitor</p>	<p>Josaine Aparecida Corosso (UFU)</p>
	<p>Realidade Aumentada: o Espaço Literário Infanto-Juvenil sob a Ótica Das Tdics Educacionais</p>	<p>Luciano Magno Rocha (UNIMES) Leticia da Silva Zarbietti Coelho (UEMG/ PAEx)</p>
	<p>Diário de Leitura: um Espaço de Mediação</p>	<p>Josué Rodrigues Frizon (COLÉGIO FRANCISCANO CRISTO REI – RS)</p>
	<p>Notas por uma Poética da Ocupação: o Poema, o Canto e o Espaço Escolar</p>	<p>Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa (COLÉGIO PEDROII)</p>
<p>Sessão 04 (sala 208)</p>	<p>Marília de Dirceu - Nesta Triste Masmorra, Duro Grilhão</p>	<p>Rodrigo Carvalho da Silveira (IFRJ)</p>
<p>Mediação: Adriana Armony (CPII)</p>	<p>Das Paisagens aos Poemas: a Interpretação Simbólica do Espaço Paulistano por Mário de Andrade</p>	<p>Mario de Andrade Adriane Lima Pinho (UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO) Renan Caldas Galhardo Azevedo</p>

		(UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO)
	Da Poética do Rio a Outros Espaços de João Cabral de Melo Neto	Diogo dos Santos Souza (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS/ INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS/ CNPq)
	A Casa como Espaço Afetivo na Poesia Contemporânea	Anelise De Freitas (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA)
	"Nos Mapas Eu Nunca Te Encontrava": uma Leitura Poética da Paisagem em Ana Martins Marques	Sue Helen da Silva Vieira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Sessão 05 (Auditório do segundo andar)	A Liricização Do Espaço como Mecanismo de Deflagração do Insólito Ficcional em <i>Aparição</i> , de Vergílio Ferreira	Marcus Vinícius Lessa de Lima (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA/ CNPq)
Mediação: Dilma Mesquita	Lugares e Não-Lugares em <i>Ensaio Sobre a Cegueira</i>	Nanci Geroldo (CENTRO UNIVERSITÁRIO ENIAC)

de Lacerda (CPII)	O Alentejo como Espaço Poético em Jose Luiz Peixoto	LUCIANA DE OLIVEIRA MANGUEIRA (UFRJ)
	<i>Livro</i> , de José Luís Peixoto: um Romance de Deslocamentos que Refletem a Emigração e a Própria Literatura	Rosemary Gonçalo Afonso (UFRJ / CAPES)
	A Caverna: de Platão a Saramago - Buscando Novos Espaços	Dilma Mesquita De Lacerda (COLÉGIO PEDRO II)

Colégio Pedro II / Complexo de São Cristóvão / Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Culturas / 30 de novembro – quinta-feira / 16h30 às 18h30		
SESSÕES	COMUNICAÇÕES	AUTORES
Sessão 01 (Auditório do andar térreo) Mediação: Sílvia Barros (CPII)	A Configuração do Espaço no Conto “Minha Mãe”, De Victor Giudice	Carolina Veloso Costa (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA/ CNPq) Luísa Menin Garcia (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)
	A Praça Da Sé e “A Peregrinação Da Velha Auridéa”	Rafael Sens (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)
	Espaço e Identidade em Dois	Naiara Speretta Ghessi (UNESP/ CAPES)

	Romances de Milton Hatoum	
	Espaço, Memória e Identidade na Manaus de Milton Hatoum	Manoelle Gabrielle Guerra (UNESP - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ARARAQUARA/ CAPES)
	Espaço e Memória: Símbolos e Representações do Espaço no Romance <i>Uma História De Família</i> , de Silviano Santiago	Aline Mara De Almeida Rocha (UNINCOR)
Sessão 02 (sala 206)	Mulheres Negras do Cortiço: Recortes de Rita Baiana e Bertoleza Comparadas, Oprimidas e Revolucionárias Dividindo o Mesmo Espaço	Matheus Lustoza Santos (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO/ PREFEITURA DE MARATAÍZES)
Mediação: Márcio Hilário (CPII)	A Identidade do Negro e o Espaço em <i>Clara Dos Anjos</i> , De Lima Barreto	Marcio Antonio da Costa Santos (UFG/ CATALÃO)
	Gênero e Etnia: Norteadores da Construção do	Leonardo Gomes de Souza

	<p>Espaço em Conceição Evaristo</p>	<p>(UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS - PAEx/UEMG)</p>
	<p>Sob os Efeitos da Discriminação: Espaço como Resistência em <i>Rio Negro</i>, de Nei Lopes</p>	<p>Claudio do Carmo Gonçalves (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA)</p>
	<p>A Delimitação dos Espaços em <i>A Escrava Isaura: uma Alegoria do Racismo Brasileiro</i></p>	<p>Marcio Vinicius do Rosário Hilário (COLÉGIO PEDRO II)</p>
<p>Sessão 03 (sala 207)</p>	<p>A Espacialidade no Conto “Marido”, de Lídia Jorge</p>	<p>Elisabete da Silva Barbosa (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA)</p>
<p>Mediação: Ana Maria Costa Lopes (Instituto Politécnico de Viseu)</p>	<p>Do Real ao Ideal: o Espaço como Objeto de (Re)Conquista em <i>A Noite Das Mulheres Cantoras</i>, de Lídia Jorge</p>	<p>Ludiani Retka Trentin (UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ)</p>
	<p>Espaços (Inter)Ditos: Configurações da Experiência Subalterna em <i>O Vento Assobiando</i></p>	<p>Risonelha De Sousa Lins (UERN/IFPB)</p>

	<i>Nas Gruas</i> , de Lídia Jorge	
	O Espaço do Quarto na Casa de Valmares e o Tema da Partida: uma Perspectiva Topoanalítica da Obra <i>O Vale da Paixão</i> , de Lídia Jorge	Lasaro José Amaral (FACULDADE CIDADE DE COROMANDEL)
	Espaços Opostos e Identidades Históricas: uma Leitura Topoanalítica de <i>A Costa Dos Murmúrios</i> , de Lídia Jorge	Rosangela Vieira Freire (IFCE)
	Uma Análise de <i>A Costa Dos Murmúrios</i> , a partir do conceito de heteroropia, de Michel Foucault	Ana Maria Costa Lopes (Instituto Politécnico de Viseu), Zaida Pinto Ferreira (Instituto Politécnico da Guarda) e Anabela Naia Sardo (Instituto Politécnico da Guarda)
Sessão 04 (sala 208) Mediação: Marta Rodrigues	Cartografia Afetiva: a Inscrição do Espaço Carioca na Poética Machadiana - um Estudo de Correspondências,	Priscila Fernandes Balsini (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE)

(CPII)	Crônicas e Romances	
	Espaços Sagrados no Rio de Janeiro: o Malandro e o Terreiro de Umbanda	Ana Paula Silva de Oliveira (PUC-RIO/ CAPES)
	O Rio de Janeiro de Millôr Fernandes	Alessandra Mara Vieira (INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS)
	O Rio de Janeiro nas Crônicas de Lima Barreto	Marta Rodrigues (COLEGIO PEDRO II / NUPELL)
	Uma Visão Geral Sobre a Vista Particular: Espaço Globalizado e Simulacro no Rio de Janeiro de Ricardo Lísias	Adriana Armony (COLÉGIO PEDRO II)
Sessão 05 (Auditório do segundo andar) Mediação: Eliane Mello (CPII)	Do (In)Visível na Dimensão das Espacialidades Re(A)Presentadas em “O Burrinho Pedrês”: Reflexões sobre Lugares Demarcados para Homens e Mulheres Narrados	Maria de Lourdes Dionizio Santos (UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE/ CNPq)
	Da Casa à Capela, do Riachinho ao Homem: o	Nádia Garcia Mendes

	Entrelaçamento dos Espaços da Narrativa de Guimarães Rosa	(UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)
	A Degradação da Cidade em <i>Belém Do Grão-Pará</i> , De Dalcídio Jurandir	Clara Alice da Silva Guimarães Brasil (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ/ CAPES)
	Anamorfozes Espaciais no Romance <i>As Meninas</i> , de Lygia Fagundes Telles	Maria Das Dores Pereira Santos (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA)
	Amaro Mar: o Espaço Marítimo como Gerador de Epifania em <i>Viva O Povo Brasileiro</i>	Maria das Graças Meirelles Correia (INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA)

Colégio Pedro II / Complexo de São Cristóvão / Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Culturas / 01 de dezembro – sexta-feira / 8h às 10h		
SESSÕES	COMUNICAÇÕES	AUTORES
Sessão 01 (Auditório do andar térreo)	Espaços de Rupturas no Romance de Emily Brontë	Cintia De Vito Zollner (UNESP)
Mediação:	As Manifestações Insólitas do Espaço em <i>O Mistério Da</i>	Bruno Silva de Oliveira (UFU/ IF GOIANO)

Sílvia Barros (CPII)	<i>Estrela Stardust</i> , de Neil Gaiman	
	O Espaço na Obra <i>Prince Lestat</i> , de Anne Rice, Como Forma de Renovação do Tema Vampiresco	Patricia Hradec (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE/ CAPES)
	Paris é uma Festa: A Cidade Como Espaço Utópico	Dafne Di Sevo Rosa (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE/ Mackpesquisa)
	Espaço Atemporal; Física e Ficção em <i>30 e Poucos Anos e uma Máquina Do Tempo</i>	Clayton Alexandre Zocarato (UFSCAR)
Sessão 02 (sala 206) Mediação: Márcio Hilário (CPII)	O Espaço Social e as Mulheres Machadianas: Considerações sobre “O Segredo de Augusta”, de Machado De Assis	Cilene Margarete Pereira UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE (UNINCOR)
	Espaço e Representações da Feminilidade em Poemas de Mia Couto	Everton Fernando Micheletti (USP)

	Heróis Individuais E Causas Coletivas Em <i>Vidas Novas</i> , de Luandino Vieira	Daniel Marinho Laks (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE/ FAPERJ)
	Jornada Angolana: de Pepetela a Manuel Alegre, a Representação Espacial na Guerra de Libertação	Fernanda de Aquino Araújo Monteiro (UFRJ/ CAPES)
	Chimamanda Ngozi Adiche e seus Deslocamentos em <i>Americanah</i>	Regina Fatima Oliveira de Sá (UERJ/ COLÉGIO PEDRO II)
Sessão 03 (sala 207) Mediação: Juliana Berlim (CPII)	Dezembro nos Para-Brisas: o Espaço em ¡Gua!, de Luiz Ruffato	Alan Brasileiro de Souza (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - FAPDF)
	Espacialidades e Rupturas: um Estudo da Personagem Maria, do Romance <i>Rio-Paris-Rio</i> , de Luciana Hidalgo	Helena Maria de Souza Costa Arruda (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO/ CAPES)
	Da Cidade ao Esquecimento: Princípios da Topoanálise em <i>Leite Derramado</i> , de Chico Buarque	Allysson Davi de Castro (UFPI/ CNPq)
	De um Espaço a Outro: a Relação	Cléber Dungle

	Anômala entre o Banheiro e a Cidade em "O Arquiteto"	(UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – CNPq)
	Espaço e Identidade em "Teatro", de Bernardo Carvalho	Juliana Nascimento Berlim Amorim (COLÉGIO PEDRO II)
Sessão 04 (sala 208) Mediação: Aira Suzana Ribeiro Martins (CPII)	<i>O Bairro</i> , de Gonçalo M. Tavares, pela Perspectiva do Espaço	Robson José Custódio (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA)
	O Espaço Narrativo na Obra <i>O Mandarim</i> , de Eça De Queiroz	Laynara Viana Tavares (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS)
	Pelas Ruas, Trabalhando ou Esmolando, onde Estão os Trabalhadores de Jorge de Sena?	(UFRJ/ UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ)
	A Espacialidade no Conto "O Marido", de Lidia Jorge	Géssica de Souza (UTFPR - CAMPUS PATO BRANCO)
	O Espetáculo da Morte	Aira Suzana Ribeiro Martins (COLÉGIO PEDRO II)

<p>Sessão 05 (Auditório do segundo andar)</p>	<p>Escrita por Imagens da Cidade nas Crônicas de Carlos Drummond de Andrade</p>	<p>Moema de Souza Esmeraldo (PUC-RIO/SEDF CAPES)</p>
<p>Mediação: Marta Rodrigues (CPII)</p>	<p>Espacialidade e Despersonalização em <i>Memórias Do Cárcere</i></p>	<p>Carina Ferreira Lessa (UFRJ/UNINCOR – Capes)</p>
	<p>Os Visitantes Montellianos: Ressignificações Territoriais e Afetivas no Espaço Literário de Josué Montello</p>	<p>Flaviano Menezes da Costa (UNIVERSIDADE FEDERAL DOMARANHÃO/ FACULDADE PITÁGORAS)</p>
	<p>Estratégias de Representação e Estruturação do Espaço nas Primeiras Obras Ficcionais de Osman Lins</p>	<p>Raul Gomes da Silva (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL/ CAPES)</p>
	<p>A Construção do Espaço no Conto “Menina A Caminho”, De Raduan Nassar</p>	<p>Maria Iara Zilda Návea da Silva Mourão (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ)</p>

Colégio Pedro II / Complexo de São Cristóvão Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Culturas / 01 de dezembro – sexta-feira / 13h30 às 15h		
SESSÕES	COMUNICAÇÕES	AUTORES
Sessão 01 (Auditório do andar térreo)	Espaço Construído e Espaço Natural em <i>O Guarani</i>	Gleison Araujo Morais (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS – CARANGOLA)
Mediação: Silvia Barros (CPII)	Iracema: a Relação entre o Espaço e a Ambientação da Obra e das Personagens	Leticia Da Silva Zarbiatti Coelho (UEMG/ PAEx) Luciano Magno Rocha (UNIMES) Glaciene Januário Hottis Lyra (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS)
	O Espaço Gótico na Ficcionalização de Movimentos Messiânicos Brasileiros	Hélder Brinate Castro (UERJ)
Sessão 02 (sala 206)	Ir Embora por Vontade Própria é Bastante Diferente de ser Expulso: um Estudo sobre Literatura e Gentrificação	Fabiana de Pinho (PUC-RIO/ IFRJ)
Mediação: Luiz Guilherme Barbosa (CPII)	Minha Quebrada, meu Espaço: a Voz da Periferia no Rap	Joseli Aparecida Fernandes (UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE/

	de Flávio Renegado	PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS CORAÇÕES/ FCTE)
	Florianópolis: a Cidade que Ninguém Vê na Ilha Da Magia	Carla Cristiane Mello (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA/ CAPES)
Sessão 03 (sala 207) Mediação: Eliane Mello (CPII)	Liberdade e Repressão: a Construção de Canudos e a (Não?) Efetivação do Direito à Cidade : uma Análise da Obra <i>Os Sertões</i> , de Euclides Da Cunha	Fernanda Rodrigues Lagares (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS)
	Latifúndio Realista: Aridez na Forma e no Sertão De <i>Vidas Secas</i>	Edson Jose da Silva (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - FAPEAL/CAPES)
	Figurações de Uma Paisagem Desfigurada em <i>O Quinze</i> , De Rachel De Queiroz	Vinicius Schiochetti (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – CAPES)
Sessão 04 (sala 208) Mediação:	Perspectivas do Espaço Literário em “As Ondas”, de Virgínia Woolf: Aspectos de uma Escrita Multiforme	Danielli de Cassia Morelli Pedrosa (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE)

Marta Rodrigues (CPII)	Representações do Feminino: Espaços de Subalternidade em <i>A Hora da Estrela</i> , de Clarice Lispector	Raul Gomes da Silva (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL/ CAPES) Cintia Naiara de Souza Melo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL - SED/MS)
	Ponciá Vicêncio: uma Análise do Geoespaço na Obra Evaristiana	Jeferson José De Oliveira Pinheiro (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS PAEx/UEMG) Leonardo Gomes De Souza (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS PAEx /UEMG) Matheus Vieira Barbosa (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS)
Sessão 05 (Auditório do segundo andar) Mediação:	Os Espaços das Obras <i>Chapeuzinho Vermelho e Tainá - Uma Aventura Na Amazônia</i> em Detrimento de suas Personagens	Leticia Da Silva Zarbiatti Coelho (UEMG/ PAEx) Luciano Magno Rocha (UNIMES) Glaciene Januário Hottis Lyra (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS)

Adriana Armony (CPII)	O Disorde Espaço do Lobisomem na Oralidade Brasileira	Jamille da Silva Santos (UFU)
	O Espaço Simbólico da Casa em Emílio Moura	Luciano Marcos Dias Cavalcanti (UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE/ FAPEMIG)

SUMÁRIO

A ESPACIALIDADE E O ROMANCE HISTÓRICO TRADICIONAL FRANCÊS: UM ESBOÇO DE PERCURSO TEÓRICO.....	35
OS ESPAÇOS CONSTRUÍDOS NA HISTÓRIA CHAPEUZINHO VERMELHO EM RELAÇÃO AO FILME TAINÁ UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA.	38
"NOS MAPAS EU NUNCA TE ENCONTRAVA" UMA LEITURA POÉTIC DA PAISAGEM EM ANA MARTINS MARQUES	44
A CARTOGRAFIA AFETIVA DE PATRICK MODIANO EM PARA VOCÊ NÃO SE PERDER NO BAIRRO	45
A CASA COMO ESPAÇO AFETIVO NA POESIA CONTEMPORÂNEA	47
A CAVERNA: DE PLATÃO A SARAMAGO - BUSCANDO NOVOS ESPAÇOS	49
A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO NO CONTO MINHA MÃE, DE VICTOR GIUDICE	50
A CONSTITUIÇÃO DA MONSTRUOSIDADE COMO CRÍTICA SOCIAL NO ESPAÇO FICCIONAL DE? AS PORTAS DO CÉU?, DE JULIO CORTÁZAR.....	52
A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NO CONTO MENINA A CAMINHO, DE RADUAN NASSAR	54
A DEGRADAÇÃO DA CIDADE EM BELÉM DO GRÃO-PARÁ, DE DALCÍDIO JURANDIR.....	56
A DELIMITAÇÃO DOS ESPAÇOS EM A ESCRAVA ISAURA: UMA ALEGORIA DO RACISMO BRASILEIRO	58

A ESPACIALIDADE NO CONTO MARIDO, DE LÍDIA JORGE	60
A ESPACIALIDADE NO CONTO O MARIDO DE LIDIA JORGE	62
A IDENTIDADE DO NEGRO E O ESPAÇO EM? CLARA DOS ANJOS? DE LIMA BARRETO	64
A LIRICIZAÇÃO DO ESPAÇO COMO MECANISMO DE DEFLAGRAÇÃO DO INSÓLITO FICCIONAL EM APARIÇÃO, DE VERGÍLIO FERREIRA.....	66
A PRAÇA DA SÉ E A PEREGRINAÇÃO DA VELHA AURIDÉA	68
AMARO MAR: O ESPAÇO MARÍTIMO COMO GERADOR DE EPIFANIA EM VIVA O POVO BRASILEIRO.....	70
ANAMORFOSES ESPACIAIS NO ROMANCE "AS MENINAS", DE LYGIA FAGUNDES TELLES.....	72
AS MANIFESTAÇÕES INSÓLITAS DO ESPAÇO EM O MISTÉRIO DA ESTRELA? STARDUST, DE NEIL GAIMAN ..	74
CARTOGRAFIA AFETIVA: A INSCRIÇÃO DO ESPAÇO CARIOCA NA POÉTICA MACHADIANA ? UM ESTUDO DE CORRESPONDÊNCIAS, CRÔNICAS E ROMANCES	75
CHIMAMANDA NGOZI ADICHE E SEUS DESLOCAMENTOS EM AMERICANAH	78
DA CASA À CAPELA, DO RIACHINHO AO HOMEM: O ENTRELAÇAMENTO DOS ESPAÇOS DA NARRATIVA DE .	80
DA CIDADE AO ESQUECIMENTO: PRINCÍPIOS DA TOPOANÁLISE EM LEITE DERRAMADO, DE CHICO BUARQUE	82

DA POÉTICA DO RIO A OUTROS ESPAÇOS DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO.....	84
DAS PAISAGENS AOS POEMAS: A INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO PAULISTANO POR MARIO DE ANDRADE.....	86
DE UM ESPAÇO A OUTRO: A RELAÇÃO ANÔMALA ENTRE O BANHEIRO E A CIDADE EM "O ARQUITETO"	89
DEZEMBRO NOS PARA-BRISAS: O ESPAÇO EM ?;GUA!?, DE LUIZ RUFFATO.....	91
DIÁRIO DE LEITURA: UM ESPAÇO DE MEDIAÇÃO	93
DO (IN)VISÍVEL NA DIMENSÃO DAS ESPACIALIDADES RE(A)PRESENTADAS EM O BURRINHO PEDRÊS: REFLEXÕES SOBRE LUGARES DEMARCADOS PARA HOMENS E MULHERES NARRADOS.....	95
DO REAL AO IDEAL: O ESPAÇO COMO OBJETO DE (RE)CONQUISTA EM A NOITE DAS MULHERES CANTORAS DE LÍDIA JORGE	97
ESCRITA POR IMAGENS DA CIDADE NAS CRÔNICAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE	99
ESPACIALIDADE E DESPERSONALIZAÇÃO EM MEMÓRIAS DO CÁRCERE	101
ESPACIALIDADES E RUPTURAS: UM ESTUDO DA PERSONAGEM MARIA, DO ROMANCE RIO-PARIS-RIO, DE LUCIANA HIDALGO.....	104
ESPAÇO ATEMPORAL; FÍSICA E FICÇÃO EM 30 E POUCOS ANOS E UMA MÁQUINA DO TEMPO	107
ESPAÇO CONSTRUÍDO E ESPAÇO NATURAL EM O GUARANI.....	109

ESPAÇO E IDENTIDADE EM "TEATRO" DE BERNARDO CARVALHO	111
ESPAÇO E IDENTIDADE EM DOIS ROMANCES DE MILTON HATOUM.....	112
ESPAÇO E MEMÓRIA: SÍMBOLOS E REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO NO ROMANCE UMA HISTÓRIA DE FAMÍLIA, DE SILVIANO SANTIAGO	114
ESPAÇO E REPRESENTAÇÕES DA FEMINILIDADE EM POEMAS DE MIA COUTO.....	116
ESPAÇO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NA MANAUS DE MILTON HATOUM.....	118
ESPAÇOS (INTER)DITOS: CONFIGURAÇÕES DA EXPERIÊNCIA SUBALTERNA EM O VENTO ASSOBIANDO NAS GRUAS, DE LÍDIA JORGE	120
ESPAÇOS DE RUPTURAS NO ROMANCE DE EMILY BRONTË	122
ESPAÇOS OPOSTOS E IDENTIDADES HISTÓRICAS: UMA LEITURA TOPOANALÍTICA DE A COSTA DOS MURMÚRIOS, DE LÍDIA JORGE	124
ESTRATÉGIAS DE REPRESENTAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO NAS PRIMEIRAS OBRAS FICCIONAIS DE OSMAN LINS	126
FIGURAÇÕES DE UMA ?PAISAGEM DESFIGURADA? EM O QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ	128
GÊNERO E ETNIA: NORTEADORES DA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO EM CONCEIÇÃO EVARISTO.....	130
HERÓIS INDIVIDUAIS E CAUSAS COLETIVAS EM "VIDAS NOVAS", DE LUANDINO VIEIRA.....	132

IR EMBORA POR VONTADE PRÓPRIA É BASTANTE DIFERENTE DE SER EXPULSO : UM ESTUDO SOBRE LITERATURA E GENTRIFICAÇÃO.....	134
IRACEMA: A RELAÇÃO ENTRE O ESPAÇO E A AMBIENTAÇÃO DA OBRA E DAS PERSONAGENS.....	136
JORNADA ANGOLANA: DE PEPETELA A MANUEL ALEGRE, A REPRESENTAÇÃO ESPACIAL NA GUERRA DE LIBERTAÇÃO.....	139
LATIFÚNDIO REALISTA: ARIDEZ NA FORMA E NO SERTÃO DE VIDAS SECAS	142
LIBERDADE E REPRESSÃO: A CONSTRUÇÃO DE CANUDOS E A (NÃO?) EFETIVAÇÃO DO DIREITO À CIDADE ? UMA ANÁLISE DA OBRA OS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA?	143
LITERATURA EM INTERFACE COM A FOTOGRAFIA, PINTURA E ILUSTRAÇÃO: A CONSTRUÇÃO PICTURAL DO ESPAÇO NO CONTO ?A SANTA DE SHONEBERG?, DE RUBEM FONSECA	147
LIVRO, DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO: UM ROMANCE DE DESLOCAMENTOS QUE REFLETEM A EMIGRAÇÃO E A PRÓPRIA LITERATURA	149
LUGARES E NÃO-LUGARES EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA	151
MARCO POLO E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO: A POÉTICA DOS OLHOS E DA PALAVRA EM	153
MARÍLIA DE DIRCEU - NESTA TRISTE MASMORRA, DURO GRILHÃO	155
MINHA QUEBRADA, MEU ESPAÇO: A VOZ DA PERIFERIA NO RAP DE FLÁVIO RENEGADO	157

MULHERES NEGRAS DO CORTIÇO: RECORTES DE RITA BAIANA E BERTOLEZA COMPARADAS, OPRIMIDAS E REVOLUCIONÁRIAS DIVIDINDO O MESMO ESPAÇO	159
NOTAS POR UMA POÉTICA DA OCUPAÇÃO: O POEMA, O CANTO E O ESPAÇO ESCOLAR	161
O ALENTEJO COMO ESPAÇO POÉTICO EM JOSE LUIZ PEIXOTO	163
O BAIRRO, DE GONÇALO M. TAVARES, PELA PERSPECTIVA DO ESPAÇO	165
O DISCORDE ESPAÇO DO LOBISOMEM NA ORALIDADE BRASILEIRA	167
O ESPAÇO DO QUARTO NA CASA DE VALMARES E O TEMA DA PARTIDA: UMA PERSPECTIVA TOPOANALÍTICA DA OBRA O VALE DA PAIXÃO, DE LÍDIA JORGE	169
O ESPAÇO EM CHICO BUARQUE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	171
O ESPAÇO GÓTICO NA FICCIONALIZAÇÃO DE MOVIMENTOS MESSIÂNICOS BRASILEIROS.....	173
O ESPAÇO NA OBRA PRINCE LESTAT DE ANNE RICE COMO FORMA DE RENOVAÇÃO DO TEMA VAMPIRESCO.	175
O ESPAÇO NARRATIVO NA OBRA ?O MANDARIM? DE EÇA DE QUEIRÓS.....	177
O ESPAÇO SIMBÓLICO DA CASA EM EMÍLIO MOURA.	179
LUCIANO MARCOS DIAS CAVALCANTI UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE	179
O ESPAÇO SOCIAL E AS MULHERES MACHADIANAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE O SEGREDO DE AUGUSTA, DE MACHADO DE ASSIS.....	181

O ESPETÁCULO DA MORTE.....	183
O RIO DE JANEIRO NAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO	184
OS ESPAÇOS DAS OBRAS ?CHAPEUZINHO VERMELHO? E ?TAINÁ - UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA? EM DETRIMENTO DE SUAS PERSONAGENS	185
OS VISITANTES MONTELLIANOS: RESSIGNIFICAÇÕES TERRITORIAIS E AFETIVAS NO ESPAÇO LITERÁRIO DE JOSUÉ MONTELLO.....	188
PELAS RUAS, TRABALHANDO OU ESMOLANDO, ONDE ESTÃO OS TRABALHADORES DE JORGE DE SENA?	192
PERSPECTIVAS DO ESPAÇO LITERÁRIO EM ?AS ONDAS? DE VIRGÍNIA WOOLF: ASPECTOS DE UMA ESCRITA MULTIFORME.....	194
PONCIÁ VICÊNCIO: UMA ANÁLISE DO GEOESPAÇO NA OBRA EVARISTIANA.....	196
REALIDADE AUMENTADA: O ESPAÇO LITERÁRIO INFANTO- JUVENIL SOB A ÓTICA DAS TDICS EDUCACIONAIS	198
REPRESENTAÇÕES DO FEMININO: ESPAÇOS DE SUBALTERNIDADE EM A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR.....	201
REVISTA DE ANTROPOFAGIA: ESPAÇO DE EMBRIAGUEZ E REVOLUÇÃO.....	203
SOB A PERSPECTIVA DO LETRAMENTO LITERÁRIO: A CASA DO LEITOR	205
SOB OS EFEITOS DA DISCRIMINAÇÃO ESPAÇO COMO RESISTÊNCIA EM RIO NEGRO DE NEI LOPES.....	207

UMA VISÃO GERAL SOBRE A VISTA PARTICULAR: ESPAÇO GLOBALIZADO E SIMULACRO NO RIO DE JANEIRO DE RICARDO LÍSIAS.....	209
A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO E PERSONAGEM NOS DOCUMENTÁRIOS SANTA MARTA, SANTO FORTE E BABILÔNIA 2000 DE EDUARDO COUTINHO.	210
ESPAÇOS MOTIVACIONAIS NA FOTOGRAFIA DE SEBASTIÃO SALGADO: ARTE E REALIDADE	212
ESPAÇOS SAGRADOS NO RIO DE JANEIRO: O MALANDRO E O TERREIRO DE UMBANDA	213
O RIO DE JANEIRO DE MILLOR FERNANDES	217
UMA LEITURA DE A COSTA DOS MURMÚRIOS, DE LÍDIA JORGE, A PARTIR DO CONCEITO DE HETEROTOPIA DE MICHEL FOUCAULT.....	218

RESUMOS

Comunicação oral Espaço e Literatura

Nota: Conteúdo e redação dos resumos são responsabilidade dos respectivos autores.

A ESPACIALIDADE E O ROMANCE HISTÓRICO TRADICIONAL FRANCÊS: UM ESBOÇO DE PERCURSO TEÓRICO.

ROSÁRIA CRISTINA COSTA RIBEIRO
UFAL- UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS

O século XIX francês viu o estabelecimento da forma literária que seria considerada a? epopeia burguesa? (Lukacs, 1965), o romance. Com os primeiros anos do Romantismo, entre 1815 e 1848, o romance consagrou-se como forma de expressão desse tipo de sociedade na qual o individualismo era uma das características definidoras. No mesmo período, o conceito de? História? entrou em um processo de alteração devido à influência das demais ciências que se consolidavam. Entretanto, houve um momento, nos primeiros anos desse movimento literário, no qual as barreiras entre História e Literatura ainda não estavam definidas. Esse momento coincidiu com a? explosão? de Walter Scott e do romance histórico em solo francês. Entre as diversas formas de interpenetração de história e romance, a que mais nos chama a atenção é aquela manifestação do romance conhecida como histórica e tradicional (ou clássica, ou ainda romântica), e que contribuiu especialmente para a fase nacionalista do Romantismo no Ocidente, segundo diversos autores, pode assim ser adjetivada pela sua investigação do passado. Entretanto, a grande diferença entre este tipo de romance e as obras da historiografia do período é a substituição dos grandes? fatos públicos? (Bernard, 1989) pelos? pequenos fatos verdadeiros? ou ainda, nas palavras do próprio Victor Hugo (1874), na

substituição da História pela lenda. Essa troca pode, dessa forma, proporcionar à narrativa ocupar-se muito mais com a representação de indivíduos médios (Scott) ou representativos de? espécies sociais? (Balzac) do que a historiografia. Gengembre (2006) utiliza o romance histórico chinês para definir essa característica? O romance histórico chinês não repete a História, mas estabelece uma ponte entre a cultura erudita das letras e a cultura popular, permitindo a grande número de pessoas aderir a sua representação do mundo que esse romance expõe? (tradução nossa). Não seria essa uma das razões do sucesso do romance histórico (apesar dos altos e baixos), uma vez que esse tipo de romance junta historiografia e lenda, ou seja, o erudito e o popular, agradando a um grande público? O formato do gênero romance histórico tradicional, teorizado por Maigrón (1898), por George Lukács (1935), e também por Bakhtin (1937-1938), Bachelard (1957), Molino (1975) e Claudie Bernard (1989;1996), entre outros, compreende infinitas possibilidades de interpretação, mas a nosso ver, a visão ideológica, estimulada tanto pelo título quanto pela própria escolha de gênero, é a que mais salta aos olhos e a que parece mais instigante ao leitor. Unindo essa visão à análise da categoria espacial nesta narrativa, o que nos interessa mais particularmente, chega-se a um ponto convergente, que pode ser sintetizado na seguinte problemática: qual é o papel desempenhado pela espacialidade na construção do romance histórico tradicional? Esta comunicação pretende traçar, a partir deste questionamento, o trajeto das principais ideias que

envolvem as discussões sobre a espacialidade e o romance histórico tradicional francês.

OS ESPAÇOS CONSTRUÍDOS NA HISTÓRIA CHAPEUZINHO VERMELHO EM RELAÇÃO AO FILME TAINÁ UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA.

NATHÁLIA DE OLIVEIRA SOUZA
UEMG - UNIDADE DE CARANGOLA
PAPq

Este artigo vincula-se ao projeto de pesquisa Representações da crise: interseções de fontes literárias, desenvolvido na UEMG-Carangola com o apoio do PAPq. Nessa concepção, este artigo, desenvolveu-se na linha temática: Espaço e Literatura. Na condição de pesquisadoras da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) propomos, nessa pesquisa, uma discussão reflexiva acerca da relação entre o homem e o espaço. De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Letras da UEMG, Unidade de Carangola (2016/2017), quanto às literaturas, é necessárias obras e autores sempre de acordo com vieses teórico-interpretativos capazes de integrar conhecimento do universo literário a atitudes críticas, que devem, em qualquer instância, iluminar o artefato literário no que os textos manifestam em sua realização como construção. Nessa Perspectiva, a Ecocrítica (crítica literária ecológica), foi o ponto de partida para o desenvolvimento desse estudo. A metodologia utilizada como suporte a essa pesquisa foi qualitativa de cunho bibliográfico para fomento dos conteúdos teóricos, como BLANCHOT (1987), GARRARD (2006) E GANCHO (2002). Na confecção desse artigo, foram elegidas duas obras, a primeira o texto fílmico: Tainá - Uma Aventura na Amazônia (filme brasileiro, do gênero infanto-juvenil e aventura dirigido por

Tânia Lamarca e Sérgio Bloch, no ano 2006) e a segunda, o conto de fadas clássico: Chapeuzinho Vermelho (de origem europeia do século XIV). A justificativa quanto à escolha dessas duas obras, é que elas possibilitam analisar qual é o tratamento conferido a tríplice: relação telúrica, espaço e a literatura nas obras europeias e brasileiras. O objetivo desse artigo é realçar fatores que atraíam o olhar do aluno para a aula de literatura, desenvolvendo suas habilidades interpretativas para que ao ler qualquer obra, o aluno possa refletir sobre aspectos como: Como o autor construiu o espaço nessa narrativa? Existe uma interação entre as personagens e o espaço? Qual foi a intencionalidade do autor na construção do espaço dentro da obra em questão? O esperado é o despertar da conscientização crítica para que se preocupem com as temáticas do homem e sua relação com o meio ambiente e a sustentabilidade do planeta.

Palavra-chaves: Espaço, Análise Literária, Ecocrítica, Texto Fílmico, Contos Infantis.

?FLORIANÓIA?: A CIDADE QUE NINGUÉM VÊ NA ?ILHA DA MAGIA?

CARLA CRISTIANE MELLO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAPES

O presente trabalho apresenta o poema-musical ?Florianoia? do grupo de rap Arma-Zen, de Florianópolis-SC, para ressignificar os espaços urbanos da capital catarinense através das performances vocais, discursivas e corporais. Esta cidade é conhecida pelas suas belezas naturais e muito requisitada enquanto espaço turístico, carinhosamente apelidada de ?Ilha da Magia?. No entanto, o rap catarinense (e o grupo Arma-Zen, aqui especificamente) traz uma outra visão daqueles que estão excluídos desse viés imaginário e paradisíaco da cidade, mostrando que os sujeitos que vivem em determinados espaços dela podem (ou não) ocupá-la e aproveitá-la tal qual a forma como ela é ?vendida? midiaticamente. O rap surgiu como um discurso de protesto daqueles que estão à margem do sistema, seja ele econômico ou social, nos guetos norte-americanos em meados de 1970, e de lá se proliferou para o mundo. Aqui no Brasil, as periferias urbanas conseguiram, a partir da década de 1980, expressar-se através dessa poética? e do Movimento Hip Hop, de forma geral ? para apontar outros pontos de vista de um mesmo espaço: a cidade. As diferentes expressões sociopolíticas encontradas nas críticas ácidas do rap do grupo Arma-Zen ocupam um espaço importante de reflexão e de memória a respeito de uma cidade que, assim como o mito da democracia racial espalhado pelo resto do país, acaba

?escondendo? os problemas raciais e sociohistóricos que compõem o cenário contemporâneo; ou seja, há duas cidades, no mínimo, dentro de Florianópolis: aquela que abriga os bilionários distribuídos pelas quarenta e duas belas praias, e aquela ? geralmente ?da ponte pra lá? ? que abriga a violência e a pobreza. Nesse sentido, o rap cria uma ruptura discursiva para incorporar, literalmente, a imagem transgressora e necessária daqueles sujeitos que sempre passam transcritos para a História através de dados estatísticos, ou quando muito, conhecidos apenas como os?marginais? (pejorativamente falando). Ao trazer essas vozes à cena, é com elas e por elas que esses sujeitos se fazem reconhecidos, de si mesmos e daqueles tantos outros que dividem o espaço da cidade, mas não vivem, necessariamente, a mesma cidade.

?LA ISLA QUE SOY YO?: POÉTICA DA CASA E EROTISMO EM CUBA

MARCELLA DE PAULA CARVALHO
UERJ/PUC

Em Domingo de revolución (2016), romance da escritora cubana Wendy Guerra, observamos como o corpo da protagonista Cleo interage com o cenário cubano, transforma-o e é modificado por ele. A história começa com o luto decorrente da morte dos pais. Solitária diante das sucessivas diásporas, marcantes na realidade da ilha, sua companhia paradoxal são os oficiais que a vigiam. Após ganhar um prêmio literário, a vigilância recrudescer e rotulam sua conquista como fruto de um apoio imperialista. É pela perda do espaço privado que verificamos, à flor da pele, essa relação corpos-cidades (GROSZ, 2003). Em meio ao interdito (BATAILLE, 2017), ao desconforto diante da rigidez do regime castrista, ao biopoder (AGAMBEN, 2010) - que converte os indivíduos em estatística -, uma possibilidade interessante de resistência é a tessitura de um erotismo (BATAILLE, 2017). Este seria justamente a superação da mera sexualidade da biopolítica. O espírito da Revolução Cubana (MISKULIN, 2003) demandou do coletivo todo o esforço, controle e economia entendidos como necessários para construir uma nação socialista tão próxima dos EUA. No entanto, o erótico não é veiculado pela contenção, mas pelo desperdício, pelo excesso. Segundo Bataille, a relação entre seres navega na descontinuidade da vida. O impulso erótico quer construir uma continuidade, logo, tenta uma fusão impossível com o outro. Essa aproximação do autoaniquilamento mostra

como o erotismo afirma a vida a partir da morte. O objetivo deste trabalho é analisar a contribuição de Bataille, já referida, para compreender uma política dos corpos na obra de Guerra, explicitando o papel do erotismo na relação Cleo com Cuba. Ela procura religar-se ao seu país, mas as dificuldades ali existentes a arrebatam. Para entender o lugar onde a personagem está inserida, utilizaremos uma poética da casa (BACHELARD, 1978), na qual a dialética do aberto e do fechado (BACHELARD, 1978, p.198), devido à espionagem, está sempre em questão. Configurando um estudo interartes (CLÜVER, 1997), contemplaremos também músicas do cantor cubano Carlos Varela, comparando-as com o romance, investigando como o eu-lírico e Cleo são transpassados pelo seu contexto histórico e geográfico. Como expressa uma de suas canções, ¿unos hacen los muros/y otros hacen las puertas? (2000). Por isso, queremos mapear, por meio desses artistas, muros e portas de Cuba e dos corpos presentes em suas obras. Na ilha, interdito e transgressão (BATAILLE, 2017) entrelaçam-se diante do achatamento do espaço privado. A arte, como canta Varela (2000), critica a centralização do governo: ¿la libertad solo existe/cuando no es de nadie?. Para Bataille (2017), o erotismo é uma experiência potente de vida, paixão e contemplação poética. Associado à arte, constrói-se uma ferramenta que plasma novos espaços internos e externos de liberdade.

"NOS MAPAS EU NUNCA TE ENCONTRAVA" UMA LEITURA POÉTIC DA PAISAGEM EM ANA MARTINS MARQUES

SUE HELEN DA SILVA VIEIRA
UFRJ

O trabalho pretende fazer uma leitura da paisagem na poesia da poeta mineira Ana Martins Marques, tomando como pressuposto teórico os estudos de Michel Collot sobre a filosofia da paisagem, partindo da premissa que? a paisagem provoca o pensar e que o pensamento se desdobra em paisagem?, que se configura a partir de um olhar sensível para o lugar. Selecionou-se alguns poemas da sessão "Cartografias", inserido no livro Da arte das armadilhas, que tematizam o espaço de formas diferenciadas. A transgressão das fronteiras geográficas é, entre outras possibilidades existentes, uma das formas de unir o que está separado e fazer um jogo entre o espaço real e o espaço virtual.

A CARTOGRAFIA AFETIVA DE PATRICK MODIANO EM PARA VOCÊ NÃO SE PERDER NO BAIRRO

ILANA GOLDFELD CARVALHO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE
JANEIRO (PUC-RIO)
CAPES

O presente trabalho pretende observar os diferentes processos de significação da cidade dentro da literatura do francês Patrick Modiano, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 2014, privilegiando o modelo adotado em seu livro mais recente, para você não se perder no bairro (lançado no Brasil em 2014). Paris, a cidade natal do escritor, aparece em destaque em muitos de seus livros, em especial durante o período da ocupação nazista na França. Deste modo, sua obra é frequentemente analisada de acordo com uma chave de leitura que prioriza a contextualização histórica. Em Para você não se perder no bairro, o modelo de leitura da cidade é elaborado a partir de outra chave: a da espacialidade. O processo de memória presente neste livro baseia-se principalmente no ato de rememoração do protagonista, suscitado quando ele se depara com determinados lugares da cidade. Para o escritor francês, Paris está associada às memórias de quando era menino, que parecem ser? emprestadas? aos personagens. As ruas atuam evocando lembranças e ajudando a compor a complexidade do personagem. No livro, é através das sutilezas sugeridas pelas recordações que o leitor percebe a relação do protagonista Daragane com sua mãe e como uma outra personagem, Annie Astrand, foi, na verdade, a principal figura materna de parte de sua

infância. A memória das experiências vividas está intimamente ligada ao espaço urbano. Assim, este molda os personagens de Modiano ao se misturar a questões pessoais, ao se combinar à individualidade e à bagagem emocional que o escritor confere às personagens. Deste modo, a proposta é estudar o que Paris fala a Modiano e o que Modiano fala a Paris ao percorrê-la. O espaço evoca lembranças em seus personagens e questões como o papel da rua e do andar (através de pensadores como Michel de Certeau e outros escritores, como Italo Calvino) serão fundamentais. Também é relevante analisar o livro de Modiano levando em conta a categoria de Spur (termo alemão que pode ser traduzido como rastro, resto, vestígio), estudada por Walter Benjamin. Este conceito complexo envolve ao mesmo tempo uma ausência e uma presença e será útil para tentar entender a lógica de construção da representação do espaço em Paris. Para você não se perder no bairro, pensando especialmente em uma cartografia afetiva a partir dos restos da e na cidade.

A CASA COMO ESPAÇO AFETIVO NA POESIA CONTEMPORÂNEA

ANELISE DE FREITAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

A proposta inicial desse trabalho é dialogar com os conceitos literários à luz da pós-autonomia, atrelado a um processo de produção de presença na poesia feita atualmente no Brasil e na Argentina, pois a produção dessa presença não se resumiria mais a obra e autor, dissociados. Se Bourdieu parte da dicotomia do literário e extra literário na formação do campo, isto é, a literatura dependeria de critérios literários mais ou menos bem definidos e critérios sociais e políticos que não estariam na alçada da literatura, pensadoras como Josefina Ludmer, entretanto, ampliam esse conceito até que a dicotomia não resista e aquilo que é literário não poderá se separar daquilo que não o é, não poderia mais ser fracionado, dividido, pois esses elementos seriam uma ?comunhão indissociável? e ?imperfeitamente homogênea?. Assim, o que estaria em jogo seria a performance do autor. A geografia ? a casa como território ? nesses textos poéticos, a partir da relação do eu com o mundo em um contexto tecnicista, no qual a promessa globalizada da possibilidade de encontros variados e repletos de alteridade não se cumpriu, atuaria como uma performance acoplada a uma mudança de perspectiva. Tudo que acompanhamos, desde a chegada do sentimento da modernidade, é um rebaixamento do autor. Depois de pensadores como Barthes, o autor passa a ser refutado como unidade de valor na crítica literária, em detrimento do texto, que se valida como recorte de valor. Outras áreas das ciências

humanas ? ou do que se convencionou chamar por ciências humanas -, como a antropologia, reconfiguram seu trabalho de pesquisa. Essa área tem se aberto à etnografia como um processo narrativo transversal, isto é, abre-se para o entendimento de que uma ciência cujo objeto seja o homem não pode ser feita sem respeitar processos subjetivos. Essa realidade começa a surgir no campo dos estudos literários, que se reconfigura (ou necessita reconfigurar-se). Assim, nada mais natural que a crítica literária também se reformule. Assim, Ludmer propõe uma crítica não linear, sem binarismos, tangenciada pelo trânsito (COTA, 2012). Segundo Pinheiro (2013), o que o pensamento de Ludmer possuiria de mais latente seria justamente provocar esse lugar do crítico e, conseqüentemente, da crítica. O campo da autonomia, em que mecanismos específicos e reconhecíveis de valorização de uma obra atuavam, não existe mais; assim como alguns conceitos literários foram esvaziados de significação se pensados a partir da produção atual, principalmente pós-2000. Isso acarretaria o fim de um pensamento da esfera, em que delimitações conceituais do que seria literário atuavam, isto é, aquilo que se acreditava (relativamente) autônomo não é mais possível ser definido como só político, econômico ou cultural.

Palavras-chave: poesia pós-autônoma; espaço e literatura; home; casa.

A CAVERNA: DE PLATÃO A SARAMAGO - BUSCANDO NOVOS ESPAÇOS

DILMA MESQUITA DE LACERDA
COLÉGIO PEDRO II

O mundo contemporâneo é, indiscutivelmente, um mundo anti-narrativo: da comunicação veloz estabelecida por meios digitais e através de poucas palavras à "vivência líquida" das relações sempre frágeis e incertas, tudo conduz o indivíduo de nosso tempo ao desconcerto, à solidão em meio às multidões e aos radicalismos sob a forma de discursos equivocados que surgem aqui e ali, como últimas tentativas (desesperadas e, acima de tudo, patéticas) de resgatar algum sentido próprio da existência humana. O romance *A Caverna* de Saramago fornece alguns referenciais para o entendimento do contexto: o "rolo compressor" do sistema com suas exigências de produtividade, consumo e desperdício; a perda da noção de valor da força de trabalho e dos produtos por ela gerados; o desinteresse crescente pela arte como objeto único, artesanal, substituída pelos produtos vendáveis e palatáveis e, em última instância, a ligação intrínseca entre espaços e tempos como única saída para a apreensão da realidade são fatores insubstituíveis e que não podem faltar na análise da produção contemporânea. Saramago e sua obra surgem como importantes referenciais nesse enfoque, que não dispensa ainda teóricos como David Harvey e Theodor Adorno.

A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO NO CONTO MINHA MÃE, DE VÍCTOR GIUDICE

CAROLINA VELOSO COSTA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CNPq

LUÍSA MENIN GARCIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
(UFSC)

Laboratório Floripa em Composição

O escritor carioca Victor Giudice (1934? 1997) se destacou por ser um homem múltiplo: amante e compositor de músicas eruditas e populares, escritor de contos, romances e peças teatrais, fotógrafo, roteirista, professor e funcionário do Banco do Brasil por vinte anos. Iniciou sua carreira literária em 1969, publicando contos avulsos em jornais e revistas. No Jornal do escritor, publicou o miniconto O banquete, técnica que desenvolveu melhor com o passar dos anos. Giudice produziu quatro livros de contos: Necrológio (1972), Os banheiros (1979), Salvador janta no Lamas (1989) e Museu Darbot e outros mistérios (1994); três romances: Bolero (1985), O sétimo punhal (1995) e o inacabado Do catálogo das flores (1999); duas peças de teatro: Ária de serviço e Baile das sete máscaras; e cerca de vinte contos publicados de forma avulsa no exterior. A maioria de suas obras está neste momento esgotada. No conto Minha mãe, presente na coletânea Salvador janta no Lamas, Giudice escreve em primeira pessoa, se utilizando da voz feminina para relatar alguns acontecimentos da vida da protagonista e os relacionamentos interpessoais que a circundam. Seu nome não nos é revelado. A narrativa envolve o leitor numa

trama cercada de mistério sobre o relacionamento desta protagonista com sua família, principalmente com sua mãe. Dividido em duas partes, o conto inicia na infância da personagem-narradora, que sofre com a ausência da mãe, a qual, a princípio, vive enclausurada em um dos quartos da casa, fazendo bordados e costurando. Ela nunca foi vista pela filha. A distância afetiva do pai e a presença de tia Adelaide, que cuida do ambiente familiar, compõem esse momento da trama. Já na segunda parte do conto, a personagem-narradora em sua vida adulta se casa com seu amigo de infância, Pedrinho, e vive um momento de descoberta sobre a vida matrimonial e seu amor pelo cunhado, Francisco. Sua relação com tia Adelaide e sua mãe, em suas configurações misteriosas, permanece. Ainda que a protagonista mude de ambiente no decorrer da narrativa, o espaço central continua sendo o quarto de sua mãe, pois é nele que mistério do conto se dá. Mas a pergunta é: Sua mãe realmente ocupa o espaço físico do quarto? Ou ela ocupa um espaço na imaginação da protagonista? A curiosidade de descobrir o porquê do suposto exílio social da mãe e do sentimento de abandono instiga a narradora e prende a atenção do leitor. É nesse sentido que este trabalho se propõe a investigar o espaço proposto por Giudice, no conto Minha mãe, e procurar compreender a maneira como se cria essa ambiguidade não solucionada sobre a presença da mãe no quarto ou se o sentimento de abandono da criança criou um espaço para a figura materna, alimentada pela tia Adelaide, que se preocupa em manter presente a todo momento a imagem dessa mãe.

A CONSTITUIÇÃO DA MONSTRUOSIDADE COMO CRÍTICA SOCIAL NO ESPAÇO FICCIONAL DE? AS PORTAS DO CÉU?, DE JULIO CORTÁZAR

ELTON DA SILVA RODRIGUES UNIVERSIDADE
FEDERAL DA SANTA CATARINA

CNPq

Dentre os diversos temas abordados em *Bestiário* (2016[1951]), de Julio Cortázar, há constituição da monstruosidade no conto *As portas do céu?*, narrativa em que fica explícita a leitura do outro enquanto um monstro. O protagonista e narrador do conto é Marcelo Hardoy, um advogado que pertence à classe alta e que tem que lidar com sujeitos de classes menos favorecidas. O conto é marcado pela oposição entre o advogado e seus clientes, Mauro e Celina, e a curiosidade antropológica do advogado de tomar nota acerca do comportamento de outros, monstros, que não alcançam a sua própria condição de humanidade, e que devem ter seus comportamentos e a descrição fisiológica catalogados. O espaço da narrativa em que há a maior reunião de monstros é o cabaré Santa Fe Palace, onde? [os monstros] aparecem às onze da noite, descem de regiões imprecisas da cidade, pausados e seguros a sós ou em par, as mulheres quase anãs e achinesadas, os homens parecendo javaneses ou mocovis...? (CORTÁZAR, 2016[1951], p. 109-110). Dessa maneira, pode-se observar a crítica social a partir da constituição de sujeitos de classes menos favorecidas, baixa ou média, como monstros, não pertencentes à condição humana. José Gil (2006) nos diz em *Monstros*, um de seus livros que possui a monstruosidade como tema, que essas criaturas não se

situam fora do domínio humano, mas em seu limite (como pode ser observado em? As portas do céu?), e são ?absolutamente necessários para [o ser humano] continuar a crer-se homem? (GIL, 2006, p. 14). Desse modo, a comunicação pretende, a partir da análise do principal espaço em que se constitui a monstrosidade, uma leitura do conto de Cortázar como crítica social à desigualdade econômica dirigida, à época, ao governo de Perón, mas ainda presente e persistente em toda América Latina, tendo como base a abordagem de Gaston Bachelard (1979) acerca do espaço, Todorov (2010 [1982]) no que se refere à questão do outro e Gil (2006) em relação à monstrosidade e àquilo que constitui os monstros.

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NO CONTO MENINA A CAMINHO, DE RADUAN NASSAR

MARIA IARA ZILDA NÁVEA DA SILVA MOURÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

O escritor paulista de origem libanesa Raduan Nassar ganhou nos últimos anos certo destaque no cenário da literatura contemporânea. Vencedor de vários prêmios ? sendo o mais recente o prêmio Camões do ano de 2016 pelo conjunto da obra ? sua produção é muito significativa esteticamente, tendo como componentes marcantes um olhar crítico para diferentes aspectos da experiência humana (como as relações afetivas, sociais e familiares) e uma alta dose de lirismo. Menina a caminho (1961) foi a primeira obra de ficção do autor. No conto, podemos acompanhar uma menina sem nome percorrendo uma cidade, provavelmente interiorana, para deixar um recado, fato que é descoberto à medida que a narrativa se desenrola. Durante essa travessia, o leitor pode acompanhar o cotidiano dos cidadãos e a repercussão causada por um boato sobre o filho de um grande comerciante da região a partir da perspectiva da menina que perambula quase sem rumo pelas ruas à semelhança do flâneur de Walter Benjamin. Distanciando-se de um engajamento panfletário, Raduan conseguiu nesse breve conto tratar de maneira crítica aspectos políticos da sociedade brasileira sem perder de vista o lirismo. Para tanto, parece ter sido primordial uma estruturação do espaço que permite aos lugares da obra explicitar através de sua representação um teor crítico social velado, e não de um discurso direto do narrador ou dos personagens sobre o assunto. Isso mostra que a categoria do espaço

não precisa ser analisada apenas como simples ambientação, mas também pode ser vista como elemento estrutural revelador de dados de ordem social, histórica e psicológica implícitos. Esse trabalho tem por objetivo analisar o modo como o espaço é estruturado na obra, dando especial atenção ao modo como a personagem principal e o narrador se relacionam com os diversos lugares da cidade por onde passam. Pretende-se mostrar que, através de um processo de redução estrutural, o espaço delineado no conto consegue denunciar questões relevantes da sociedade brasileira. Para isso serão utilizados como suporte teórico além dos estudos já conhecidos por tratar do espaço ficcional, como os de Borges Filho (2007) e Brandão (2013), trabalhos de estudiosos de outras áreas das ciências humanas, como Yi-Fu Tuan, Henri Lefebvre, Gaston Bachelard e Walter Benjamin.

A DEGRADAÇÃO DA CIDADE EM BELÉM DO GRÃO-PARÁ, DE DALCÍDIO JURANDIR

CLARA ALICE DA SILVA GUIMARÃES BRASIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAPES

‘Belém do Grão-Pará?’ é o quarto livro da série ‘Extremo Norte’, um projeto literário de Dalcídio Jurandir, publicado pela primeira vez em 1960. Este romance é ambientado em Belém do Pará na década de 20 e narra a história de Alfredo, um menino do interior que muda-se para a casa da família Alcântara, na capital, com o propósito de estudar. Essa família, nos tempos áureos do ciclo da borracha na Amazônia, viveu na fartura e, após a queda do senador Lemos e o declínio da borracha, são obrigados a viver na periferia da cidade, abstendo-se das regalias proporcionadas por este ciclo, durante a Belle Époque. Apesar do tempo da narrativa se passar na decadência da borracha, sendo Lauro Sodré o intendente, é possível ver o apogeu da borracha, através das memórias das personagens que recordam com nostalgia. Logo, percebe-se o contraste que há entre o esplendor e pompas do Lemismo, com a modernização da cidade de Belém, com o primeiro cinema, a instalação da luz elétrica, obras de saneamento básico e higienização, construção de praças, além de projetos como a construção de palacetes, bolsa de valores, grandes teatros; e a miséria do Laurismo, com a deterioração de grande parte desses projetos, sobrando ruínas daquela época. Nota-se a representação metafórica das ruínas com a casa dos Alcântaras, preste a desabar, localizada no centro da cidade, no bairro nobre Nazaré, além de outros espaços retratados pelo romance, que

também representa a decadência da borracha. Deste modo, o objetivo deste trabalho é visualizar a degradação da cidade nos capítulos iniciais do romance. Estes capítulos narram o momento em que o menino Alfredo encontra-se com sua musa, a cidade de Belém, que outrora, mostrava-se esplendorosa nos catálogos comemorativo de seu pai e, nesse momento da ação narrativa, mostra-se sombria e decadente. Diante do exposto, este trabalho se propõe a investigar a forma como Dalcídio apreende as transformações do espaço e transpõe para a literatura. Quanto à metodologia do trabalho, pode-se salientar o estudo sobre espaço literário, apontando para o estilo individual do escritor paraense. Com base em uma metodologia fundamentada em um estudo bibliográfico, autores como Marlí Tereza Furtado (2010), Cândido (2004), Dimas (1985), Santos e Oliveira (2001) viabilizarão a compreensão da degradação do espaço na cidade de Belém no romance através das experiências das personagens.

Palavras-chave: Espaço. Cidade. Degradação.

A DELIMITAÇÃO DOS ESPAÇOS EM A ESCRAVA ISaura: UM ALEGORIA DO RACISMO BRASILEIRO

MARCIO VINICIUS DO ROSÁRIO HILÁRIO

COLÉGIO PEDRO II

Tradicionalmente rotulado como um romance abolicionista, *A escrava Isaura*, de Bernardo de Guimarães, apresenta, à luz das concepções humanísticas, grandes contradições: ao mesmo tempo em que nitidamente defende o fim da escravidão no Brasil, revela fortes preconceitos em relação aos negros escravizados e sua ancestralidade africana. O objetivo inicial desse trabalho é buscar uma fundamentação teórica e uma explicação lógica para que discursos tão simetricamente opostos possam coexistir no pensamento de um escritor brasileiro oitocentista. Para além disso, a partir do que se lê na obra, tentaremos estabelecer conexões dialógicas com a sociedade brasileira dos dias atuais, buscando naqueles princípios do século XIX as raízes do racismo contemporâneo. De algum modo, ao apresentar como protagonista uma escrava quase branca, o romance parece legitimar uma ideia de que os traços fenotípicos de um indivíduo possam ter uma relação direta com o espaço em que ele esteja inserido. Logo, Isaura ? principalmente ela, tão linda, tão pouco negra ? não merecia ser escrava. Desse modo, se existe uma lógica que afirma ser alguém bonita demais para estar na cozinha ou na senzala, esse mesmo princípio implicitamente sugere que outrem lá pode estar por merecimento, como uma espécie de castigo para uma ausência de qualidades positivas, como, por exemplo, a alvura? considerada como padrão de beleza. Numa leitura atualizada, a partir do

romance, desejamos discutir principalmente o espaço legado ao negro não só naquela obra e naquela sociedade, mas, sobretudo, na sociedade brasileira atual.

A ESPACIALIDADE NO CONTO MARIDO, DE LÍDIA JORGE

ELISABETE DA SILVA BARBOSA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Este estudo tem a proposta de promover uma discussão acerca do modo como a escritora portuguesa Lídia Jorge (1946-), autora do conto *Marido*, se apropria de elementos espaciais por meio da linguagem para construir uma narrativa de ficção em que um jogo dialético se impõe, evidenciado pela caracterização das personagens. Nesse contexto, o masculino, relacionado a espaços exteriores, surge contraposto ao feminino, que ocupa o espaço interno e doméstico. A construção da narrativa revela, a partir da interação entre as duas personagens centrais, uma relação opressiva que é reforçada pela forma como os sujeitos em questão lidam com a espacialidade. Para este estudo, privilegiamos uma abordagem filosófica a partir da Poética dos espaços de Bachelard (2008) e *Mil Platôs* de Deleuze e Guatarri (2011), o que pode ser associado a conceitos provindos da geografia interpretativa para se elucidar um pouco o modo como a linguagem literária se apropria de elementos espaciais, com vistas à produção de um constructo estético. No esteio desse campo interdisciplinar, os conceitos de multiterritorialidade e de fronteira são privilegiados, os quais serão empregados com a finalidade de se buscar uma melhor compreensão dos lugares ocupados pelas personagens. A territorialização da figura feminina, a princípio centrada no *Marido*, é ressignificada ao final do conto. Lídia passa, portanto, por um processo de reterritorialização, o que se identifica com a tragicidade da própria morte. Além disso,

por meio do conceito de fronteira, busca-se uma interpretação do limiar entre o público e o privado como instâncias emblemáticas para que as personagens Lúcia e o Marido fossem construídas de forma dialética. Intenciona-se, dessa maneira, pensar o espaço como meio e objeto de sentido (MONTEIRO, 2002), pois não somente serve de pano de fundo para que a construção da trama literária seja efetivada, mas como um dos elementos da narrativa que interfere nas percepções do leitor a respeito da condição humana representada no texto.

A ESPACIALIDADE NO CONTO O MARIDO DE LIDIA JORGE

GÉSSICA DE SOUZA

UTFPR - CAMPUS PATO BRANCO

Na teoria da narrativa literária alguns elementos são de fundamental importância na construção das narrativas, tais como: o tempo, o narrador, os sujeitos e o espaço. Sendo esse último, o espaço, o mais completo elemento narrativo pois, dele derivam os outros elementos e, sem o qual não é possível a constituição da narrativa. O espaço literário determina tanto o ambiente físico com o ambiente psicológico da narrativa e é determinado como qualquer cenário onde a narrativa acontece. Sendo assim, temos o espaço como a primeira e principal informação dentro do texto. Os estudos sobre a espacialidade dentro da literatura tem-se intensificado no decorrer das décadas, tendo em vista, a necessidade de dissecação do texto literário. Foi pensando nessa importância dos estudos do espaço literário, que esse trabalho tem por intuito esboçar uma análise da estrutura espacial do conto ?O Marido? da escritora portuguesa Lídia Jorge, conto pertencente a obra: ?O Marido e Outros Contos?. O conto em questão é um texto contemporâneo que possui uma narrativa fluida, onde mais de um espaço é apresentado ao leitor, tanto físicos quanto psicológicos, permitindo, assim, análises imagéticas e metafóricas dos referentes espaços. A partir dessa afirmação e, para embasar a proposta de análise do conto ?O Marido?, serão usados os estudos teóricos de Gaston Bachelard, em sua obra ?A Poética do Espaço?, onde o autor nos apresenta o conceito de topoanálise. Definição, essa, que estará presente durante todo o

processo de dissecação do espaço na narrativa de Lidia Jorge. Também serão usados os estudos sobre o espaço de Ozíres Borges Filho, Luis Alberto Brandão, e outros estudiosos do campo da espacialidade literária. É importante destacar que, o espaço literário acontece desde a primeira frase de uma narrativa, pois, trata-se de onde essa narrativa está acontecendo e onde o leitor a está ambientando, mesmo sem nenhuma descrição de ambiente físico. Por isso, é possível afirmar que todos os outros elementos da narrativa, encontram-se dentro de apenas um: o espaço literário.

A IDENTIDADE DO NEGRO E O ESPAÇO EM? CLARA DOS ANJOS? DE LIMA BARRETO

MARCIO ANTONIO DA COSTA SANTOS
UFGCATALÃO

Prof. Dr. Ozíris Borges Filho

O presente trabalho tem por objetivo analisar a desconstrução da imagem do homem negro através da obra Clara dos Anjos de Lima Barreto. A pesquisa será analítica. Utilizaremos as obras de Osman Lins (1976) como referencial na abordagem do espaço e Silva(2012) Hall(2012), Woodward(2012) como principais obras sobre a teoria da identidade. Demonstraremos a importância do espaço para a caracterização das personagens e como ele influencia o desenvolvimento e compreensão da narrativa. Segundo Woodward, a construção da identidade é referencial, depende de algo que está fora dela, de outra identidade que difere de si, mas que fornece condições para sua existência. Ela é marcada pela diferença (2012. p 9) Desta forma, a imagem do negro na sociedade brasileira até o século XIX foi determinada pela sociedade dominante, formada por senhores de escravos, detentores do poder político, econômico e religioso. Neste contexto, o homem negro perdia sua condição de homem e tornava-se apenas um animal utilizado como força de produção. Assim identificado, não podia ser sujeito de si e desta forma a literatura reproduzia-o e retratava-o em segundo plano, com discursos que reforçavam o pensamento de que ele não era pessoa humana nem poderia ter voz. Em Lima Barreto, na obra Clara dos Anjos, poderemos ver a ascensão do negro à posição de protagonismo de sua narrativa e não apenas com objeto na narrativa.

Palavras-chave: literatura. Identidade. Espaço literário.

A LIRICIZAÇÃO DO ESPAÇO COMO MECANISMO DE DEFLAGRAÇÃO DO INSÓLITO FICCIONAL EM APARIÇÃO, DE VERGÍLIO FERREIRA

MARCUS VINÍCIUS LESSA DE LIMA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE UBERLÂNDIA

CNPq

A partir dos textos de Marisa Martins Gama-Khalil e Fernando Alexandre de Matos Pereira Lopes, ambos presentes no volume *O espaço literário* na obra de Vergílio Ferreira (2016), buscamos analisar como em *Aparição*, assinado pelo autor português contemplado pela obra teórica acima referida, a percepção do espaço pelo narrador autor-ficcionalizado corrobora uma leitura do romance segundo a ótica das teorias do fantástico, no âmbito do insólito ficcional considerado como elemento de desnormalização discursiva, inscrito seja no domínio do desvio da norma, segundo Mukar?vsky, seja no da desautomatização e do efeito de estranhamento, segundo Chklóvsky. Para essa leitura, será importante recorrer ao ensaio *Da fenomenologia a Sartre*, de Vergílio Ferreira, e ao texto sartriano *A transcendência do Ego*, bem como às observações do autor português nos volumes publicados de seus diários (*Conta-Corrente I-V*), de modo que possamos perceber que é a intuição de si para si ? ou ?[a] presença de mim a mim próprio e a tudo o que me cerca?, que, conforme o narrador de *Aparição*, ?é de dentro de mim que a sei? (FERREIRA, 1971, p. 10, grifo nosso)?, a consciência de si que operará como elemento deflagrador de uma percepção insólita do espaço ressaltando o caráter vertiginoso, fantástico, absurdo (para usar vocábulos caros a Vergílio Ferreira) da autoconsciência e da existência

humanas. Compreendendo o insólito, com Lenira Marques Covizzi, como o elemento que faz irromper o ?inverossímil, incômodo, infame, incongruente, impossível, infinito, incorrigível, incrível, inaudito, inusitado, informal? (COVIZZI, 1978, grifos da autora), podemos propor uma leitura do romance em questão (partindo de um outro romance vergiliano, o posterior Alegria Breve) considerando-o um momento conceitual em que o ser humano é definido como o ser insólito no âmbito do espaço autorregulado(r) da natureza, seguindo considerações de Martin Heidegger, em *The Ode on Man in Sophocles? Antigone*, e de Jean-Luc Nancy, em *Corpo, fora*, com o suporte de Michel Foucault, em *O corpo utópico*; As heterotopias, para a análise do domínio do simbólico (da linguagem humana) como espaço semântico-discursivo propício à produção conceitual tanto da norma quanto do insólito que a desarticula.

A PRAÇA DA SÉ E A PEREGRINAÇÃO DA VELHA AURIDÉA

RAFAEL SENS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

O escritor carioca Victor Giudice lançou seu livro de estreia, "Necrológio", em 1972; uma coletânea de contos em que se encontra o terceiro intitulado "A peregrinação da Velha Auridéa". Nele, somos transportados a uma praça da Sé física, geográfica e sensorial através da estrutura dos contos populares e do realismo mágico onde o leitor deparar-se-á com um deslocamento total que perdurará ao longo de muitos outros contos restantes do livro. Ele se inicia em uma das mais populares regiões de São Paulo descrita de maneira tão conhecida e comum quanto. Através desta abertura, da descrição banal e identificável, da coloquialidade do texto e da simplicidade das primeiras características, o leitor pode facilmente se colocar no ambiente proposto pelo narrador, dentro do intervalo rápido das poucas páginas que duram o conto. O encontro com o maravilhoso em "A peregrinação..." coincide com a apresentação de uma corrida geográfica que partirá de um lugar tão comum, a igreja da praça da Sé e sua escadaria, para mais outras oito igrejas fictícias. Os nomes inventados são identificáveis por serem permutas possíveis de termos que são comumente utilizados na nomeação de igrejas e imagens cristãs, sendo palavras que remetem a ideias centrais da religião: a santidade, a castidade, o caso milagroso, a penitência adjunta da dor ou do sacrifício. Estas mesmas características são praticamente sinônimos dos temas centrais do conto: esmola, o jejum e a oração. As igrejas

de Auridéa não existem fora de seu universo fictício, mas convencem o leitor através de um mecanismo de verossimilhança com a realidade, pois remetem a nomes que são extremamente possíveis e são refutados somente perante pesquisa. Analisando a construção deste espaço, que é visto através de olhos mágicos e embaçados de uma narração transgressora, realizo um percurso que abrange questões como a literatura maravilhosa, o realismo mágico, o conto popular, o absurdo, a religião e, principalmente, a crítica social, já que antes de sermos empurrados para um mundo de igrejas fictícias e fantasiosas, de jornadas heroicas, moedas encantadas e feiticeiras concedentes de magias, somos localizados em um pequeno espaço físico que não foge à realidade: o primeiro degrau da escadaria da Sé, ainda hoje repleta de pedintes à mercê da esmola pública, da caridade e dos milagres.

AMARO MAR: O ESPAÇO MARÍTIMO COMO GERADOR DE EPIFANIA EM VIVA O POVO BRASILEIRO

MARIA DAS GRAÇAS MEIRELLES CORREIA
INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA

sem fomento institucional

O presente trabalho visa a discorrer sobre a presença do mar na construção do espaço epifânico no percurso da personagem Venância, no romance *Viva o povo brasileiro*, do escritor baiano João Ubaldo Ribeiro. O romance remonta a quatro séculos da história do Brasil e o trecho a ser analisado com vistas a traçar o percurso epifânico da referida personagem localiza-se na segunda década do século XIX. A referencialidade histórica se localiza no período da escravidão, precisamente aos 12 de junho de 1827, na edição de *Círculo do Livro* de 1984, o trecho estende-se entre as páginas 117 a 121, mas remonta a uma sequência iniciada entre às páginas 80 a 82 quando a personagem Venância torna-se vítima de um estupro por parte do seu senhor, o Barão de Pirapuama. Este fato confirma o destino de predestinação sob o qual a personagem nascera e tal destino inter-relaciona-se com o mar, sendo, pois, o percurso da personagem marcado por situações nas quais o espaço marítimo será preponderante para o curso da narrativa romanesca. Dentre outros, quatro são os eventos cujo mar interfere na trajetória de Venância ao longo do romance, a saber: o nascimento da personagem; o momento em que dar à luz a Maria da Fé, heroína da trama; quando assume o comando de barco pesqueiro e, por fim, quando é brutalmente assassinada por homens que tentam estuprar sua filha

adolescente. Nestes termos, o presente artigo volta-se para analisar como o espaço do mar contribui com a redenção da personagem fazendo-a, por meio da rememoração da condição de liberdade das baleias, caçadas na Baía de Todos os Santos, macro espaço onde grande parte do enredo romanesco se desenvolve, retomar o desejo vital de enfretamento da sua condição de sujeição. O autor João Ubaldo Ribeiro, ancorado em fatos históricos, remonta ao período da pesca da baleia no Bahia e usa a descrição do processo de acasalamento dos mamíferos para referencializar o princípio do processo epifânico pelo qual passa a personagem após a experiência do estupro. Assim, diversos espaços encenados no trecho em análise remetem ao processo pré epifânico, epifânico e pós epifânico, sendo o mar o local onde, ao mesmo tempo que funciona como espaço de redenção, é por meio dele também que Venância assume a tomada de consciência de sua condição de escravizada e da desapropriação do próprio corpo.

Palavras-chave: Espaço marítimo, análise narrativa, literatura baiana, João Ubaldo Ribeiro

ANAMORFOSES ESPACIAIS NO ROMANCE "AS MENINAS", DE LYGIA FAGUNDES TELLES

MARIA DAS DORES PEREIRA SANTOS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise da constituição da espacialidade literária no romance "As Meninas", de Lygia Fagundes Telles, pautada nos procedimentos artístico-literários de constituição da anamorfose. Este romance, publicado em 1973, apresenta a temática da violência ditatorial encarnada na vida de três personagens femininas: Ana Clara, Lia e Lorena, jovens universitárias que "testemunham" em suas trajetórias os "Anos de chumbo". A articulação dos discursos dessas três personagens-narradoras, que "funcionam" como ecos entrecruzados de monólogos interiores e fluxos de consciências, instauram uma narrativa que tem como força motriz relatos sobre a morte, conferindo ao discurso literário um caráter fragmentário e ruínico ao "dar a ver" no tempo/espaço do romance uma desordem na descrição de fenômenos cotidianos vivenciados dramaticamente. Diante disso, tomaremos como base para a análise a observação de elementos tais como narrador-personagem, tempo e espaço, buscando compreender como essa tríade opera na instauração de efeitos expressivos que sugerem a presença da figura (neo)barroca da anamorfose. Como ponto de ancoragem para a análise dos modos de elaboração desse artifício na narrativa lygiana, tomaremos os processos de focalização localizados na linguagem do romance, destacadamente nas configurações óticas (de)formadoras das referências espaciais construídas no/pelo discurso das narradoras-

personagens. A base teórico-metodológica que utilizaremos para amparar o estudo dos elementos anamórficos de construção da espacialidade nessa obra toma como suporte, entre outras, as contribuições de Roland Barthes (1982) e Walter Benjamin (1984) cujas reflexões iluminam os modos de aparição desse recurso artístico e seus efeitos estéticos na forma romanesca. Pretende-se, por fim, com essas discussões sobre o romance "As Meninas", contribuir para o reconhecimento de que há entre a obra e seu contexto, o fato histórico-político da Ditadura militar no Brasil, articulações expressivas que operam a síntese entre crise social e criação artística.

AS MANIFESTAÇÕES INSÓLITAS DO ESPAÇO EM O MISTÉRIO DA ESTRELA? STARDUST, DE NEIL GAIMAN

BRUNO SILVA DE OLIVEIRA
UFU/ IF GOIANO

O espaço é um dos elementos narrativos pelos quais o insólito ficcional se manifesta. Logo, parte-se da premissa de que o espaço em que as narrativas insólitas transcorrem é tão importante quanto as personagens que nele atravessam, uma vez que é por meio dele que se percebe a transgressão às leis do mundo prosaico e esse espaço pode suscitar estranhamento e inquietação no leitor, pois faz esse se questionar se aquele espaço existe realmente. Quando se lê uma narrativa da vertente do maravilhoso, o "era uma vez" são palavras mágicas que, como o pó de pirlimpimpim, transportam o leitor para um mundo de inúmeras possibilidades, povoado de fadas, duendes, bruxas, dragões entre outros; o que não significa um ato de fuga ou evasão da realidade por parte do leitor, mas uma base sob a qual ele poderá reler o "seu" espaço "real", pois os mundos insólitos têm sua arquitetura construída a partir da base de real que o leitor tem. Assim, propõe-se discutir como os espaços se configuram no romance maravilhoso O mistério da estrela ? Stardust, de Neil Gaiman, focalizando os seus sentidos e como possibilitam a instauração do insólito na referida narrativa, que é um conto de fadas escrito na contemporaneidade, mas ambientado na segunda metade do século XIX.

CARTOGRAFIA AFETIVA: A INSCRIÇÃO DO ESPAÇO CARIOCA NA POÉTICA MACHADIANA ? UM ESTUDO DE CORRESPONDÊNCIAS, CRÔNICAS E ROMANCES

PRISCILA FERNANDES BALSINI UNIVERSIDADE
PRESBITERIANA MACKENZIE

Machado de Assis era apaixonado de tal forma pelo Rio de Janeiro, que pegou-lhe emprestado o espírito para compor seus textos. Foi nas crônicas que mais enalteceu sua cidade natal. Mas também achamos indícios desse encantamento nas cartas e nos romances ambientados no espaço carioca, com destaque para Dom Casmurro e Memorial de Aires. Assim como o escritor, suas personagens passeiam pelas ruas do Centro, vão do Catete a Botafogo, passam dias na Tijuca e na serra carioca. Nesse sentido, a máxima de Tchekhov parece ter sido seguida à risca por seu contemporâneo brasileiro: escrever apenas sobre aquilo que se conhece. No caso machadiano, o enamoramento pela terra natal se mostra tamanho que a própria cidade ganha vida e personalidade, tal qual as personagens de seus romances. Os bairros da Glória e do Flamengo, emoldurados pelo mar, em Dom Casmurro, são peças centrais que se mesclam aos pontos de tensão do texto. Em Memorial de Aires, o Conselheiro Aires circula pelo território carioca, fazendo com que o leitor consiga reconstituir e flunar pela cidade do século XIX. Aires descreve o cotidiano do local, enaltece sua beleza e seus costumes, e chega a desdenhar de tudo o que viveu no exterior, como diplomata, em troca de passar os últimos anos em ?casa?. Machado de Assis cria uma personagem com olhos enamorados da beleza de sua

cidade, numa espécie de saudade e de despedida antecipadas de alguém que já chegou ao poente da vida. Flagramos o encanto do autor também em algumas de suas cartas, principalmente na correspondência com Veríssimo, em que chega a autoproclamar-se um ?carioca enragé?. Mas, se tratando de Machado, precisamos estar atentos às máscaras. Será que a imagem do ?carioca enragé? não estaria dissimulando uma certa frustração pela impossibilidade de conhecer outras localidades no Brasil e no mundo, resultado de sua enfermidade? Por outro lado, o autor só poderia falar com propriedade da cidade que conhecia, sendo esta a capital do país e celeiro para os principais expoentes políticos, econômicos, sociais e culturais. Nesse sentido, ao falar do Rio, Machado colocava-se como uma voz privilegiada, inserindo-se, mesmo que geograficamente, no círculo de intelectuais da capital. À maneira de biodiagramadores, recolhemos e integramos os pontos luminosos de correspondências, crônicas e romances. Construimos com esses pontos uma forma de acesso às reflexões machadianas relacionadas ao espaço carioca inseridas em sua poética. Nossa expectativa foi a de levar a termo o enunciado de Bakhtin (2003, p.316), que apregoa: ?ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência, a consciência do outro e seu mundo, isto é, outro sujeito?. Travamos, desta forma, um encontro dialógico entre indivíduos, consciências, lugares e culturas. Verificamos que Machado prepara a argamassa de sua obra com elementos da memória,

da história e da ficção, que uma vez reunidos parecem feitos da mesma matéria.

CHIMAMANDA NGOZI ADICHE E SEUS DESLOCAMENTOS EM AMERICANAH

REGINA FATIMA OLIVEIRA DE SA
UERJ/ COLÉGIO PEDRO II

Este estudo objetiva evidenciar a dimensão sensorial dos espaços urbanos no livro *Americanah* (2013) da nigeriana Chimamanda Ngozi Adiche (1977-). Enquanto leitores, conhecemos uma gama de personagens africanos e estadunidenses ao adentrarmos suas casas, trabalhos, escolas e salão de beleza. Via ficção, podemos estar em Lagos, Londres ou Princeton no tempo presente ou rememorado, desde a adolescência da personagem principal, Ifemelu. Essa movimentação intensa, tão característica da contemporaneidade, gera uma pluralidade de sensações; entre elas, a sensação de angústia pelo não pertencimento integral a nenhum dos espaços (desenraizamento). Mas, com suas configurações novas do visível, do dizível e do pensável (Rancièrè, 2010a), com seu lirismo e também humor, Adiche nos dá uma narrativa desconcertante, sensorial, divertida, e por isso afirmativa. Afinal, trata-se de uma história de amor sobre seres plurais, cidadãos híbridos, no qual ora o leitor se identifica, ora estranha, sentindo-se em casa ou um completo turista numa terra desconhecida. Adiche, com sua arte, trabalha nestes encontros entreculturais e faz com que o leitor perceba o apagamento das fronteiras entre o nacional e colonial, saindo da egológica cartesiana da modernidade para uma geológica que abre espaço para as interrogações sobre as produções univocais de significado e as verdades do mundo atual. Como a própria Adiche alerta

em seu famoso TED talk: existe perigo na ?história única?(2009). Este trabalho terá por base os pressupostos teóricos de Robert T. Tally Jr.(2013), Sten Pultz Moslund (2015), e de Edward W. Soja (1996), com especial interesse nas questões de espaço que são depuradas em suas obras a partir de Kant, Heidegger, Deleuze, Tilley, Böhme, Boehmer e Lefebvre. Em um último deslocamento entre obra e vida, este trabalho também pensará o espaço ocupado por Chimamanda Adiche enquanto autora. Afinal, Adiche reescreve a ?África?. Embora ela use características da africanidade, tais como a tradição oral, noções de ancestralidade, e o idioma igbo, ela faz parte da escola achebiana de literatura inserida no que foi denominado ?terceira geração de escritores nigerianos?. Esses escritores preferem abordar os problemas sociais contemporâneos, seus deslocamentos, e escrever ficção urbana por acharem essa uma forma mais eficiente de ressignificar seu país de origem. Adiche, que virou uma pessoa pública de bastante sucesso, além da autoridade conquistada pelas premiações e seu trabalho acadêmico, tem um papel e espaço de atuação importante e diferenciado.

DA CASA À CAPELA, DO RIACHINHO AO HOMEM: O ENTRELAÇAMENTO DOS ESPAÇOS DA NARRATIVA DE

NÁDIA GARCIA MENDES
UFRJ

"Uma estória de amor", de acordo com a 1^o edição, é a segunda estória de Corpo de baile e a primeira das três parábases pensadas por Guimarães Rosa. Narrada a partir do ponto de vista de Manuelzão, que chega à fazenda da Samarra para trabalhar, a narrativa traz como acontecimento central os preparativos da festa que se faria para inaugurar a capela de Nossa Senhora, construída por iniciativa de Manuelzão. Nos preparativos da festa e no festejo em si, percebemos não ações, mas os dramas pessoais do personagem Manuelzão, que, após anos de viagens e andanças como vaqueiro, escolhe se instalar na fazenda da Samarra, que pertence a Frederico Freyre. Orgulhoso da confiança depositada pelo patrão, que deixa a Samarra sob a responsabilidade de Manuelzão, o personagem se entrega à vontade de fazer crescer a região. Nas emoções e pensamentos do personagem, no entanto, outras questões vinham à tona, como a solidão, marcada pela ausência de uma companheira, o medo de permanecer como empregado, a distância afetiva do filho, que embora estivesse morando próximo, permanecia estranho aos projetos do pai. Observamos que os dilemas íntimos de Manuelzão, aflições, dúvidas e questões, são entrelaçados pela presença dos espaços da narrativa. A composição da fazenda revela a trajetória do homem Manuelzão. Na casa, no riachinho, na capela estão as marcas do

personagem, que mobiliza novos significados para sua vida, com a construção da Samarra. Apresentamos uma proposta de comunicação que objetiva realizar a leitura da estória de Guimarães Rosa, orientada pelos sentidos forjados pela composição dos espaços na narrativa de "Uma estória de amor", buscando, sobretudo, as interpretações de Gaston Bachelard, em A poética do espaço. Acrescentamos ainda que consideraremos como espaço da narrativa, em "Uma estória de amor", a relação afetiva estabelecida entre o personagem Manuelzão e a Fazenda da Samarra, principalmente, no que diz respeito ao riacho, assim como à construção da casa de Manuelzão e da capela dedicada à Nossa Senhora.

Palavras-chave: Narrativa. Espaço. Personagem. Guimarães Rosa.

DA CIDADE AO ESQUECIMENTO: PRINCÍPIOS DA TOPOANÁLISE EM LEITE DERRAMADO, DE CHICO BUARQUE

ALLYSSON DAVI DE CASTRO

UFPI

CNPq

Não é muito difícil de se chegar à conclusão de que a cidade ocupa um espaço majoritário na literatura brasileira desde o fim do século XIX, com a ascensão do romance, e de forma mais incisiva nas narrativas contemporâneas. A forma como a cidade é representada no romance vai para além de uma mera representação e acaba por revelar questões de ordem social, política e cultural. Se o espaço urbano já é em si um lugar de rearranjos, de movimento, de fluxo, na contemporaneidade esse espaço é potencializado, de forma que acompanha o crescimento da metrópole e da própria sociedade com toda a sua complexidade. Na realidade, toda descrição na narrativa que envolve o aspecto urbano funciona como um elemento fundamental para se entender as personagens que ali transitam, já que ele expõe, quase como um reflexo, o homem urbano em seu mais alto grau de subjetividade: um indivíduo fragmentado, um andarilho, um flâneur. E talvez um dos retratos mais contundente dessa modernidade esteja em Leite derramado (2009), quarto romance de Chico Buarque. A narrativa desta obra se estrutura sob a forma de um monólogo, em que as reminiscências de um centenário desenham uma cidade no intervalo de dois séculos, por meio das vivências da família Assumpção. Posto isso, o presente trabalho objetiva fazer uma leitura

topoanalítica do romance em questão, privilegiando uma abordagem que endosse aspectos da condição urbana e, a partir disso, investigar como esse tipo de abordagem contribui para a captação do universo urbano, por meio de imagens e metáforas espaciais. Para isso, serão utilizadas, como suporte teórico, diversas teorias de outras áreas do conhecimento, como da sociologia e da geografia, bem como as teorias do espaço ficcional, tendo em vista a busca por uma visão integradora e uma investigação interdisciplinar, de modo a contribuir com as teorias do espaço literário. Para isso, os estudos de Tuan (2005), Borges Filho (2007), Santos (2014), Sarlo (2014) dentre outros, servirão de base teórica para fundamentar a discussão acima pretendida.

02/

DA POÉTICA DO RIO A OUTROS ESPAÇOS DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

DIOGO DOS SANTOS SOUZA*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS INSTITUTO
FEDERAL DE ALAGOAS

CNPq

O presente projeto de pesquisa propõe realizar um estudo crítico-analítico, analisando a simbologia do rio em três obras cabralinas que podem ser lidas como uma trilogia da figuração do espaço: O cão sem plumas (1949-1950), O rio ou relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade de Recife (1953) e Morte e Vida Severina: auto de Natal pernambucano (1954-1955). No primeiro livro desse tríptico do rio?, a imagem desse espaço é tecida por meio de variadas comparações, tendo como principal a metáfora do rio na figura do cão. Já na obra seguinte, é possível encontrar uma espécie de continuidade com o trabalho da imagem do rio, mas num outro modo de versejar, pois apresenta-se um trajeto poético das águas do rio até Recife. A dicção lírica próxima ao discurso oral aproxima esse livro de Morte e Vida Severina: auto de Natal Pernambucano, mostrando que a relação de similitude existente entre esses dois textos não é só de ordem temática, como também composicional. Autores como Bachelard (2008), Brandão (2013) e White (1991) são as principais fontes teóricas que baseiam a discussão sobre a representação do espaço. Assim, os resultados iniciais desta pesquisa mostraram que tanto o rio se comporta como um agente narrativo que nos conduz a um percurso poético pelo espaço regional do sertão quanto se transforma num

lugar que se constitui na complexidade da composição de uma personagem, como, por exemplo, Severino. A partir das leituras que já foram realizadas, é possível notar que os espaços poéticos cabralinos dos livros citados dialogam, ora complementando-se, ora formando novas zonas de leitura quando se entrecruza os signos do rio. Além disso, o estudo desse tipo de espaço pode oferecer chaves de leitura para a compreensão de outros lugares que figuram numa posição importante na poesia cabralina, como o cemitério e a cidade.

PALAVRAS-CHAVE: João Cabral. Espaço. História

* Estudante de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas e Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Alagoas, Campus ? Piranhas.

DAS PAISAGENS AOS POEMAS: A INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO PAULISTANO POR MÁRIO DE ANDRADE

ADRIANE LIMA PINHO

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

RENAN CALDAS GALHARDO AZEVEDO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Mec-sesu

Diferentes trabalhos sobre paisagens se fundamentam principalmente em metodologias visuais, buscando a interpretação de diferentes elementos visuais em um determinado recorte espacial. No entanto, segundo Jean-Marc Bessé (2014), o sentido visual não pode ser considerado o único instrumento de interpretação de paisagens. As experiências paisagísticas são dimensões polissensoriais, podendo até mesmo serem interpretadas por meio de poemas. Essa ousadia de se pensar poeticamente as paisagens do território brasileiro considerando as suas diferentes manifestações culturais e antropológicas teve no Modernismo Brasileiro o nome fundamental de Mário de Andrade. Em seus poemas Mario descreve (de forma hodológica) inúmeras paisagens que representam diferentes recortes espaciais do Brasil, principalmente as paisagens de São Paulo, cidade esta que aparece em inúmeros dos seus versos. O poeta incentiva o leitor a conhecer as diferentes paisagens da cidade em suas obras. Em *Inspiração*, de Paulicéia Desvairada, convida o leitor a imergir na afeição da voz que diz, sem sublimações comedidas, ?São Paulo! Comoção de minha vida?. Já em *Tietê*, o rio e seus

elementos revelam a história da cidade e a própria personificação da essência plurificada de São Paulo por meio dos seus recursos imagéticos. À margem do rio tudo acontece. Do rio vivo ao rio estéril. Nas suas águas o caminho da história se fez guia pelos bandeirantes, desbravadores do território, habitados pelo ?entusiasmo? e ?ambição? de povoar a terra. Sobre a paisagem do Tietê uma cidade se revela. Por fim, a paisagem da cidade também provoca em Mario uma áurea nostálgica (ainda que ácida) como em Paisagem número 1. O eu-lírico aparece totalmente imerso, absorto na metrópole declamada no seu otimismo mais extasiado: ?Minha Londres das neblinas finas?. A resignificação dos componentes processadas pela ótica do poeta oferece novos caminhos que desnaturalizam as funções habituais. As ?pernas das costureirinhas [são] parecidas com bailarinas?, os elementos climáticos completam o sentido do texto: ?O vento é como uma navalha nas mãos dum espanhol?, e o confronto com o urbano ocorre: ?Este friozinho arrebitado dá uma vontade de sorrir!? e ?À inquietude alacridade da invernia, como um gosto de lágrimas na boca...?, acarretando em uma toada sinestésica admirável. Como pôde-se perceber inúmeros são os poemas de Mario que descrevem e exemplificam a sua forma de interpretar a paisagem geográfica da cidade de São Paulo, descortinando todos os simbolismos existentes em cada elemento da paisagem local. Desta forma buscaremos neste trabalho demonstrar um pouco da ótica do poeta e de sua interpretação sobre os diferentes espaços e paisagens presentes na Geografia de São Paulo.

Palavras Chave: Mário de Andrade. Paisagens. Poemas.

DE UM ESPAÇO A OUTRO: A RELAÇÃO ANÔMALA ENTRE O BANHEIRO E A CIDADE EM "O ARQUITETO"

CLÉBER DUNGUE

USP - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

CNPq

" Eu tive a ideia dessa cidade sentado na privada com prisão de ventre". Assim Bernardo Carvalho começa o conto "O arquiteto", publicado em 1993 no livro "Aberração". O substantivo abstrato, tomado como título, ganha diferentes conotações em todos os onze textos que compõem a obra. Considerada a diversidade de sentidos que o termo vai adquirindo no conjunto textual, a sua repetição pode ser entendida como um expediente que garante uma certa convergência semântica e estilística. Não seria inconsistente, portanto, argumentar que se trata de uma coletânea de aberrações variadas. Inserido nesse contexto, "O arquiteto" pode ser analisado com base no significado do substantivo "aberração", o qual se abre para diferentes linhas de interpretação. Já no início do relato, o narrador assinala o desarranjo do seu intestino, que o faz passar muito tempo no banheiro sem conseguir evacuar. A fim de se distrair, dar sentido ao momento ocioso ou desprender-se da incômoda situação em que se encontra, ele começa a conceber uma cidade a partir da observação cuidadosa do piso, das paredes e dos demais objetos que compõem o banheiro. O espaço destinado à higiene inspirou e deu forma a uma insólita urbe subterrânea. O mundo inventado pelo protagonista parte da configuração concreta do lugar que o circunda enquanto está sentado em um vaso sanitário, ganhando, por fim, uma conotação sublime no plano do imaginário.

Assim, não seria absurdo pensar na existência de um princípio de equivalência entre a dificuldade de evacuar e a imaginação. Essa correspondência orientaria os devaneios arquitetônicos, ou seja, haveria uma estreita relação entre a retenção das fezes e o delírio criativo. Tal condição aproximaria o abjeto do sublime, principalmente, pelo trânsito que conecta os domínios do baixo aos do alto. Nesse sentido, convém ressaltar que o procedimento inventivo se configuraria a partir de um desvio, o qual decorre, em princípio, de uma anomalia da função desempenhada pelo intestino do personagem-arquiteto em vez de expelir, retém-se a massa fecal. Em decorrência das perturbações intestinais, ele se sente impulsionado ao fazer criativo. Parece imprescindível, portanto, considerar a relação do termo aberração com a questão corporal e o planejamento estético do espaço.

DEZEMBRO NOS PARA-BRISAS: O ESPAÇO EM ?;GUA!?, DE LUIZ RUFFATO

ALAN BRASILEIRO DE SOUZA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FAPDF

RESUMO: Este estudo tem como objetivo apresentar uma leitura do conto ?;Gua!?, do escritor mineiro Luiz Ruffato (2005), tomando como perspectiva de abordagem a análise da construção do espaço nessa narrativa, observando-o tanto enquanto categoria compositiva da estruturação do relato, responsável pelo enquadramento das personagens ? retomando o pensamento de Osman Lins (1976) ?, bem como elemento inscrito no processo de construção de significados plasmado pelo texto. Narrado em terceira pessoa, o relato desdobrado em ?;Gua!? concentra-se predominantemente em um único dia, véspera de natal, e em um espaço inominado, isto é, apenas nos é revelado que se trata de algum ponto do centro da cidade de São Paulo. Assim, sob estes contornos, acompanhamos alguns instantes do dia de uma vendedora ambulante hispanófono, que, subentende-se, se trata de uma imigrante ilegal. A partir da tensão que é criada entre esses elementos, constrói-se no texto um intrincado processo de simbolização crítica e estética em que, compreendemos, a espacialidade assume posição central. Dessa maneira, propomos que o espaço, como um móvel, é manipulado pela/na arquitetura do conto de tal modo que disso decorre o que compreendemos como três modulações do uso da espacialidade no texto, quais sejam: i) os espaços descritos pelo narrador ? rua, possivelmente, do centro da

cidade de São Paulo e ?os fundos de um galpão no [bairro do] Bom Retiro? (RUFFATO, 2005 s.p.), nessa mesma cidade-; ii) o sugerido pela voz das personagens em relação dialógica ? aqui, além de permitir o vislumbre dos contornos físicos da espacialidade (de algum ponto, talvez genérico, do centro da cidade de São Paulo), ocorre o que poderíamos observar como um preenchimento simbólico do espaço -; iii) a estruturação do texto no espaço da página ? partindo da observação de que o conto é composto em um bloco narrativo formado por um único longo parágrafo, propomos que este último ponto de espacialidade emerge no texto criando um jogo de perspectiva que, ao apontar para tanto para os dois eixos indicados anteriormente como para o desdobramento temporal da narrativa e para a composição das personagens, lança o olhar do leitor para a compreensão da arquitetônica da obra de Ruffato. Para a efetivação dessa análise, tomaremos como fundamentação reflexões colhidas nas obras de Francismar Ramirez (2012), Gaston Bachelard (1993), Luís Alberto Brandão (2013,2015), Massimo Canevacci (1993), Osman Lins(1976) e Regina Dalcastagnè (2015).
Palavras-chave: Luís Ruffato. Espaço. Cidade. Literatura.

DIÁRIO DE LEITURA: UM ESPAÇO DE MEDIAÇÃO

JOSUÉ RODRIGUES FRIZON

COLÉGIO FRANCISCANO CRISTO REI - MARAU-RS

O presente trabalho busca apresentar o relato de experiência de uma mediação de leitura que foi realizada com alunos de 8º e 9º ano, de uma escola privada, no município de Marau - Interior do Rio Grande do Sul. O objetivo desta mediação foi o de inicialmente verificar, através da criação de Diários, as leituras realizadas pelos jovens leitores em formação. Além disso, buscou-se contribuir para a formação de novos leitores literários, sobretudo de leitores de literatura gaúcha, por meio de mediações realizadas na biblioteca escolar da instituição. Inicialmente foi proposta aos alunos, pelo professor pesquisador, no início do ano letivo 2017, a produção dos diários. Aceita a tarefa, num segundo momento iniciaram-se as visitas a biblioteca escolar. O docente deu a possibilidade aos educandos para que também fizessem o registro de filmes, séries, jogos, letras de músicas, entre outras atividades que fazem parte do cotidiano destes. Assim, buscou-se incentivar igualmente o hábito da escrita por parte do público-alvo, ao mesmo tempo em que se procurou ter uma percepção maior sobre as leituras realizadas pelos jovens. A atividade possibilita algumas reflexões: seja em material impresso ou no meio digital, é grande a diversidade de leituras realizadas. Também é possível afirmar que os registros se tornaram hábito cotidiano para um número significativo de participantes. Ao final da mediação de leitura, obviamente, espera-se ter contribuído para a formação de

novos leitores e se ter uma maior reflexão sobre o comportamento leitor dos discentes.

DO (IN)VISÍVEL NA DIMENSÃO DAS ESPACIALIDADES RE(A)PRESENTADAS EM O BURRINHO PEDRÊS: REFLEXÕES SOBRE LUGARES DEMARCADOS PARA HOMENS E MULHERES NARRADOS

MARIA DE LOURDES DIONIZIO SANTOS
UFCG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE
CNPq

Trata-se de uma leitura sobre a representação espacial na obra *O burrinho pedrês*, de João Guimarães Rosa. Partimos do pressuposto de que os espaços de homens e de mulheres re(a)presentados na referida obra (casa, campo e cidade), deixam perpassar, na tessitura narrativa, distinções que revelam demarcações dos espaços a serem ocupados por homens e por mulheres. Percebemos, através dessa leitura, que as raras mulheres mencionadas na narrativa, ou estão confinadas no espaço da casa, ou no imaginário masculino. Contrapondo-se a esta limitação espacial, encontramos os homens, cuja mobilidade excede em muito essa condição, tendo em vista sua prerrogativa de ser livre que, em nossa sociedade, ainda patriarcal, pode locomover-se por diversos espaços, sem fronteiras. Nessa perspectiva, ao observarmos o silêncio latente, nessa obra, contribuindo para a invisibilidade a figura feminina, percebemos que as personagens masculinas percorrem quase todo o espaço da narrativa. Dessa forma, a partir da breve aparição da personagem Maria Amélia, assim como da figura invisível, porém estigmatizada, da namorada do Badu, em torno da qual se estabelece um

clima de ciúme, uma disputa e instaura-se um conflito no enredo, somos instigados a discutir a aparição desses seres nas múltiplas espacialidades que a estrutura narrativa revela. Para fundamentar este estudo, além da obra em discussão, faremos recurso às leituras de textos que abordam a questão do espaço na representação da obra literária, a exemplo de Tadié (1999); Blanchot (2001); Cassirer (2001 e 2011), Bachelard (1978); Cunha (1998); Thomas e Dalcastagnè (2011); Borges Filho (2007); Borges Filho, Lopes e Lopes (2015); Barbosa e Borges Filho (2014); Marques (2014), entre outros, com os quais buscaremos estabelecer diálogo, no sentido de aperfeiçoar nosso conhecimento neste âmbito do Conhecimento. Dessa maneira, buscamos contribuir com a disseminação e o revigoramento da cultura brasileira e universal, através das reflexões acerca da espacialidade que a obra rosiana suscita.

DO REAL AO IDEAL: O ESPAÇO COMO OBJETO DE (RE)CONQUISTA EM A NOITE DAS MULHERES CANTORAS DE LÍDIA JORGE

LUDIANI RETKA TRENTIN
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO
PARANÁ - UTFPR

Uma das tendências da literatura pós-moderna é por em cheque o conceito de uma verdade estável e inquestionável em detrimento do conceito de várias verdades, ou seja, a experiência que determinado sujeito, estando inserido em um grupo social distinto, adquiriu a respeito de certo acontecimento ou período. Esse conceito pode ser encontrado em muitas obras contemporâneas e amplia o imaginário do público leitor para as diferentes formas de se entender um mesmo acontecimento, e isso não é diferente com a renomada escritora portuguesa Lídia Jorge. A fama que recebeu pelos muitos prêmios atribuídos às suas obras ilustra a importância de sua escrita para a consolidação da literatura contemporânea como a conhecemos hoje, e sua obra *A noite das mulheres cantoras* é um exemplo de como essa escritora trabalha a linguagem, atribuindo-lhe uma gama significativa de sentidos. Nesse texto, pretende-se realizar uma análise aprofundada sobre o contexto em que a história das jovens cantoras acontece bem como a revisitação histórica realizada pela escritora, a partir do conceito de romance histórico de George Lukács em seu livro *O romance histórico* e Seymour Menton na obra *Nueva novela histórica* e a influência deste para o desenvolvimento do enredo, além de estudar a ótica espacial a partir do regresso dos portugueses de

sua antiga colônia na África para um lugar que, apesar de ser seu ponto de partida, não se assemelha com o ponto de chegada. Dessa forma, tem-se como objetivo traçar um paralelo entre a linguagem metafórica da versão explícita da narrativa, a das cinco jovens cantoras, em sua conquista pelo espaço da fama, com o sentido mais aprofundado atribuído à linguagem e a forma como os retornados da colônia tiveram que lutar pela reconquista do espaço que não mais reconheciam. A pesquisa será embasada, além dos autores anteriormente citados, pelas contribuições teóricas de Silviano Santiago em *The space in-between*, Gaston Bachelard, em *A Poética do Espaço*, além de conceitos de outros autores como Ozíres Borges Filho e Luis Alberto Brandão. Cabe ressaltar que a literatura contemporânea, e nesse caso muito bem representada por Lídia Jorge, é muito rica em significado, principalmente pela riqueza vocabular empregada e extrapola sua função de entreter, mas acima de tudo informa. No livro *A noite das mulheres cantoras*, Lídia Jorge traça um panorama histórico bastante definido e disfarçado, exigindo do leitor muito mais que uma leitura superficial e oferecendo a este, em contrapartida, um repertório cultural incomensurável.

Palavras chave: espaço e história; retornados; romance histórico; Lídia Jorge.

ESCRITA POR IMAGENS DA CIDADE NAS CRÔNICAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

MOEMA DE SOUZA ESMERALDO
PUC-RIO/SEDF
CAPES

Carlos Drummond de Andrade Drummond executa na sua escrita, principalmente como cronista, a tarefa de um pensamento não instrumental e interessado em discutir questões relacionadas às imagens dialéticas do passado, por meio da rememoração dos espaços da cidade, para elaborar a representação da experiência urbana, marcada pelo cotidiano e pelas pessoas comuns que habitam a cidade. De modo singular, elaborou uma escrita por imagens que narrou acontecimentos grandes e pequenos e conseguiu flagrar imagens do passado que fogem a uma perspectiva linear e continuísta da história. Para amparar o enfoque apresentado, partirei de algumas considerações teóricas discutidas por Walter Benjamin no ensaio intitulado Sobre o conceito da história (1994) e em alguns fragmentos pertencentes ao livro Passagens (2006). O autor alemão expõe que o pensamento não é apenas uma questão de conteúdo, mas de forma (escrita), e que um projeto de escrita por imagens seria a construção de uma filosofia por imagens. Benjamin afirma que a compreensão de tempo apoia-se a partir de uma descontinuidade, com sentido que se distingue do tradicional, pressupondo parte substancial de um pensamento por meio de uma escrita por imagens. No ensaio intitulado Sobre o conceito da história, Walter Benjamin faz uma crítica radical ao pensamento historicista tradicional, que concebe a linearidade

histórica com o objetivo de preencher o tempo histórico homogêneo e vazio. Para tanto, aponta que o passado aparece como uma "imagem que perpassa veloz, como fixação rápida e não definitiva tal qual um relâmpago" (Benjamin, 1994, p. 224). Tendo como ponto de partida crônicas de Carlos Drummond pretende-se demonstrar que, em cada época histórica, a menção ao espaço, em especial o espaço da cidade, travestiu-se de diversas formas de expressão e diferentes maneiras de conhecer e representar o mundo relacionado com o meio vivido. Interessa, no entanto, cingir alguns discursos pertinentes à literatura e experiência urbana para tentar observar como esta foi reinventando a cidade e analisar, paralelamente a isto, como o sujeito se relaciona com essa invenção ao propor a cidade como objeto de sua reflexão.

ESPACIALIDADE E DESPERSONALIZAÇÃO EM MEMÓRIAS DO CÁRCERE

CARINA FERREIRA LESSA*

UFRJ/UNINCOR

Capes

A alma caeté, segundo Graciliano Ramos, nasce da perturbação selvagem que mora dentro do ser humano e que renasce quando estabelece contato com o perigo ou com a ameaça. Um impulso que, para os personagens graciliânicos, parece vir do instinto de proteção quando confrontados com a realidade das relações de poder, sempre fracassadas. Em Memórias do Cárcere, a igualdade tão almejada e refletida nos romances anteriores aparece como fruto de um dos laboratórios mais ricos, segundo Graciliano, pelo qual passara. Desde o início do romance, a sensação de despersonalização será retomada para caracterizar o status social que todos experimentavam na prisão, na qual ele, como igual, misturava-se inclusive aos vagabundos, sobre os quais sempre alimentara grande ojeriza. A despersonalização nascia do fato de todos serem tratados como iguais, da sensação de perder-se a individualidade. A igualdade social na prisão comporta ares de injustiça, principalmente porque Graciliano Ramos nunca ficou sabendo os motivos que o levaram até ali: "não me acusavam, suprimiam-me?". A despersonalização se opõe justamente à necessidade imperativa do autor de marcar a presença do seu discurso. A sensação causada por esse processo de igualdade esmaga-os como ratos diante de uma nova ordem. Se todos ali condicionados recebem o mesmo tratamento, deve-se dizer, como já era

esperado, que o tratamento não era em nada respeitoso. O narrador-personagem não tarda em perceber e sentir que, mesmo para os vagabundos, há uma injustiça no ato de tentarem apagá-los. A despersonalização, no espaço do cárcere físico, como modo imperativo de delegar ao outro sua inferioridade, será recorrente no discurso narrativo de Memórias do Cárcere. Neste laboratório rico, conhecendo diversas personalidades, Graciliano Ramos experimentará a complexidade embutida na igualdade. Todos ali, vindos de diferentes camadas sociais, igualam-se e são massacrados por outra realidade de opressão. Tornam-se indistintos no que diz respeito à profissão e igualam-se diante do poderio militar. A partir desse engenho social tão complexo, o narrador-personagem irá conquistar amizades muito peculiares, distantes da sua perspectiva psicológica e social, mas que se coadunaram com a sua dor. Capitão Lobo e Cubano, o militar e o vagabundo, perante a miséria que assistiam, se compadecem e são empáticos com a dor do ser humano por detrás de Graciliano Ramos. Há, como pano de fundo das almas, um instinto de sobrevivência que a todos pertence. Sendo assim, o presente trabalho pretende abordar a relação íntima entre o espaço da prisão e as reminiscências de Graciliano Ramos, na medida em que essas buscam justamente evidenciar os resquícios daquele espaço físico no homem que se apresenta como narrador - um homem que passa a enxergar na sobrevivência uma necessidade, que não só está além do discurso individual, mas também das visões políticas bipartidas.

*Pós-doutoranda e Professora da Unincor (Universidade Vale do Rio Verde), Doutora em Literatura Brasileira pela UFRJ. E-mail: lessa.carina@gmail.com

ESPACIALIDADES E RUPTURAS: UM ESTUDO DA PERSONAGEM MARIA, DO ROMANCE RIO-PARIS-RIO, DE LUCIANA HIDALGO

HELENA MARIA DE SOUZA COSTA ARRUDA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
(UFRJ)
CAPES

Este estudo objetiva mostrar como a personagem Maria, do romance Rio-Paris-Rio é construída, tendo em vista seu deslocamento do Rio para Paris nos chamados Anos de Chumbo da política brasileira, e o quanto este trânsito é fundamental na formação de sua identidade, já que Maria é neta de um militar influente do Rio e se vê envolvida nos conflitos que também se estendem por Paris. Maria, estudante de filosofia na Sorbonne parece transitar entre duas realidades: uma interna, na qual luta para equilibrar-se e compreender a si mesma, e outra, externa, em que vivencia timidamente os conflitos de um país que não é o seu. Ou seja: Maria é uma personagem estrangeira, desenraizada, exilada, como nos apontam em seus estudos teóricos, Kristeva (1994), Todorov (1999) e Said (2001). Porém, vive um exílio que não lhe é imposto pela ditadura brasileira, mas pelo próprio avô, que a afasta dos revolucionários do Brasil. Seu ?exílio? torna-se complexo à medida que se envolve com Artur, poeta e artista de rua misterioso, também brasileiro. Apesar da leveza e do romantismo que envolvem a personagem central, Maria é obrigada a vivenciar seus duplos, suas personas, já que tenta ocultar do namorado que é neta de militar. Há um quê de ingenuidade que ronda a personagem, e, apesar de dialogar

constantemente com Descartes e com a filosofia, ela busca nos poemas e nas cartas de Artur, algum conforto, algumas respostas, que nem sempre encontra. Maria, então, desloca-se entre as ruas de Paris e seu minúsculo apartamento que tem ?toda a simetria e perfeição que ela espera do mundo.? (2016, p.7) Apartamento-refúgio versus a amplidão das ruas. Espaços-mundo que dialogam com a personagem, numa geografia de afetos e de incertezas, como nos aponta Bachelard em seu livro *A poética do espaço* (2010) sobre espaços felizes (?topofilia?) e Borges Filho (2007) sobre os espaços da dor (?topopatia?). Maria é a antítese da liberdade, apesar de ?estar? livre e bem distante dos olhares reprobatórios da família. Ela parece não saber o significado da palavra liberdade, uma vez que nunca conheceu o cárcere. Então, busca encarcerar-se entre a perfeição que espera das pessoas ? tendo Artur como ponto de desequilíbrio ? e seu próprio mundo, criado por si mesma: seu quarto, seu sistema-mundo, onde está seu ponto X, de onde tenuamente tenciona pensar o mundo exterior: ?Quadrado, minúsculo, é cortado por linhas retas, com lados e ângulos iguais. Ela mede cada centímetro para se certificar das dimensões exatas e sente no X riscado no chão. Nesse ponto fixo gira sua odisséia. Rios, oceanos, continentes cabem em poucos metros quadrados: paisagens imaginárias inspiram aventuras imóveis. Sem sair do quarto, Maria sonha no banal o extraordinário.? (2016, p. 7). Maria e espaço se fundem. Maria é, então, seu próprio espaço.

V JOEEL



Palavras-chave: espaço; personagem feminina; identidade.

ESPAÇO ATEMPORAL; FÍSICA E FICÇÃO EM 30 E POUÇOS ANOS E UMA MÁQUINA DO TEMPO

CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO
UFSCAR

A escritora norte-americana Mo Daviau lançou em 2016 ?30 e Poucos Anos e uma Máquina do tempo?, ao qual coloca um espaço de ação narrativa, enfocando diferentes períodos da história atual e medieval, o que soa como uma tipologia literária submetendo a saúde psíquica como enfoque intelectual principal para a construção de trâmites estéticos, aos quais o leitor, é levado a se aventurar dentro de conceitos da física da quântica, como buracos de minhoca, fusão do tempo, e possíveis viagens no tempo, enfocados em seus personagens principais, Karl Bender e Wayne Demint. As viagens para outros períodos de contextualização histórica, bem como a tessitura ao qual a autora coloca elementos psicanalíticos que fazem um jogo intertextual, na destruição de paradigmas ideológicos contendo unicamente um sentido existencial para consolidação humana , de seus arcabouços de ação moral , fazendo uma polivalência comportamental em traçar, sentidos de espaços literários, que coloquem interdisciplinidades nas metodologias de estudar, antagônicos caminhos de individuação aos quais os personagens são lançados, criando distanciamentos a liames?, entre o impossível e o possível, fazendo o instante, e a eternidade (BACHERLARD, 2005), estarem unidos dentro de um sincretismo teleológico, aos quais, sua sinopse se desvencilha de caminhos lineares no eixo de sua formulação a um sujeito com diversificados primados de

significação moral. Não há um espaço de ação narrativo definido, ele vai mudando constantemente, com as viagens no tempo que ocorrem cotidianamente, despertando dúvidas e incertezas quanto a sanidade de seus protagonistas, deixando um alarido dialético ?na questão de um meta-espaço psicológico? (FOUCAULT, 2008), quanto a uma obra literária que contenha resquícios plenos de sanidade em seus pilares de progresso narrativo. Os aspectos de consciência e inconsciência, sobre a transmutação atemporal dos seus protagonistas, deixa marcas para um sentido comunicativo, deformando uma materialidade respeitando as leis físicas, sanciona Daviau como uma escritor que valoriza, cunhos, em estudar conteúdos do espaço-literário, envolvidos em questões como a solidão, amizade, existencialismo, velhice, aos quais dentro do contexto da pós-modernidade, produz enlaces para uma multiplicidade de eixos espaciais, que envolvem antagônicas similitudes da condição humana, em empreender ensejos de uma teoria do romance, que esteja cerceada por múltiplas disposições a elucidar, diferentes dilemas da vita activa, no século XXI.

ESPAÇO CONSTRUÍDO E ESPAÇO NATURAL EM O GUARANI

GLEISON ARAUJO MORAIS UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS - CARANGOLA

Este artigo está desenvolvido em torno do tema Espaço e Literatura. Optou-se pelo título espaço construído e espaço natural n?O Guarani, de José de Alencar. Tema estudado por diferentes autores tais como Antonio Dimas (1987) e Cândida Vilares Gancho (2002) que abordam sobre as dimensões que o espaço pode atingir num enredo. Para não nos perdermos no emaranhado de ideias que podem intrecruzar o percurso deste trabalho elaborou-se o seguinte problema: quais os recursos utilizados por Alencar para transitar de um espaço natural a um espaço construído literariamente? As hipóteses são duas: a primeira diz respeito à presença da prosopopeia na escrita, em relação ao espaço. A segunda, vinculada a primeira, busca responder o possível motivo das atribuições simbólicas, para isto é preciso saber qual é o tipo de obra escrita pelo autor, a saber: indianista, em que o que estava descrito explicitamente, ao fazer uso de tal figura de linguagem, atinge dimensões simbólicas. Objetiva-se com o referido a verificação dos recursos literários utilizados por Alencar para verificar os procedimentos literários da travessia supracitada. A obra atrai o olhar da ecocrítica, trazendo uma relação telúrica dos personagens em relação ao espaço, despertando o olhar para a preservação do meio ambiente. No romance o personagem é colocado em igualdade com o meio, ele conhece a terra, a fauna e a flora que, circunscritas ao seu modo de ser, constituem-se como unidade. Este estudo

justifica-se, por que, de acordo com o PPC do curso de Letras (2016/2017), a literatura sofreu mudança de paradigmas, e, hoje, nos seus estudos, é preciso observar os vieses teórico-interpretativos que irão integrar o conhecimento literário à atitudes críticas, que iluminam o artefato literário em diferentes instâncias, no caso da obra de Alencar, este artefato é a ecocrítica, os demais conceitos que justificam este estudo estão com Antonio Dimas (1987), para quem o espaço é patente e explícito, contendo dados de realidades que, em um âmbito posterior, pode alcançar dimensões simbólicas, caracterizando a ambientação, ideia reiterada pela autora Cândida Vilares Gancho (2002), que diz que o espaço tem como principal função situar os personagens e suas ações. Esse artigo está construído a partir da pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico. Os autores que irão contribuir para sua confecção são: Antonio Dimas (1987), Cândida Vilares Gancho (2002), os estudos ecocríticos de Maria do Socorro Pereira de Almeida (2014), Antonio Candido (1997), Domício Proença Filho (1997), Ana Regina Vasconcelos Ribeiro Bastos (1998).

Palavras-chave: Espaço, Ambiente, Literatura, Ecocrítica, Romance Indianista.

ESPAÇO E IDENTIDADE EM "TEATRO" DE BERNARDO CARVALHO

JULIANA NASCIMENTO BERLIM AMORIM
COLÉGIO PEDRO II

O romance "Teatro" de Bernardo Carvalho constrói, a partir de uma narrativa policial, a identidade de um protagonista cindido. Em conflito com os "donos do poder", Daniel emigra de sua terra natal para a terra de seus pais, devastada e incógnita. Consigo, carrega uma identidade cindida, fragmentada, em reelaboração constante, em muitos níveis, em seu fluxo migratório.

ESPAÇO E IDENTIDADE EM DOIS ROMANCES DE MILTON HATOUM

NAIARA SPERETTA GHESSI
UNESP
CAPES

Este trabalho tem como propósito elaborar uma análise comparativa dos romances *Relato de um certo Oriente*, publicado em 1989, e *Cinzas do Norte*, publicado em 2005, ambos do escritor amazonense Milton Hatoum, de modo a articular a fragmentação da voz narrativa, que se faz presente nos dois romances, com a dialética entre trânsito e a imobilidade que delinea a trajetória de seus principais personagens. A reflexão aqui proposta faz-se importante na medida em que se multiplicam, na narrativa brasileira contemporânea, personagens à procura de si mesmos e de um sentido para suas existências. Ou seja, nota-se a insurgência, na literatura das últimas décadas, de personagens inadaptados, deslocados e transeuntes que vivem ou transitam em espaços tão conturbados quanto eles. O que se coloca em questão, nesse caso, é justamente o significado do trânsito e a dimensão relacional que se cria, de um lado, entre o modo como a representação do sujeito se dá a partir da construção do espaço e, de outro, entre a representação do espaço e a dimensão subjetiva que o constitui. Tanto em *Relato de um certo Oriente*, como em *Cinzas do Norte*, o ato de narrar está intimamente relacionado à procura de uma identidade e de um sentido para a própria vida, o que resulta no trânsito - ou na permanência? de seus personagens. Desse modo, a hipótese defendida por este trabalho é a de que a busca pela (re)construção da

identidade motiva, nesses dois romances, o trânsito de seus personagens por diferentes espaços ou a sua fixidez.

ESPAÇO E MEMÓRIA: SÍMBOLOS E REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO NO ROMANCE UMA HISTÓRIA DE FAMÍLIA, DE SILVIANO SANTIAGO

ALINE MARA DE ALMEIDA ROCHA
UNINCOR

Entendemos que a memória no romance de Santiago é um vetor de mudança e ao mesmo tempo um espaço configurador e configurado pelo narrador. É a partir da progressão desses dois planos que se realiza a narrativa. A reconstrução da memória se refaz a partir da visão do narrador sobre os espaços observados e o mais fundamental, por meio da percepção que ele tem sobre as experiências de tio Mário nesses espaços. Pode-se afirmar que o caráter revelador de Uma história de família é dado exatamente pela reconstrução da memória de criança do narrador. Ela rompe com a visão racionalista dos adultos, ligada às convenções sociais que condicionam o comportamento da família, em sua essência, repressora, calcada na mesma ideia de Althusser sobre os aparelhos ideológicos do Estado. Para o filósofo, o Estado exerce o domínio sobre os cidadãos por meio dos Aparelhos Repressivos do Estado (ARE) e dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE). Os primeiros usam da violência para evitar atos de revolta no meio social, enquanto os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) são responsáveis por criar uma relação imaginária dos indivíduos e suas reais condições de existência?. (ALTHUSSER, 1985, p.43-44). Althusser esclarece que os aparelhos repressivos utilizam de forma secundária a ideologia como instrumento para divulgação de seus valores, garantindo sua reprodução no meio social. Os

aparelhos ideológicos também apresentam um duplo funcionamento (ideológico e repressor), embora a repressão, neste caso, seja de natureza simbólica e, portanto, mais sutil que a violência física. Os métodos particulares utilizados para selecionar, sancionar ou excluir um indivíduo de uma organização como a igreja, a escola ou a família guardam assim íntima relação com a violência. A memória torna-se, portanto, o vetor espacial, seja como representação social, seja como representação familiar. A fragmentação do espaço vai ao encontro da configuração da narrativa, como flashes fotográficos, como recortes cinematográficos que aos poucos formam um grande mosaico de imagens e vozes como a construir os ecos de uma história de família. Deste modo, o objetivo deste trabalho é analisar as questões ideológicas que permeiam as relações familiares com os espaços ocupados por ela. Nesse sentido, é pertinente analisar a noção de espaço como fronteira a partir dos estudos de Borges sobre a concepção espacial de Iuri Lotman, como também as concepções de Brandão e Osman Lins sobre o espaço literário.

ESPAÇO E REPRESENTAÇÕES DA FEMINILIDADE EM POEMAS DE MIA COUTO

EVERTON FERNANDO MICHELETTI
USP

Nos poemas de Mia Couto, há uma série de referências e metáforas espaciais com diversos temas, como morte, infância, nação, o próprio fazer poético, o relacionamento amoroso e, logo, as representações da feminilidade. As mulheres surgem de diferentes modos, podendo-se dividir pela voz enunciadora, seja por um eu lírico masculino que a elas se dirige ou as descreve, como a elas também é dada a voz em primeira pessoa. Nesse último caso, vem sendo reconhecido o esforço do autor em trazer o ponto de vista feminino, embora haja muitas discussões sobre esse aspecto. São recorrentes, portanto, os motivos espaciais relacionados às mulheres, destacando-se os seguintes: água, fogo, céu, chuva, terra, noite, escuridão, madrugada, sombras, pétalas. Nota-se, também, a espacialidade do corpo feminino, com referências ao ventre, coração, peito/seios, sangue, rosto, olhos, lábios, sabor, carne, morder, predominando os sentidos, a sensualidade. Nesse caso, há uma série de referências à penetração, em versos como: "sou eu dentro de ti"; "O teu ventre aceitou a gota inicial/e um novo habitante/enroscou-se no segredo da tua carne"; "como eu te habitava". Além das "amadas", há poemas com a temática da maternidade, a relação entre mulher e casa, assim como elementos do espaço adquirem características femininas, em que se tem, por exemplo, o "ventre da terra". Como se nota, espaço e mulher refletem características, como nos versos: "como um poente/no

bater do teu peito". Mia Couto também é reconhecido como um autor que explora a polissemia, por isso, os mesmos motivos espaciais podem surgir com significados diferentes, e até contrários, entre um poema e outro, como no verso em que o homem pede à mulher: "mergulha os teus dedos no feitiço do meu peito" (Raiz de orvalho e outros poemas, 2014), a penetração se inverte e passa ao corpo masculino. Em um dos poemas dedicados à esposa, a espacialidade ligada à feminilidade deixa de ser tematizada pela noite e a escuridão, apresentando a luz e a claridade, com motivos como: sol, céu, nuvens, pássaros brancos, acender, perfume. Em face desses aspectos e de questões que venham a surgir, propõe-se apresentar uma leitura de poemas do autor em que as representações da feminilidade incidem no espaço, sendo verificados os vários sentidos dos textos e suas relações com o contexto, tendo em vista as críticas feminista e pós-colonial.

ESPAÇO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NA MANAUS DE MILTON HATOUM

MANOELLE GABRIELLE GUERRA UNESP -
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE
ARARAQUARA
CAPES

Este trabalho tem por objetivo questionar a relação existente entre identidade, memória e espaço a partir das representações da cidade de Manaus presentes em ?Relato de um certo Oriente?, primeiro romance de Milton Hatoum, publicado em 1989, ao lado do volume de crônicas ?Um solitário à espreita?, livro lançado pelo autor em 2013. A hipótese que fundamenta esta discussão é a de que há um processo de subjetivação das instâncias narrativas que possibilita a construção de identidades individuais e coletivas, atreladas ao espaço por meio da memória. Intenta-se, portanto, discutir de que forma a representação de Manaus sofre uma interferência da voz narrativa e como isso modifica o processo de articulação das identidades presentes no romance e nas crônicas. A forma breve deste texto e também a relação direta com um cotidiano ou real quase sempre identificável dão margem a uma possível representação de espaços ? territórios culturais e simbólicos ? que apontam para a articulação entre um domínio subjetivo, individual, e outro, de natureza coletiva. Já o romance, que se configura como uma espécie de relato de viagem, traz em si a sobreposição de tempos e representações da cidade que retomam desde o auge da migração árabe até o tempo presente da narrativa, no qual a narradora-relatora retorna à casa da infância. Esse espaço fechado

condensa em seu interior toda a trajetória da família e, ao lado da cidade, constitui uma esfera identitária referente a um povo e às relações por ele estabelecidas com esse espaço que lhes é outro, mostrando a figura do estrangeiro em solo manauara. A voz que narra o romance se difere daquela presente nas crônicas pelo olhar que confere ao espaço da cidade, mas ambas assemelham-se por meio da subjetivação do espaço e seu entrelaçamento à memória, constituindo um processo único. É notável que há, nos narradores de Milton Hatoum, uma recorrente articulação entre narração e identidade ou memória coletiva e experiência individual, embora essa recorrência se manifeste por meio da utilização de recursos formais distintos. A Manaus que aparece no romance selecionado e nas crônicas é, ao mesmo tempo, a cidade que acolheu migrantes de diversos lugares, como o Líbano, e a cidade mítica das narrativas de aventura e das lendas indígenas. Ela une em sua constituição traços que apontam para um espaço social que sofreu todos os processos de urbanização e modernização das demais cidades, mas que conserva uma história singular que se reflete em cada um dos sujeitos representados nos textos abordados.

ESPAÇOS (INTER)DITOS: CONFIGURAÇÕES DA EXPERIÊNCIA SUBALTERNA EM O VENTO ASSOBIANDO NAS GRUAS, DE LÍDIA JORGE

RISONELHA DE SOUSA LINS
UERN/IFPB

Este trabalho tem como objetivo analisar o romance *O vento assobiando nas gruas*, da escritora portuguesa Lídia Jorge, investigando as relações dicotômicas e problemáticas estabelecidas no espaço de relações históricas e sociais de Portugal por meio de uma abordagem cujo foco é o espaço narrativo e suas implicações semânticas no contexto da narrativa. Publicada em Portugal em 2002, esta obra reflete experiências sócio-históricas dos negros e da mulher, inseridos na história nacional portuguesa e mostra a verdadeira face e as reais consequências da colonização sobre a mente dos envolvidos nesta experiência. Sob a perspectiva espacial, investigaremos também a prática ideológica localizada, que resguarda variadas dimensões da existência empírica dos sujeitos de margem, principalmente os negros e as mulheres, que emergem dessas relações incapazes de falar de sua condição, não pela qualidade do seu testemunho, mas pelo fato das palavras serem insuficientes para abarcar a dimensão do que experimentou. Assim, verificando as marcas vivenciais singulares da personagem no espaço de atuação, intentamos compreender as significações da narrativa como reconstrução sensível de mundo e as dimensões do drama vivido pelo sujeito ficcional sócio-historicamente localizado. Neste percurso, observamos que a realidade é configurada sob um ponto espacial de

vista capaz de evidenciar as relações entre os sujeitos e o seu redor, bem como as normas que o regem, atuando como elemento significativo na construção estética. Logo, considerando que Lídia Jorge reflete, em muitas de suas obras, a dominação e subjugação enraizadas nas relações coloniais, perpetuadas, de certo modo, nas complexas relações do mundo contemporâneo, a abordagem realizada por este artigo dará a cada um de nós a oportunidade de percorrer os espaços da obra na tentativa de compreender a subjetividade humana dentro da repressão e do silêncio impostos pela história e pela cultura ao negro e à mulher. Como aporte teórico, recorreremos as considerações sobre o espaço ficcional realizadas por Bakhtin (1998), Bachelard (2008), Brandão (2013), Lins (1976), Borges Filho (2007), dentre outros estudiosos.

Palavras-chave: Espaço; Lídia Jorge; Identidade

ESPAÇOS DE RUPTURAS NO ROMANCE DE EMILY BRONTË

CINTIA DE VITO ZOLLNER
UNESP
capes

Este estudo tem o objetivo de observar o único romance da escritora Inglesa da época vitoriana Emily Brontë O morro dos ventos uivantes (1818-1848), analisando o modo como os espaços de deslocamento e exílio contribuem para as transgressões dos personagens principais presentes na ficção: Heathcliff e Catherine. Em um local sombrio, ou seja, a fazenda que atribui nome ao título do livro, ambos vivem um amor profundo como amigos de infância, entretanto, são posteriormente separados pelo destino. Para além do amor obsessivo que sobrevive ao tempo, ?socialmente? impossível entre Cathy e o cigano estrangeiro Heathcliff, objetiva-se apresentar como o personagem protagonista, em espaços estratégicos de deslocamentos e de ?exílio?, surge na narrativa enquanto sujeito transgressor, que rompe com questões socioeconômicas impostas pelos ?opressores? ingleses que o circundam, contestando a cultura predominantemente inglesa, à medida que busca para si traços de sua própria identidade em conflito com o local da cultura em que vive. Tais aspectos decorrem de diversas formas na narrativa. No contexto histórico a partir do final do século XIX, o Império Inglês possibilita um momento brilhante em que a elite inglesa constrói, numa ascensão áurea, a imagem positiva ?de si?, talvez heroica. Neste contexto Cathy, a personagem protagonista também possui personalidade transgressora

no sombrio morro. A forma como a personagem busca descrever suas transgressões sofridas, através de um diário será analisada. Curiosamente, seus textos acabam por apresentar as opressões feitas a Heathcliff, e suas consequentes transgressões de forma peculiar, em diferentes espaços do romance. O romance segue em ordem não cronológica e apresenta uma visão a partir do ângulo de dois narradores em locais estratégicos, que contribuem para desenvolver a estrutura do romance. A técnica da obra busca apresentar a narrativa dentro da própria narrativa para possibilitar ao leitor novos pontos de vista, em espaços distintos. De igual modo, a multiplicidade de narradores presentes no romance inglês permite voz ao protagonista Heathcliff, sujeito contestador, de forma peculiar. São também dois narradores ingleses que, por meio da ironia, contam e histórica de Heathcliff, para possibilitar ao leitor a ampla visão sobre os costumes do protagonista a partir de um novo ponto de vista no morro dos ventos uivantes. Assim, será feito um estudo desses aspectos em que acontece o processo de transgressão e ruptura dos personagens, a partir de espaços de deslocamentos, à medida que Lockwood relata o que vive enquanto segue em sua viagem pelo norte da Inglaterra. Tais aspectos serão, portanto, analisados a partir da teoria crítica de Homi K. Bhabha presente em *O local da cultura*.

Palavras chave: Representações literárias; Emily Brontë; cultura e fronteiras; Bhabha; Said.

ESPAÇOS OPOSTOS E IDENTIDADES HISTÓRICAS: UMA LEITURA TOPOANALÍTICA DE A COSTA DOS MURMÚRIOS, DE LÍDIA JORGE

ROSANGELA VIEIRA FREIRE
IFCE

Este trabalho se propõe à análise do espaço ficcional no ?conto? Os gafanhotos, texto de abertura do livro A costa dos murmúrios, da escritora portuguesa Lídia Jorge. Diferentemente de Maria Mutema, encravado no meio do caudaloso Grande sertão: veredas, do mineiro Guimarães Rosa, Os gafanhotos constitui a rampa de lançamento de uma narrativa maior, A costa dos murmúrios. Trata-se do texto de abertura do romance, possui título, epígrafe e o narrador concede-lhe um limite pela palavra FIM. Embora estabeleça um diálogo fluente com a outra narrativa que nomeia o livro, Os gafanhotos consiste num texto que pode ser estudado isoladamente. O romance que acolhe o conto, na iminência de completar 20 anos de publicação, remete-nos aos anos duros da colonização portuguesa na África, especialmente, em Moçambique, um dos países em que o processo ?civilizatório? foi mais acirrado. Cabe à narradora Eva, voz condutora da segunda parte do romance, minuciar os fatos condensados em Os gafanhotos. Embora nossa leitura esteja centrada no texto de abertura, não deixaremos escapar os laços que unificam as duas narrativas. Portanto, nesse diálogo consolidado na própria narrativa, buscaremos estabelecer o nosso, o científico, possibilitado pelos fios que se rompem num texto para que sejam recuperados no outro. O conto lida com espaços opostos: metrópole/colônia, hotel Stella

Maris/mar. Percebe-se, conforme Weisgerber (1978), que em *A costa dos murmúrios* ?o mundo da narrativa se constitui, à semelhança do mundo em que vivemos, um conjunto espaço-temporal onde lugares e instantes de ação se interpenetram?. O trabalho objetiva mostrar como o espaço interfere na construção das identidades e dos discursos dos sujeitos ficcionais em relações dicotômicas. Nesse sentido, silenciados e portadores de voz digladiam na arena ficcional. Para dar conta das nossas inquietações em relação ao texto da autora portuguesa, nossa base teórica ancora-se aos estudos bakhtinianos (1998), aos trabalhos de Bachelard (2008), às pesquisas desenvolvidas sobre espaço literário, de Borges Filho (2007).

Palavras-chave: Espaço; Identidade; Lídia Jorge.

ESTRATÉGIAS DE REPRESENTAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO NAS PRIMEIRAS OBRAS FICCIONAIS DE OSMAN LINS

**RAUL GOMES DA SILVA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL
CAPES**

Resumo: Em sua tese de doutoramento, cujo tema central é a representação do espaço em narrativas ficcionais de Osman Lins, Mendonça (2008) assinala que a obra deste autor divide-se em duas fases: a primeira, marcada por uma registro tradicional de escrita, ainda permanece pouco estudada quando comparada às obras da segunda fase, em que se constatam experimentalismos de linguagem, motivo de significativos trabalhos acadêmicos no país (e fora dele). Muito embora os textos publicados a partir de 1966 sejam de fundamental importância e merecedores de cuidado, percebe-se que as narrativas anteriores a essa data, *O visitante* (1955), *Os gestos* (1957) e *O fiel e a pedra* (1962), apresentam-se como importantes textos para a compreensão da totalidade da poética narrativa de Lins. Especialmente no que se refere à questão da espacialidade, estas obras operacionalizam formulações singulares na concepção do espaço, que não se limita às relações de posicionamento ou de caracterização, mas torna-se o recurso através do qual se evoca questões ligadas à subjetividade (por meio do espaço psicológico e da memória), às práticas sociológicas e ideológicas do contexto enfocado (através do espaço social). Por isso, o objetivo central deste estudo é captar as formas de estruturação e representação do espaço nas obras mencionadas,

buscando compreender as principais estratégias empregadas por Osman na tessitura do espaço de suas primeiras narrativas ficcionais. Nesta incursão pela obra literária do escritor, é preciso tomar em conta algumas reflexões já desenvolvidas sobre as manifestações do espaço na literatura, como as que se encontram registradas em Teorias do espaço literário (2013), de Alberto Brandão, Lima Barreto e o espaço romanesco (1976), do próprio Osman Lins, e Representações do espaço em narrativas ficcionais de Osman Lins (2008) da pesquisadora Márcia Mendonça. Tais textos auxiliam-nos neste percurso e contribuem, sumariamente, para nossas discussões acerca do trabalho literário deste autor.

Palavras-chave: narrativa, espaço, estruturação, representação.

FIGURAÇÕES DE UMA ?PAISAGEM DESFIGURADA? EM O QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ

VINICIUS SCHIOCHETTI UNIVERSIDADE ESTADUAL
DE LONDRINA
CAPES

O estudo aqui apresentado trata-se de uma pesquisa cujo objeto de observação é o romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, em que se analisa a figuração da paisagem presente na narrativa. A obra em questão, romance inaugural da autora da geração modernista de 30, é conhecida por seus traços regionalistas e por fazer parte da chamada e aclamada ?literatura brasileira da seca?. O tema central da obra é este grande período de estiagem que provocará enormes danos à paisagem sertaneja, ao homem que ali vive e ao que ali cultiva e produz para sua sobrevivência, e o movimento das personagens em torno dessa calamitosa situação. É justamente esse elemento, a seca, que assumirá papel elementar para a ?desfiguração da paisagem? do sertão descrita na obra. Essa paisagem ?desfigurada? pode ser percebida em todas as mazelas trazidas pela seca que figuram ao longo da obra: o ressecamento do solo; a poeira vermelha; o Sol escaldante; a pele queimada; os animais moribundos e a carcaça dos que já morreram; a vegetação seca; as pessoas magras e sujas vestindo trapos; ou seja, numa paisagem que se apresenta quase como a de um pós-guerra. Outro aspecto observado na paisagem da obra em questão é o uso das cores para indicação de presença e ausência de vida. As cores identificadas parecem traduzir a impressão de um sujeito que olha para o sertão e percebe com dificuldade o aspecto lúgubre desse

espaço e de tudo o que ali se coloca pelo calor, pelo Sol e pelo ressecamento, ao mesmo tempo, esse perceptor parece buscar qualquer elemento, qualquer ?verde? restante, por exemplo, que indique alguma esperança de vida. Tanto o conceito de ?paisagem? como o de ?desfiguração? estão essencialmente de acordo com o conceito estabelecido por Michel Collot (2013). Para o autor, a paisagem constrói-se não como o espaço propriamente dito, mas como percepção subjetiva do espaço e, por conseguinte, dependente de um sujeito que lhe dá sentido. Dessa forma, a ?desfiguração? é o processo em que o homem se torna ausente da paisagem, o espaço onde esse homem ainda não figurou.

GÊNERO E ETNIA: NORTEADORES DA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO EM CONCEIÇÃO EVARISTO

LEONARDO GOMES DE SOUZA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS
PAEx/UEMG

Este trabalho se constrói a partir das análises desenvolvidas na primeira fase do projeto de extensão ?Estudos de Gênero e etnia na literatura e sua repercussão na sociedade? desenvolvido na UEMG-Carangola, com o apoio do PAEx/UEMG. Nessa perspectiva, pretende-se discutir, neste texto, como o conceito de gênero enquanto realidade social e historicamente construída para ressaltar a diferença, colocando os sujeitos e os termos feminino e masculino numa relação de dominados e dominantes, e, por outro lado, o conceito de etnia, enquanto conjunto de relações identitárias forjadas dentro de sistemas culturais espacialmente estabelecidos e afetivamente constituído como o lugar do existir e do reagir impactam a descrição e construção do espaço no interior da literatura da afro-brasileira Conceição Evaristo - autora que espelha em sua arte os dramas do negro feminino, construindo personagens que encarnam a figura da mulher negra colocada pelos sistemas dominantes no ?não-lugar? do existir e do agir, fato que mimeticamente localiza a arte desta literata no entre-lugar, espaço miticamente construído como território da resistência e do enfrentamento, um espaço que sofre violências e violenta àqueles que se situam em seu interior por meio de diferentes ?tecnologias? sociais. Isto, não como herança

afro, mas sim como causa das muitas segregações impostas a essa minoria. Deve-se apontar, portanto, para o espaço Evaristiano como aquele que está para a recuperação dos elementos culturais negro-africanas, para a construção de um novo prisma de análise do feminino, mas também, um espaço de luta e reivindicações de alteridades. Dá-se destaque ao romance ?Ponciá Vicêncio? pela condição de ?em transito? da protagonista e pela (re)construção da tradição negra e ao livro de contos ?Olhos D?água? pelo tratamento que a autora concede as múltiplas mulheres situadas em diferentes espaços sociais. Ambos os livros frutos da pena Evaristiana. Iluminam este trabalho Adichie (2012), Lauretis (1994), Bonnemaïson (2002) entre outros.

HERÓIS INDIVIDUAIS E CAUSAS COLETIVAS EM "VIDAS NOVAS", DE LUANDINO VIEIRA

DANIEL MARINHO LAKS UNIVERSIDADE FEDERAL
FLUMINENSE
FAPERJ

O herói e sua aventura talvez constitua um dos tópicos mais explorados ao longo da história da narrativa, remontando à antiguidade clássica. A partir das diferentes figurações do herói podemos perceber aspectos específicos das sociedades que os produziram. Como entendiam o tempo histórico, como definiam os conceitos de justiça, valor ou como representavam conflitos. O mito do herói se pretende como narrativa exemplar, revelando a moral de determinada comunidade e conferindo origem, valor e propósito para os mais diversos elementos culturais. Nesse sentido, a partir do mito do herói é possível perceber as influências do campo político nos domínios da cultura. Mais ainda, os heróis instituem novas comunidades, fundam cidades e novas formas de habitar o espaço. Suas histórias alteram a maneira de se entender a experiência do presente e as expectativas para o futuro, revelando as influências do campo da experiência estética na produção de formas lógicas. O objetivo dessa comunicação é comparar alguns dos principais aspectos do mito do herói em sua tipologia clássica com as figurações do herói em *Vidas Novas*, do autor angolano Luandino Vieira. A partir dos personagens dos diferentes contos que compõem *Vidas Novas* e suas jornadas de iniciação ou de ascensão somos capazes de perceber como transformações em conceitos chave para se entender o espaço de experiência do mundo foram

representadas no campo da cultura, emergindo para a superfície das palavras e para as formas narrativas. A produção literária de Luandino Vieira inscreve-se no contexto das dinâmicas da segunda metade do século XX, sob a forma de crítica da modernidade. Os egos imaginários engendrados em *Vidas Novas* são heróis revolucionários, que necessariamente desafiam o poder instituído ao qual o autor, por sua vez, encontrava-se também submetido durante o seu exercício de escrita. O herói, secularizado pela estratégia realista, manteve o seu aspecto etimológico de guardião, defensor, daquele que nasceu para servir. Entretanto, nos contos de *Vidas Novas*, esses conceitos são redimensionados pela convicção de que todos os problemas locais se conectam a uma teia global de relações. Trajetórias individuais que se ligam a causas coletivas da mesma maneira que causas locais entrelaçam-se a uma conjuntura geopolítica mundial.

Palavras-chave: Herói; Autoconsciência histórica; Luandino Vieira; *Vidas Novas*; Realismo

IR EMBORA POR VONTADE PRÓPRIA É BASTANTE DIFERENTE DE SER EXPULSO : UM ESTUDO SOBRE LITERATURA E GENTRIFICAÇÃO

FABIANA DE PINHO
PUC-RIO
IFRJ

De acordo com a pesquisadora Maria Alba Sargatal Bataller, a Gentrificação é um fenômeno fundamentalmente urbano definido pelo desenvolvimento de uma série de melhorias físicas, materiais e imateriais ? econômicas, sociais e culturais ? que ocorrem em alguns centros urbanos antigos e degradados. Sua principal característica é a substituição de classes sociais, pois, no lugar dos antigos moradores pertencentes a classes mais baixas, passam a viver outros com maior poder aquisitivo. Tradicionalmente, os estudos sobre esta prática tem feito parte das discussões da Geografia, do Urbanismo, da Economia, da Sociologia e da Arquitetura, por exemplo. Porém, percebe-se que algumas formas discursivas artísticas, inclusive literárias, vêm compondo uma cartografia simbólica sobre cidades gentrificadas. Documentários, grafites, ações de coletivos artísticos(em sua maioria internacionais), narrativas audio-visuais e romances têm formado uma rede de expressões contrárias à Gentrificação. O que parece ser relevante para o campo dos estudos que consideram não só as representações das cidades nos textos literários, mas o lugar da Literatura na construção de cartografias simbólicas provenientes dos imaginários urbanos. De acordo com Beatriz Sarlo, a literatura é mais um dos caminhos que escrevem a cidade, pois outros textos

também a constroem discursivamente. O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, e os jornais de maior circulação, por exemplo, construíram uma narrativa que representa uma cidade que, após os Megaeventos, como Copa do Mundo e Jogos Olímpicos, deixará para os moradores do Rio de Janeiro um legado amparado no que chamaram de revitalização. O que se vê hoje é que tal fala buscou, na verdade, a legitimação e apoio para efetivar um planejamento estratégico, ou seja, a criação de condições, inclusive discursivas, para instauração de projeto de cidade, pois uma cidade revitalizada seria lida como uma resposta para um sentimento de crise. Consequentemente, ser contra este projeto é ser anti-patriota (Vainer, 94 e 95). Percebe-se que, paralelo a estas práticas, existem contra-relatos. Nessa perspectiva, o presente trabalho propõe uma leitura do romance *Descobri que estava morto* e do conto *Antes da queda*, ambos de João Paulo Cuenca, uma vez que estes dois textos tarzem marcas discursivas contrárias à Gentrificação da cidade do Rio de Janeiro.

IRACEMA: A RELAÇÃO ENTRE O ESPAÇO E A AMBIENTAÇÃO DA OBRA E DAS PERSONAGENS

LETICIA DA SILVA ZARBIETTI COELHO

UEMG

PAEx

LUCIANO MAGNO ROCHA

UNIMES

GLACIENE JANUÁRIO HOTTIS LYRA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Este artigo vincula-se ao projeto de pesquisa ?Representações da crise: interseções de fontes literárias? desenvolvido na UEMG - Carangola. Nessa concepção, este artigo, desenvolveu-se na linha temática: Espaço e Literatura, sob os pressupostos de construção do espaço e ambiente na literatura, analisados em particular na obra Iracema de José de Alencar, além de possibilitar analisar qual é o tratamento conferido a tríplice: relação telúrica, espaço e a literatura nesta obra brasileira. Guiados e motivados pelos estudos acadêmicos, este trabalho se justifica pelas demandas da literatura sob a ótica do curso de Letras da Universidade do Estado de Minas Gerais ? PPC (2016/2017), visando compreender melhor e analisar essa relação da criação do espaço/ambiente com sua vinculação com as personagens que também são construídas a partir de uma ideologia determinada do autor e de suas intenções para com a obra. O título deste trabalho - Iracema: A Relação Entre o Espaço e a Ambientação Da Obra e Das Personagens, consideramos conveniente, pois sugere ao leitor uma ideia da análise que fizemos como ponto chave da pesquisa. Objetivamos estabelecer um paralelo

reflexivo e explicativo Dentro da obra literária, no qual foram abordadas questões teóricas que alicerçaram nosso trabalho. Quanto a metodologia, este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica para fomento dos conteúdos teóricos, como DIMAS (1987), BLANCHOT (1987), GARRARD (2006) e GANCHO (2002) e de uma análise qualitativa das obras supracitadas. No decorrer das pesquisas adentramos com os teóricos da eco crítica, que é de suma importância, visto que ao trabalharmos com o espaço e a ambientação de Iracema, que tem foco grandioso na fauna e flora brasileira, essas concepções, por sua vez, trouxeram novas iluminações para o trabalho e o tornaram mais sólido e reflexivo. Enfim, a partir de toda a pesquisa e análises foi possível refletir sobre o processo de construção do espaço e do ambiente e a intencionalidade aplicada pelo autor quando os cria, bem como sua importância no conjunto da obra literária em harmonia com a construção das personagens, além de refletir nos estudos da eco crítica. Ao findar das pesquisas teóricas, seguindo uma proposta extensionista, esta foi adaptada e aplicada em uma aula para alunos do 6º ano do ensino fundamental, buscando trabalhar com os discentes algumas questões literárias sobre o ambiente e as personagens da obra escolhida de José de Alencar. A partir desta aula, os alunos puderam refletir mais criticamente sobre a importância do desenvolvimento reflexivo entre o ambiente e as personagens e puderam produzir suas próprias histórias, visando aplicar os conhecimentos adquiridos e trabalhar com a abordagem da conscientização ecológica, como prega a eco crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Literária; Iracema; Espaço e Ambiente; Eco crítica.

JORNADA ANGOLANA: DE PEPETELA A MANUEL ALEGRE, A REPRESENTAÇÃO ESPACIAL NA GUERRA DE LIBERTAÇÃO

FERNANDA DE AQUINO ARAÚJO MONTEIRO

UFRJ

CAPES

A temática do mar e das viagens marcou a história do mundo ocidental, efeito de uma milenar história de homens que partiram ao mar por diversas razões: o comércio, as guerras, as conquistas territoriais. Homens partiam em suas naus, que ?cortava o mar a gente belicosa? (CAMÕES, 2011, p.81), enquanto as mulheres permaneciam em sua terra e casa, à espera dos retornados, assim foi como Penélope e muitas outras esposas, mães e irmãs. Aliada à história nacional, a literatura portuguesa resgata com frequência a temática das navegações, as batalhas além-mar e o domínio de povos. Um dos exemplos de batalhas que foi muito resgatada na literatura lusa foi a de Alcácer-Quibir, conhecida no Marrocos como a ?Batalha dos Três Reis?, que consiste num combate travado no norte da África, em 1578, próximo da cidade de Alcácer-Quibir, que resultou na derrota portuguesa, com o desaparecimento do rei D. Sebastião, e a morte ou o aprisionamento dos combatentes. Nesta linha de evocação da trágica batalha de Alcácer-Quibir, o romance de Manuel Alegre, publicado em 1989, pode ser considerado uma reescrita que ?transpõem para um novo tempo e um novo espaço toda a loucura do empreendedorismo dessa Jornada de África, de Marrocos a Angola, de Alcácer Quibir a Luanda, Nambuangongo.?, como escreve Ana Sofia Neno Leite

(2011). O romance de Alegre é diretamente entrelaçado com a obra de mesmo nome de Jerônimo de Mendonça, de 1607, mas dessa vez o Sebastião, que outrora carregava a alcunha de O Desejado, passa a ser um simples soldado anti-sebastianista, anti-colonialista, que veio duma geração obrigada a conjugar na primeira pessoa o verbo matar e o verbo morrer. Há muito que tal não acontecia? (ALEGRE, 2007, p.59). Todavia, devemos ser críticos aos escritos portugueses, porque apesar da sua boa intenção em questionar a guerra em terras angolanas, acabam por derrapar em terrenos do senso-comum, como a representação da imagem da mulher angolana, por dar pouca voz aos combatentes ?inimigos?, aqueles que durante séculos foram silenciados, perpetuando assim o predomínio da voz portuguesa, aquela voz de dominação, controle, até certa soberania em relação aos demais. Já o romance Mayombe, publicado em 1980, pode ser lido?como um contraponto [da]literatura colonial? (CHAVES, 2006, p.80) e que Pepetela consolida uma das mais frutíferas tendências da sua literatura, a relação de História e Ficção, como defende Inocência Mata (2006, p.46), que admiravelmente carregava uma carga ideológica de reflexão sobre este país recém-criado. Inocência da Mata afirma também que ?Pepetela constrói uma história de celebração do esforço de um povo pela libertação nacional, cujos protagonistas, guerrilheiros, funcionam como representação metonímica desse povo.? (2006, p.45). Em Mayombe, Pepetela rompe com o estereótipo da floresta como o espaço do exótico, que os portugueses de outrora invadiam, violavam, maltratavam, como um

espaço que lhes pertencia e que, ao mesmo tempo, a relação deles com aquela terra não identificada/desconhecida era repleta de medo, angústia, onde toda aquela natureza desconhecida era assustadora. Por conseguinte, o presente trabalho pretende elucidar o modo como é retratado o espaço da guerra da libertação angolana, a paisagem natural e sua função, e como é a imagem forjada da mulher angolana no palco dessa luta armada, sob dois pontos de vista: um de um escritor português no romance *Jornada de África*, de Manuel Alegre, e o romance do angolano Pepetela, em *Mayombe*.

LATIFÚNDIO REALISTA: ARIDEZ NA FORMA E NO SERTÃO DE VIDAS SECAS

EDSON JOSE DA SILVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FAPEAL/CAPES

Este trabalho tem por objetivo oferecer uma leitura dialética do romance *Vidas secas*, ao urdir um cotejo entre a particularidade da obra e a sociedade brasileira à época da sua produção e assinalar os elementos da vida social que aparecem nas malhas da narrativa enquanto representação do Sertão. Para tanto, foi feita uma leitura que colocasse em evidência a linguagem realista de Ramos, na representação do espaço sertanejo, marcada pela ausência de floreios, pelo reproche ao tradicional "locus amoenus" conforme entendido por CURTIUS (1996), pela sintaxe desbaste (HOLANDA, 1992) e descrição essencial (LUKACS, 1966) que renega a pletora do detalhamento; neste sentido, a fatura e economia da sua obra está em consonância com a aridez do espaço sertanejo e a precariedade simbólica e material das personagens no contexto do latifúndio. De fato, ao renegar a forma do Sertão no romance indianista romântico do século XIX e a representação documental de um Euclides da Cunha, *Vidas secas* apresenta o Sertão enquanto macrocosmo social, como uma narrativa realista, no sentido em que Lukács (1966) oferece ao termo, ao refletir o Sertão por meio de uma forma estética em dialética com a realidade objetiva de um capitalismo periférico e essencialmente ruralista, oligarca e eivado de relações semi-escravistas, como o Brasil da década de 1930.

LIBERDADE E REPRESSÃO: A CONSTRUÇÃO DE CANUDOS E A (NÃO?) EFETIVAÇÃO DO DIREITO À CIDADE ? UMA ANÁLISE DA OBRA OS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA?

FERNANDA RODRIGUES LAGARES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Enviado ao sertão da Bahia pelo jornal O Estado de São Paulo como correspondente para cobrir a Guerra de Canudos, mais do que narrar e analisar os acontecimentos da guerra, Euclides da Cunha constrói, imaginativamente, e de forma minuciosa a paisagem do sertão nordestino (especialmente de Canudos), bem como se dedica a categorizar (e avaliar) o sujeito correspondente a tal território: o sertanejo (e, mais especificamente, o sertanejo que residia e resistia em Canudos); além de representar, conforme suas impressões, a relação do sujeito sertanejo com o sertão de Canudos de forma detalhada. Tudo isso, traduzido no texto de Os Sertões, fez surgir em nós o desejo de refletir como a obra de Euclides da Cunha, representa a relação do sujeito sertanejo com o espaço do sertão de Canudos. O atual estágio do tratamento desse problema nos aponta ao menos duas hipóteses, que poderão ser confirmadas ou refutadas ao término das investigações: ? As representações construídas narrativamente por Euclides da Cunha, na obra ? Os Sertões?, acerca das relações do sujeito sertanejo com o espaço do sertão de Canudos, fornece indícios de que aquele ambiente é reflexo dos seus ocupantes, daquilo que são e/ou do que desejam ser. ? A relação do sujeito sertanejo com o espaço do sertão de Canudos na

representação de Euclides da Cunha pode nos dá pistas da existência (ou busca por) mecanismos de efetivação do direito à cidade naquele território. Para confirmarmos ou refutarmos tais hipóteses, o corpus selecionado é constituído pela obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, abordado pela perspectiva da pesquisa documental, uma vez que temos abordado o objeto com o fim de desvelar um aspecto inédito em relação a outros trabalhos que também se debruçaram sobre o mesmo: o Direito à Cidade ? a saber, estamos realizando uma revisão bibliográfica dessa problemática a fim de responder se, na narrativa de Euclides da Cunha, há pistas da existência (ou busca por) mecanismos de efetivação do Direito à Cidade no território de Canudos. Por meio da revisão bibliográfica temos estudado diversas abordagens que se doam sobre a problemática da relação entre homem/sujeito e o espaço/território, bem como suas implicações no que tange aos processos de representação. Vale destacar que, por lidarmos com uma narrativa, conceitos e categorias de outras disciplinas, especialmente da geografia humana, sertão mobilizados a partir de conteúdos linguísticos. Tratando especificamente da primeira hipótese, pretendemos, adotando a categoria paisagem na perspectiva de Schama (1996), a qual alinha cultura e natureza: "(?) a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembrança quanto de estratos de rocha?" (SCHAMA, 1996, p. 17), confirmá-la ou refutá-la a partir, principalmente, da paisagem construída narrativamente por Euclides da Cunha; da maneira como ela reproduz a história de seus habitantes, suas concepções sobre o

morar, trabalhar e viver, enfim, de como representa a relação do sujeito sertanejo com o espaço do Sertão. Para tanto, daremos atenção especial aos temas que o autor vai retomando ao longo da narrativa e às figuras que as recobrem, como, a título de exemplo, as diversas e recorrentes alusões a elementos da Antiguidade Clássica. As ferramentas selecionadas para a microanálise linguística versam especialmente sobre as análises de tematização e figuratização, oriundas da perspectiva da Semiótica Discursiva. Em relação à análise de nossa segunda hipótese de trabalho, para pensar a relação material-imaterial do sujeito sertanejo com o espaço do sertão de Canudos, trabalhamos com a teorização de Landowski (2014) acerca dos regimes de interação entre sujeito-sujeito e sujeito-objeto, ao passo que o território será abordado em duas dimensões: funcional e simbólico, combinados à categoria paisagem. A categoria território é mobilizada na pesquisa a partir da perspectiva integradora de Haesbaert (2004) que afirma que o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, ?desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais ?concreta? e ?funcional? à apropriação mais subjetiva e/ou ?cultural-simbólica? (HAESBAERT, 2004, p. 95-96). Conforme o autor, o território é, ao mesmo tempo, funcional e simbólico, pois ao mesmo tempo em que o homem exerce domínio sobre o espaço para realizar ?funções?, também o faz para produzir ?significados?. Ligada a essa concepção de território, sem ignorar o imbricamento na narrativa do processo vivenciado pelo próprio Euclides da Cunha no sertão de

Canudos (a subjetividade do narrador, anteriormente discutida), analisamos o processo de te/des/reterritorialização pelo qual passam aqueles sertanejos que viviam em outros locais e, por alguma razão, seja a vazada por Euclides da Cunha, ou não, deixam este local e dirigem-se a Canudos, o que inevitavelmente nos remete a analisar às relações culturais, pois, conforme Haesbaert (2004), ela está intimamente ligada ao modo como as pessoas ?utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar? (HAESBAERT, p.08, 2004), nos fazendo pensar na transformação daquele território em lugar, aqui entendido na perspectiva de Tuan (2013), como espaço de significação e, mais do que isso, de afeto e percepção.

Creemos ser possível que os sentimentos e experiências dos sertanejos representados pelo narrador, nos dê pistas de que são resultado, e ao mesmo tempo causa, de desenvolvimento ou busca por mecanismos de efetivação do direito a construir, organizar e moldar o local que habitam, sendo a própria guerra, enquanto defesa do lugar, um indício disso. Associamos tal disputa pelo lugar à concepção de Direito à Cidade, desenvolvido por Lefebvre (1968) na década de 1960, e retomado na década de 1990 como bandeira de muitos movimentos sociais que defendem a não exclusão da sociedade urbana das qualidades e benefícios da vida urbana.

LITERATURA EM INTERFACE COM A FOTOGRAFIA, PINTURA E ILUSTRAÇÃO: A CONSTRUÇÃO PICTURAL DO ESPAÇO NO CONTO ?A SANTA DE SHONEBERG?, DE RUBEM FONSECA

CARLOS AUGUSTO DA SILVA LEMOS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA -
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS -
CAMPUS IX

NELMA ARONIA SANTOS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PCIN

O presente trabalho tem como objetivo analisar o desenvolvimento da trama do conto ?A Santa de Schoneberg? (1992), de Rubem Fonseca, a partir da construção do espaço intermediado pelas artes visuais, fotografia, pintura e ilustração, bem como os efeitos de sentidos propiciados por essa relação à narrativa. Nesse sentido, o enredo é cadenciado a partir das articulações dessas artes ao texto literário. Inicialmente, as observações da personagem Ursula, que se considera esotérica, através da janela de sua casa descreve o espaço do apartamento do personagem Roberto, seu vizinho, de forma que seu olho funciona como um objetiva fotográfica, potencializada, posteriormente, pelo uso de um binóculo. Ela registra o cotidiano do personagem, transformando, por meio do enquadramento delimitado pela janela do apartamento dele, em fotografias. A personagem com desejo de conhecer o alvo do seu olhar vai até o edifício onde ele reside, fingindo interesse em ser a nova faxineira do local. Na parede do apartamento dele, ela visualiza uma pintura a óleo de Schiele, Sitzende

Frau mit hochgezogem Knie, com a qual ela, posteriormente, acredita possuir alguma semelhança com a jovem Edith, representada nesse quadro. Sobre o sexo da mulher da pintura a personagem deixa seu número para Roberto. Assim, quando os dois se encontram, no apartamento de Ursula, a composição do espaço passa pela representação e discussão da obra artística do Schiele, sendo a descrição realizada de maneira análoga a outra pintura desse artista expressionista, o Die Familie. Posteriormente, o personagem que possui grande admiração e influência desse pintor austríaco vai até Viena, numa feira livre, onde é surpreendido ao encontrar uma carta com um selo ilustrativo de um militar alemão, Hindenburg, na barraca de uma feirante surda e, como intuição, acredita está vinculada a algum caso misterioso daquele pintor. Por meio dessa carta, o personagem segue em busca de uma verdade pelo espaço austríaco, concebida, ao longo do seu percurso, como inalcançável. Para a análise do corpus utilizaremos a contribuição teórica de Arbex (2006), Louvel (2006), Clüver (1997), Figueiredo (2003), Barthes (1984), Dubois (1993), Bazin (1991), Sontag (2004), Borges Filho (2007), Bachelard (1978), Bakhtin (1997).

Palavras-chave: Espaço; Conto Contemporâneo; Fotografia; Pintura; Intermidialidade.

LIVRO, DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO: UM ROMANCE DE DESLOCAMENTOS QUE REFLETEM A EMIGRAÇÃO E A PRÓPRIA LITERATURA

ROSEMARY GONÇALO AFONSO

UFRJ

CAPES

O romance Livro, de José Luís Peixoto, tem como tema principal a emigração portuguesa para a França. Ao representar esse aspecto da história e da cultura de Portugal, o autor recorre à difícil travessia empreendida desde vilas e aldeias do interior do país, passando pelo território espanhol, até Paris, cidade que recebeu cerca de um milhão e meio de portugueses entre 1960 e 1974, de acordo com os dados fornecidos pelo próprio autor. Respeitando a história individual de cada personagem, o autor converge para o caráter coletivo do texto, reconhecendo a contribuição do próprio leitor nessa sua construção. Dividido em duas partes, na segunda o romance prioriza a reflexão sobre as possibilidades da escrita, fazendo da própria Literatura um segundo tema, não menos importante do que o primeiro. Através de uma auto crítica que desvaloriza, ironicamente, a própria narrativa, é instaurado um questionando acerca da autoria do livro que a percorre e da legitimidade de escrita de uma história inspirada em fatos reais. Percorrendo os recursos e estratégias de escrita utilizados pelo autor, destacamos que Livro confirma que a estrutura do gênero romance está em constante evolução. Sua liberdade formal admite a incorporação de gêneros afins, dentre eles: carta, o relato de experiência, o conto, a crônica, a poesia. Outros recursos a considerar são as referências,

que estabelecem um diálogo com outros textos; os elementos alegóricos, que contribuem na compreensão dos sentidos do texto; e as notas de rodapé, que se caracterizam como divagações do narrador. Respeitando a circularidade inerente ao próprio texto literário, apesar da sua liberdade formal, o romance não abandona o seu fio condutor, mas admite desvios que potencializam as propostas de reflexão sobre os referidos temas: emigração e literatura, representados a partir dos deslocamentos geográficos e textuais. Mais do que o conteúdo privilegiado no romance, importa o fato de a emigração ser representada num texto literário. Ao dar à emigração uma forma artística, José Luís Peixoto faz dela mais do que um acaso histórico, permitindo sua absorção pelo viés da sensibilidade, elemento que potencializa nossa capacidade de compreensão, e visando uma reconciliação com um passado a que todos, de uma forma ou de outra, pertencem.

LUGARES E NÃO-LUGARES EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

NANCI GEROLDO
CENTRO UNIVERSITÁRIO ENIAC

O caos urbano e social apresentado por José Saramago em Ensaio sobre a cegueira faz com que uma nova realidade seja revelada por meio da desconstrução, seja quanto às referências típicas do lugar onde os fatos ocorrem, à identidade das personagens por causa da cegueira branca e de sua relação com o meio em que vivem ou quanto ao contexto histórico. Ao longo deste trabalho trataremos das questões que envolvem os espaços ? sejam eles abertos ou fechados, a fim de traçarmos sua importância sobre as ações das personagens em Ensaio Sobre a Cegueira. Quanto aos espaços íferos e labirínticos apresentados por Saramago, verificamos que podem ser análogos a obras de autores clássicos e de cunho mítico, tanto pela sua estrutura física quanto pelas referências aos atos e estados físicos ou psicológicos das personagens envolvidas no romance em questão. No que diz respeito às personagens, levaremos em conta o grupo principal. Ao analisarmos os lugares e não lugares em Ensaio sobre a cegueira no decorrer deste trabalho, notamos a tensão entre eles por apresentarem aspectos contraditórios, ou seja, de ?lugar? passam a ?não-lugar?. Essa tensão gerada entre lugares e não-lugares gera também tensão entre as personagens, pois necessitam de mudança comportamental, apesar do medo de saberem, cada um, o que realmente são e da impotência que sentem diante da cegueira. A escolha dos lugares a serem analisados

se fez em questão de como e do quanto interferiram na evolução da narrativa e na transformação das personagens. Todos estes tópicos têm como base os estudos desenvolvidos, por exemplo, por Marc Augé em Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade, Osman Lins, em Lima Barreto e o espaço romanesco, Antonio Dimas, em Espaço e Romance e Roberto Lobato Corrêa, em O Espaço Urbano, dentre outros teóricos. Em suma, este estudo tem como objetivo a análise dos espaços e da autoconsciência das personagens neles envolvidas; a análise dos diferentes espaços e ambientes em suas estruturas; a diferença que se estabelece entre espaço e lugar e as diferenças entre lugares e não-lugares. Salientamos que tal estudo trata de uma das possíveis leituras que, como bem sabemos, poderá dar margem a outras, dependendo do olhar que dirigimos ao Ensaio sobre a cegueira de Saramago.

Palavras-chave: lugares, não-lugares, espaços, labirinto, ambientes.

MARCO POLO E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO: A POÉTICA DOS OLHOS E DA PALAVRA EM

LUANA RAQUEL DA SILVA COIMBRA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
(UNEMAT)

O trabalho se ocupa de uma leitura de "As cidades invisíveis" (1972) de Italo Calvino sob a perspectiva do personagem-narrador, o viajante veneziano Marco Polo, que, ao narrar as cidades vistas ou imaginadas, constrói redes simbólicas em e a partir de seus espaços. Se a cidade escrita é sempre simbolização e deslocamento, imagem, metonímia; e se nomear uma cidade é o mesmo que garantir-lhe um locus (SARLO, 2014), a que acena este livro-símbolo de Calvino, em que os espaços parecem tão afetados por teias jocosas de palavras? Dada a sua condição de estrangeiro, a figura deste personagem-narrador está a interferir não apenas na percepção como também na enunciação dos espaços: ?É o humor de quem a olha que dá a forma à cidade de Zemrude? (CALVINO, 1990: 64). As variações da cidade, que ora é de uma forma, ora de outra, a depender de questões como o humor de quem chega a ela, de onde é vista e como é acessada, por exemplo, acaba por afetar-lhe a própria condição de locus. Não obstante, Polo utiliza-se da palavra problematizando e renovando a forma de ver a realidade e o modo de anunciá-la porque está num embate com Kublai Khan; o imperador se encontrava num momento em que o império, para ele, parecia um esfacelo sem fim e sem forma e não mais a soma de todas as maravilhas. As cidades (os espaços), portanto, sofrem a desautomatização (CHKLOVSKI,

1976: 39) no processo de contar. As cidades descritas pelo veneziano são todas do território de Khan, porém é somente através dos relatos do viajante que o imperador tem a sua percepção ativada: ?somente nos relatórios de Marco Polo, Kublai Khan conseguia discernir, através das muralhas e das torres destinadas a desmoronar, a filigrana de um desenho tão fino a ponto de evitar as mordidas dos cupins? (CALVINO, 1990: 10). A autoridade de fala parece ser validada a Polo pela experiência da viagem, pois ?somente por meio de olhos e ouvidos estrangeiros o império podia manifestar a sua existência para Kublai?. Diante disso, o trabalho busca identificar como se constroem os espaços em "As cidades invisíveis" e como a figura de Marco Polo sinaliza, por meio de uma poética dos olhos e da palavra, o próprio gesto da literatura, criando e renovando as percepções e as enunciações das coisas. Como símbolo complexo das relações humanas e cósmicas, "As cidades" de Calvino lidam com a noção de multiplicidade, porque abrangem a imensidão. Além da multiplicidade, o tema também suscita outras categorias que Calvino observaria mais tarde em Seis propostas para o próximo milênio (1984-45) ? como a leveza, a exatidão, a visibilidade e a rapidez ? formas pelas quais, segundo o escritor, a literatura mantém a sua estima, mediante as formas aproximativas e descuidadas que a linguagem passou a receber.

MARÍLIA DE DIRCEU - NESTA TRISTE MASMORRA, DURO GRILHÃO

RODRIGO CARVALHO DA SILVEIRA
IFRJ

Na segunda parte de Marília de Dirceu, a realidade se impõe e a defesa do eu-poético é a chave que concatena os 38 poemas que a compõem. O discurso retórico será expressivo e perceptível: Dirceu se defenderá das acusações de inconfidente e terá como maior argumento o amor por Marília. A Literatura e a realidade se interpenetram em um jogo retórico-poético onde a defesa é o amor: É importante perceber como que a realidade, de certa forma sublimada e paralela na primeira parte das Liras, se impõe na Parte 2. A prisão de Tomás Antonio Gonzaga é presente em todos os poemas e há uma pequena mudança no receptor de seus versos: antes, Marília e os familiares, agora, Marília e os juízes. Há uma palavra primordial que une e diferencia as partes de Marília de Dirceu: grilhões. Insistentemente repetido ao longo do livro, o vocábulo caracteriza a qualidade de réu e prisioneiro do eu-poético, mas também distingue sua posição positiva e negativa frente a dois deuses cruciais: Amor ou Cupido e Astréia, a justiça. Enquanto os grilhões são de Amor, o eu-poético se entrega, porém, quando os grilhões são de Astréia, ele se debate em busca de liberdade. Por essa razão, o discurso retórico surge como o eixo estruturador da obra do poeta inconfidente, pois aparece em forma de defesa como inocente e como noivo ideal, como réu entregue ao Amor e como réu em busca de Justiça. O tom narcisista também se modifica entre as duas partes, enquanto a autovalorização se vincula ao

Ethos na parte 1 formando um retrato moral de Dirceu, na parte 2, há um foco maior em um tom emocionado vinculado ao Pathos, formando um retrato físico do poeta. É a partir da união das duas pinturas que podemos ver um Dirceu completo, moralmente e fisicamente. A razão para que isso ocorra está justamente ligada ao discurso retórico, afinal frente à Justiça é mais funcional para a defesa emocionar através de um retrato físico debilitado do que convencer através de um perfil moral. Já frente ao Amor, a questão se inverte, pois a exaltação física da amada constrói o jogo da emoção e o retrato moral se torna mais importante para garantir um futuro venturoso. O espaço em Marília de Dirceu é essencial para a construção das líras e, principalmente, para a modificação psicológica do eu-lírico: a prisão física influe diretamente em Dirceu, fisicamente e moralmente, o transformando e remodelando os seus versos. Assim, pretende-se analisar de forma comparativa poemas da Parte 1 e da Parte 2 de Marília de Dirceu, buscando evidenciar as diferenças que o espaço gera na forma poética e no tema amoroso que envolve todo o livro de Tomás Antonio Gonzaga.

MINHA QUEBRADA, MEU ESPAÇO: A VOZ DA PERIFERIA NO RAP DE FLÁVIO RENEGADO

JOSELI APARECIDA FERNANDES
UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE
PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS CORAÇÕES E
FCTE

Em um passado não muito distante, pensar a periferia significava apontar apenas aspectos negativos de sua realidade, entendendo-a como espaço de violência e de conflitos, advindos do tráfico de drogas e de problemas decorrentes de situação de exclusão social. Norma Takeuti, no artigo ?Refazendo a margem pela arte e política?, afirma, nesse sentido, que ?[...] se antes a ?periferia? era visível apenas como lugar da infâmia (violências diversas, crimes, tráficos de drogas...) ela passou a expor também um cenário em que se disseminam inventividades artísticos-literários-culturais-esportivos com produções que chegam a ecoar para fora dela? (TAKEUTI, 2010, p. 14). Afirmarções como essa nos conduzem a pensar que a periferia começa a ser vista e reconhecida como um cenário produtor de diversas atividades culturais, dentre as quais se destacam a literatura e a música, criando, de certa maneira, a possibilidade de um agir consciente dentro e fora da comunidade e em prol dela, o que Takeuti denomina de ?ascensão do ser periférico? (TAKEUTI, 2010, p. 15). E é nesse sentido que o movimento hip hop, formado por quatro elementos, rap, grafite, break e o Mc, vem ganhando cada vez mais espaço, pois ?Em lugar de empunharem armas, vociferam seus cantos e poemas (o rap); rompem espaços urbanos apenas com seus corpos

em danças rompantes (o break, o street dance); pintam muros ou paredes de edificações urbanas (o grafite); escrevem e publicam contos, poemas, romances e histórias de vida de ?gente da periferia? e suas denúncias sociais (a literatura periférica) e se organizam em pequenos núcleos de confabulação (a Posse) para reinventar uma nova forma de resistir e, conseqüentemente, de viver numa sociedade em que perduram relações violentas de desigualdade social?. (TAKEUTI, 2010, p.15). Nesse novo contexto de produção cultural está o rap, manifestação artístico-cultural no qual os artistas expressam questões de cunho social e político, composto a partir de uma multiplicidade de vozes, de discursos que representam diferentes posicionamentos, organizados por uma narrativa, caracterizada muitas vezes pelo caráter de denúncia, revolta e, em algumas situações, até mesmo de incitação à violência. Considerado este contexto, esta comunicação busca refletir sobre o espaço periférico a partir das letras do rapper mineiro Flávio Renegado. Para tanto, propomos uma análise de duas canções, ?Conexão Alto Vera Cruz Havana? e ?Outono Selvagem?, nas quais é possível observar como Renegado descreve a sua comunidade, o Alto da Vera Cruz, como um espaço de mudança, de voz, de poder através da cultura e da arte.

MULHERES NEGRAS DO CORTIÇO: RECORTES DE RITA BAIANA E BERTOLEZA COMPARADAS, OPRIMIDAS E REVOLUCIONÁRIAS DIVIDINDO O MESMO ESPAÇO

MATHEUS LUSTOZA SANTOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PREFEITURA MUNICIPAL DE MARATAÍZES

Em um contexto inicial de abolição da escravatura no Brasil na segunda metade do século XIX, Rita Baiana e Bertoleza são símbolos deste contraste vivido nesta época, onde se havia pessoas negras completamente entregues à escravidão enquanto outras desfrutavam da liberdade trabalhando em ofícios modestos com pequenos ganhos (CANDIDO, 2006). Assim, era Bertoleza (ex)escrava falsamente liberta ao mesmo tempo submissa as ambições do parceiro e Rita Baiana lavadeira totalmente dona de seus instintos. Ambas de origem negra, habitando modestamente as estalagens do cortiço, empregadas em trabalhos ligados ao âmbito doméstico ? porém as percepções estéticas em torno das duas, tal qual como suas atitudes perante as pessoas que as contornam é totalmente diferente (COUTINHO, 2008). Enquanto Bertoleza vai se escravizando para gerar mais lucro aos cofres de João Romão; Rita se desprende de todas as amarras sociais para viver uma paixão com Jerônimo. Desta forma, este artigo desdobra-se para analisar por meio de citações do narrador e falas das personagens como duas mulheres negras podem ter destinos totalmente diferentes dividindo o mesmo cenário literário (BORGES FILHO, 2007). Além de comparadas, as duas são contrastadas sendo instigante o fato de uma

ser tão submissa e a outra ser tão emancipada (FARIA, 1998) (SCOTT, 1995) (MORAES, 2002). Portanto, torna-se a principal questão deste artigo, como estas duas mulheres podem se comportar de forma tão distinta em um ambiente que ao mesmo tempo que as oprime, uma consegue sair como vencedora e outra se rebela em um ato de suicídio. Então, busca-se aqui uma análise espacial de como as duas personagens deixam registrado um legado literário à mulher negra brasileira que ecoa até os dias atuais.

NOTAS POR UMA POÉTICA DA OCUPAÇÃO: O POEMA, O CANTO E O ESPAÇO ESCOLAR

LUIZ GUILHERME RIBEIRO BARBOSA
COLÉGIO PEDRO II

Falas se disseminaram, falas sob formas muito diversas, durante as ocupações secundaristas de 2015 e 2016. Faixas, entrevistas, cabelos, fake news, sentenças, fraturas, jograis, discursos, canções. Ou cantos de guerra. Cantos por uma comunidade filiada à escola, mãe, pai, eu, hinos filmados por uma comunidade em rede social, paródias de funk como queríamos demonstrar. Uma ocupação é performativa, e por isso uma ocupação precisa de vozes, corpos, em coro. E uma ocupação escolar produz currículo: doação de aulas, oficinas, assembleias, aulas públicas. Abre, sob a lição etimológica dessa palavra, currículo, dessa palavra, curso, caminho para uma aprendizagem pela urgência erótica do coro: produzir e afirmar os corpos negros, femininos, transgêneros, periféricos contra a explosão terrorista dos corpos, contra a implosão estatal dos corpos. A tática de ocupação produziu nas escolas de ensino médio um contexto como que precoce de aviso político. E, daí, desse grito inscrito nas redes sociais como cantos de guerra (foi para se proteger que as ocupações mantiveram comissões responsáveis pelas mídias sociais do movimento), umas formas cancionais ecoaram, cantando, por exemplo, o funk como se o funk tivesse sido composto numa ocupação. Essa comunicação procura estudar as manifestações poéticas produzidas no contexto de ocupação secundarista, a partir da hipótese de que a forma da canção, como gênero da tradição

poética e como prática performativa de uso da voz em coro, performa a ocupação política do espaço escolar, repovoando-o. Partindo da análise desenvolvida por Flora Süssekind em "ações políticas/ações culturais" (2016) e do estudo desenvolvido por Georges Didi-Huberman, como ensaísta e como curador, acerca do canto nas manifestações ("Levantes", 2017), propomos analisar, além de cantos das ocupações secundaristas, um poema do livro "Ocupa" (2016), de Dimitri BR, considerando a relação entre o canto, o corpo e o espaço. Pretendemos pensar em cantar como ato performativo de ocupação do espaço, ocupar o espaço cantando por sobre o espaço conquistado, traduzindo de um território ocupado a outro instituído os saberes exilados.

O ALENTEJO COMO ESPAÇO POÉTICO EM JOSE LUIZ PEIXOTO

LUCIANA DE OLIVEIRA MANGUEIRA
UFRJ

O chão de Portugal, ?onde o mar acaba e a terra principia? , é o principal objeto de estudo da presente proposta de trabalho. Tendo como cenário a região do Alentejo, será feita uma busca pelo interior de um país que, por tradição, tivera por muito tempo seu olhar voltado para o mar. A partir da análise da obra "Nenhum olhar" de José Luiz Peixoto, buscaremos (re)conhecer o trabalhador do interior português, assim como sua movimentação enquanto descobridor de si mesmo e, por sua vez, sujeito de sua própria história. Deste modo será observada a relação dos homens com a terra portuguesa; terra, não mais no sentido de território, mas a provedora, aquela de onde, por um lado, se tira o pão e que, por outro, lhes consome a vida. A terra é aquela que os alimenta e os mata, uma vez que a relação de trabalho, descrita nos romances, mostra como o sistema da concentração fundiária e o coronelismo massacra alentejanos no decorrer do tempo histórico. O Alentejo (terra e homem em sua luta diária) através da perspectiva do olhar de Peixoto ganha uma nova perspectiva. Por isso, será realizado um estudo sobre a forma ? duas viagens aí se entrecruzam: a do conteúdo e a da forma. O presente trabalho propõe uma análise ao que chamamos de aventura da forma. Antes de "Nenhum olhar" essa mesma terra fora tratada por outros importantes autores que a caracterizaram conforme sua escrita: o Alentejo neorrealista, com Alves Redol,

passando para uma terra, a mesma e outra, de Saramago, a perceber a ruptura da forma no que diz respeito à escritura do romance. Culminamos num terceiro Alentejo, agora revisitado pela poesia no livro de José Luiz Peixoto. Para isso, será discutida a fronteira entre os gêneros, pautando-se na teoria do romance de teóricos como Bakhtin. A poesia presente na prosa de José Luís Peixoto retomar o espaço da subjetividade. Diferentemente de Redol, Peixoto trata o Alentejo sob a perspectiva da interioridade. Saramago seria a intercessão entre esses dois Alentejos (o do domínio do mundo exterior, de Redol, e o do mundo interior, de Peixoto), uma vez que sai recentemente do neorrealismo e consegue através de uma escrita que estabelece a polifonia das vozes. Aí se dá o choque entre visões de mundo que se entrecruzam e intercalam. Esse trabalho pretende-se, portanto, um estudo sobre o Alentejo, partindo da análise do material humano, o estudo do camponês através do tempo histórico presente nas obras e como a imagem desse Alentejo evolui através da visão de mundo dos lavradores em questão.

O BAIRRO, DE GONÇALO M. TAVARES, PELA PERSPECTIVA DO ESPAÇO

ROBSON JOSÉ CUSTÓDIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

A proposta deste trabalho é analisar os caminhos referentes ao espaço construído pelo autor português contemporâneo Gonçalo M. Tavares dentro da série O Bairro, um projeto que atualmente conta com 10 obras, e interstício para mais 29, nas quais o autor retrata o cotidiano e os convívios de diferentes senhores, em um espaço criado pelo próprio Tavares a fim de habitar alguns intelectuais, como uma forma de refúgio de um mundo que não lhes cabe. Para tanto, percorro as ideias apresentadas, sobretudo, por Michel Foucault, a respeito da heterotopia, dos lugares sem lugares, que encobrem essa reconstrução de realidade. O conceito é delineado por Foucault, que para ele existe provavelmente em qualquer civilização. São, segundo suas discussões, lugares reais como espécies de contrapositionamentos, como utopias efetivamente realizadas. No geral, pode-se dizer que a heterotopia é determinada a partir de suas verossimilhanças, de uma possibilidade de concretização na realidade do espaço, representado no texto literário, sendo possíveis em restritas dimensões de texto. O bairro é uma região, por assim dizer, tipicamente urbana, capaz de nos colocar diante de relações entre a vizinhança e redescobriremos nossos próprios conceitos sobre o cotidiano, tendo como base um mapa que projeta todos os habitantes e suas moradias, mesmo aqueles que ainda não nos foram apresentados efetivamente em uma obra. Todos são senhores inspirados em grandes intelectuais,

abordando cotidianos diversos estruturados a partir de pensamentos intertextuais. O primeiro trabalho refere-se ao poeta francês Paul Valéry e foi lançado em 2004, no Brasil. O último foi com o poeta e dramaturgo americano T. S. Eliot, em 2010. A escolha de Tavares pelos senhores que moram nesse bairro fictício é apresentada aos leitores por meio de narrativas curtas e que comportam diversos temas. Nessa série, questões literárias também são provocadas a se discutir; os senhores tentam conversar entre si, com as suas peculiaridades aparentes. Vê-se que esse espaço nada mais é do que um lugar para senhores serem representados em um mundo às avessas, de acordo com as suas perspectivas e ideologias. Nisso, perceberemos na construção do mapa - e especificamente suas localizações - que ser vizinho muda muitos senhores e depende muito da noção de estado e de distância, as localizações os deixam autônomos de seu espaço e às vezes são quase incomunicáveis; além disso, não pode ser aqueles que estão próximos demais, que vivem juntos ou que dormem na mesma cama. Claramente, vizinhos serão os que estão no afastamento. E, para construir essa relação é necessário estar na máquina de fazer vizinhos ? para ele, a janela.

O DISCORDE ESPAÇO DO LOBISOMEM NA ORALIDADE BRASILEIRA

JAMILLE DA SILVA SANTOS
UFU

O presente trabalho objetiva estudar o espaço de metamorfose do Lobisomem dentro de uma cultura que circula entorno do licantropo. Para isso, tomaremos como base os estudos de Câmara Cascudo no livro Geografia dos Mitos Brasileiros, em que o autor busca narrar e catalogar histórias ouvidas e lidas em várias partes do país, tais narrativas fazem uma difusão de certos espaços específicos de habitação/transformação do nosso Garou . Pensaremos a oposição entre a tradição lupina que vem de uma literatura oral, passa pela Europa até sua chegada ao Brasil por meio de imigrantes. Para Helena Gomes, no prefácio do livro O Livro dos lobisomens, o lupino brasileiro se difere do europeu em vários aspectos que foram incorporados por uma cultura, como a sua transformação que para o licantropo europeu só existe duas formas; feitiço ou mordida, já o lobisomem brasileiro pode se transformar por vários aspectos, entre eles: maldição e mordida como o europeu, mas também por ser o sétimo filho de uma família de sete mulheres, filho de incesto, nascer com dedos tortos e outras formas. O lobisomem brasileiro não herda o glamour do europeu nem na forma nem no espaço de transformação. O europeu se transforma nas noites de lua cheia e de preferência em espaços isolados da civilização, já o brasileiro nem precisa da lua, basta que seja uma sexta-feira em alguma encruzilhada, ou até mesmo em um chiqueiro como nos fala Maria do Rosário de Souza

Tavares de Lima, no livro *O Lobisomem: assombração ou realidade*. Nesse prisma, nos compete neste estudo apresentar um mapeamento das diferentes manifestações descobertas por meio dos estudos bibliográficos encontrados a partir de uma tese que está sendo gerada com o intuito de estudar essa figura, o lobisomem, que vai além de lendas e mitos.

O ESPAÇO DO QUARTO NA CASA DE VALMARES E O TEMA DA PARTIDA: UMA PERSPECTIVA TOPOANALÍTICA DA OBRA O VALE DA PAIXÃO, DE LÍDIA JORGE

LASARO JOSÉ AMARAL

FACULDADE CIDADE DE COROMANDEL

A obra *O Vale da Paixão*, da autora Lídia Jorge, apresenta lugares diversificados ao longo da narrativa, mas, é possível observar que um, em particular, destaca-se. Isso porque Walter Dias, homem que desafiava a família desde criança e não apresentava apego ao trabalho na propriedade dos Dias visita a filha, personagem sem nome, em seus aposentos, na casa de Valmares, onde se desenrolam os fatos e a lembrança dos acontecimentos são narrados. É a partir do encontro no quarto que a narrativa segue o curso. Tal local tem fundamental importância na história, uma vez que a filha espera o pai por longo período para conversar e lhe contar o que então se passou na sua ausência. O quarto é descrito na obra como escuro e que, para se ter acesso ao local, era necessário passar por um corredor. Já a questão da partida está presente na diegese quando, após engravidar a personagem de nome de Maria Ema e não querer assumir a criança, Walter vai para a Índia servir seu país nas forças armadas. Enquanto isso, para não macular o nome da família, seu pai, Francisco Dias, impõe ao outro filho, o mais velho, Custódio, que case com a mesma e honre o sobrenome Dias. A partir de então, os demais filhos, um a um, deixam a propriedade para viverem em outros lugares longínquos e não mais regressam. E é tendo isso em vista que o presente

trabalho objetiva analisar a espacialidade da Casa de Valmares, visando, primeiro, a ambientação do quarto da filha de Walter Dias bem como o resto da residência e a propriedade da família e, segundo, o percurso espacial dos demais familiares. Com base nos conceitos da topoanálise de Borges Filho (2007), que se refere à análise de toda a espacialidade representada na obra de ficção, verificar-se-á como os respectivos locais são erigidos no romance de Lídia Jorge, quais funções desempenham na sequência narrativa e qual sua ligação com as vivências das personagens. Corroborando a análise e interpretação dos dados, também serão trazidas à baila as teorias de Brandão (2013) e Tuan (1980), Lotman (1978), Dimas (1985) e Foucault (1968, 2000, 2001); no que se refere à ligação entre as memórias e os espaços, serão utilizadas as teorias de Bachelard (2008), Candau (2014), entre outros. Nesse contexto, percebe-se que o lugar desempenha papel basilar na trama, resultado de uma construção obtida pela rede de relações entre personagem, memória e espaço.

O ESPAÇO EM CHICO BUARQUE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

MOEMA SARRAPIO PEREIRA
UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE
FAPEMIG

O cancionário de Chico Buarque de Hollanda, tema de muitos estudos, tem caráter narrativo, sobretudo após a deflagração do golpe de 64 e a instauração da censura prévia, com o advento do AI-5, em 1968. Para Adélia Menezes de Bezerra, as obras do compositor neste período se diferem das outras ? pois agora o tempo parece ter adquirido para Chico sua dimensão histórica e, portanto, irreversível? (MENESES, 1982, p. 69). Com efeito, a literariedade em Chico Buarque está justamente na sua capacidade de contar uma história, além do seu domínio de rima, ritmo, seu cuidado ao manipular efeitos sonoros e ao selecionar o léxico. Nesta comunicação observaremos de que forma a canção popular e, principalmente a obra de Chico Buarque, se insere no espaço da história, contando sua própria versão dos fatos; além disso, ofereceremos também uma análise do espaço de algumas canções do compositor, evidenciando sua relação com o espaço. Estas canções foram selecionadas dos álbuns "Construção" (1971) e "Sinal Fechado" (1974), ambos produzidos após a instauração da censura prévia. As canções escolhidas são ?Samba de Orly? (1971), inscrita/escrita no espaço do exílio; ?Construção? (1971), que apresenta o espaço social do trabalhador e o espaço físico da construção; ?Acorda, amor? (1974), em que observamos um espaço invadido e ?Copo Vazio? (1973), composta por Gilberto Gil e gravada por Chico Buarque

em seu primeiro álbum não-autoral Sinal Fechado, em que o espaço do vazio na verdade é ocupado por algo.

O ESPAÇO GÓTICO NA FICCIONALIZAÇÃO DE MOVIMENTOS MESSIÂNICOS BRASILEIROS

HÉLDER BRINATE CASTRO
UERJ

O termo Gótico possui um sentido fugidio, adaptando-se aos mais diversos contextos de pensamento. No âmbito artístico há, pelo menos, dois modos de compreendê-lo: um ponto de vista histórico, que o considera como um movimento artístico coerente, restrito à Europa do final do século XVIII e do início do XIX, e outro transcultural, que o entende como uma tendência do pensamento moderno, não limitada a tempo e espaços específicos, cuja influência percebe-se intensamente em distintas formas de manifestação. Na arte, o Gótico consolida-se como uma estética negativa e sombria. É partindo da segunda perspectiva que se pode analisar a forma pela qual a visão de mundo gótica se projetou na prosa de determinados escritores brasileiros do século XIX. Nos romances *O reino encantado: crônica sebastianista* (1878), de Tristão de Alencar Araripe Júnior, e *Os jagunços* (1898), de Olívio Barros (pseudônimo de Afonso Arinos de Melo Franco), os narradores, ao utilizarem uma retórica macabra e horrorizante para descrever, respectivamente, os movimentos messiânicos de Pedra Bonita e de Canudos, constroem uma paisagem nordestina lúgubre e obscura, reproduzindo um dos elementos essenciais da literatura gótica: o locus horribilis. Em ambas as narrativas, o espaço não é apenas o palco em que se praticam e sofrem as atrocidades das tramas, mas também é o principal responsável pela constituição de uma atmosfera opressora e funesta.

Enquanto o Gótico Setecentista explora os castelos, as ruínas e os mosteiros europeus para evocar emoções de encarceramento e poder, O reino encantado descreve o sítio dos rituais místicos da seita de Pedra Bonita de forma a provocar sentimentos de horror e ojeriza. Os jagunços, por sua vez, utilizam-se da natureza sertaneja para explicitar o terror dos soldados republicanos diante de canudenses que parecem fundir-se à hostil vegetação local, conferindo-lhes aspecto sobrenatural. Com o intuito de compreender como a estética gótica manifesta-se na literatura brasileira, em especial naquela cuja temática versa sobre o messianismo, investigar-se-á a forma como ocorre a composição do locus horribilis nos romances de Araripe Júnior e Afonso Arinos.

O ESPAÇO NA OBRA PRINCE LESTAT DE ANNE RICE COMO FORMA DE RENOVAÇÃO DO TEMA VAMPIRESCO.

PATRICIA HRADEC
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CAPES

O objetivo é examinar os principais espaços, tanto externos quanto internos, apresentados na obra Prince Lestat (2014) e verificar como eles renovam a figura do vampiro, atualizando o tema. Para a análise do espaço teremos aporte teórico de Gaston Bachelard e sua obra *A Poética do Espaço* (1993) bem como Maurice Blanchot e sua obra *O Espaço Literário* (2011). Ambos trabalham tanto com o espaço exterior como lugares físicos, comuns e reais do cotidiano quanto interior, e isso também nos interessa uma vez que a obra é entremeada de narrativas biográficas e reflexões sobre a vida vampiresca. Prince Lestat é a décima primeira obra da saga intitulada *Crônicas Vampirescas* de Anne Rice composta por doze volumes até o momento. Nessa obra é-nos apresentado o vampiro Lestat de Lioncourt num patamar de regência, pois este será nomeado príncipe após mais de uma década de retiro autoimposto. Lembrando que o vampiro Lestat aparece pela primeira vez em 1976 na obra *Interview with the Vampire* (Entrevista com o vampiro) quando é-nos apresentado como um sanguinário, um vilão na história narrada por seu discípulo Louis. Já em 1985 Lestat passa a ser um herói na segunda obra das *Crônicas* *The Vampire Lestat* (O vampiro Lestat) quando este passa a ser um astro do rock e revela sua condição vampiresca para os humanos

mesclando assim o mundo dos vampiros com o dos humanos. A saga vampírica continuará em Prince Lestat (2014) quando os vampiros estarão espalhados em diversos pontos pelo mundo, incluindo o Brasil, local crucial para o desdobramento da história. Verificaremos como os vampiros agrupados em diversos lugares interagem com esses espaços externos e internos. É importante notar que a tecnologia e a ciência também permeiam a obra e serão cruciais para a renovação do tema vampiresco. Em pleno século XXI há vampiros espalhados ao redor do mundo e sua tribo (The Undead tribe) está em completo caos e sem uma liderança efetiva, o vampiro Lestat será empossado príncipe e reagrupará essa tribo até então ameaçada de extinção por causa de um espírito ancestral.

Palavras-chave: Literatura norte-americana ? literatura fantástica - espaço ? vampiro ? Prince Lestat ? Anne Rice

O ESPAÇO NARRATIVO NA OBRA ?O MANDARIM? DE EÇA DE QUEIRÓS

LAYNARA VIANA TAVARES

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Este estudo tem como objetivo a análise da obra ?O mandarim? de Eça de Queiroz, considerado o autor mais relevante do romance português do século XIX. O autor foi o explorador do Realismo da literatura portuguesa. Em 1880, com a publicação de sua obra ele é ?acusado? de se afastar da estética realista pela estética fantástica. Então, o autor começa a abandonar a ?preocupação naturalista?, que, segundo ele mesmo, embora tivesse servido para lhe disciplinar o espírito, também o condenara a reprimir, muitas vezes, sem vantagem, as suas precipitações de verdadeiro romântico que no fundo era. Ele começa a desistir em larga medida a proposta de ?romances de tese?, deixando de lado a descrição científica, a ênfase sociológica e pedagógica, dando lugar a uma literatura mais fantástica e humorística, recriando, assim, o Realismo. Porém, sabemos que noventa por cento da crítica sobre a obra de Eça de Queirós esta focado em suas narrativas realistas / naturalistas, deixando à margem suas narrativas fantásticas. Dessa forma, o estudo apresentado procurará preencher parte dessa lacuna deixada pela crítica literária, com o enfoque na narrativa fantástico-maravilhosa. O mandarim retrata uma fantástica viagem à China, o que compõe o núcleo do texto e o torna mais interessante. O espaço narrativo aparece então como o espaço físico que é apresentado ficcionalmente pelo próprio narrador-personagem. Com essa viagem fantástica, no entanto, Eça de Queirós não

deixa de realizar uma crítica à sociedade, o que nos demonstra que o fantástico pode ser um recurso utilizado para se repensar o real. Nesse sentido, a leitura da literatura fantástica pode despertar da nossa rotina cotidiana e racionalista, levando-nos para um mundo repleto de significados e fantasias. Como suporte à interpretação do fantástico, a pesquisa, portanto, é desenvolvida e baseada a luz dos conceitos tratados, sobretudo, pelos autores, Todorov (2003), Ceserani (2006), Foucault (2002), Bachelard (1996) e Dimas (1985) para um maior entendimento das espacialidades presentes na obra.

O ESPAÇO SIMBÓLICO DA CASA EM EMÍLIO MOURA. LUCIANO MARCOS DIAS CAVALCANTI UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE FAPEMIG

Pretendemos apresentar nesta comunicação uma investigação de como se dá no livro *A casa* (1961), de Emílio Moura, a presença da memória da infância, e como o poeta se utiliza do mundo infantil para construir seus poemas, seja no que diz respeito à infância vista como um mundo bom e sem problemas, seja como elemento memorialístico em que o poeta busca no passado não somente uma lembrança lúdica, mas também um processo criativo utilizado para a criação literária. A obra poética de Emílio Moura, de forma direta ou indireta, apresenta uma grande variedade de poemas que se referem memória da infância e seu mundo lúdico, portanto essa temática pode ser percebida a olhos vistos e se revela de extrema importância para sua compreensão. O poema *?Toada?*, pertencente a *Cancioneiro* (1945), é exemplar para pensarmos sobre o tratamento que Emílio Moura dá à infância em sua poesia: *?Minha infância está presente./É como se fora alguém./Tudo o que dói nesta noite,/Eu sei, é dela que vem.?.* Podemos notar nestes versos que a infância ocupa um lugar privilegiado em sua poesia. Com forte presença, poderíamos dizer que funciona como uma força ubíqua de onde emana tudo: a própria poesia, como também o sofrimento trazido pela memória do poeta que se angustia na noite. Essa perspectiva nos leva a reconhecer a infância como o lugar de origem mítica *?* da memória profunda *?* do poeta, uma espécie de *?*paraíso perdido*?* onde a unidade pode ser

encontrada. Será no livro *A casa* (1961), composto por um longo poema dividido em onze partes, que Emílio Moura evidenciará, de forma direta, a relação de sua poesia com a memória de sua infância interiorana por meio do espaço da casa. Para nos auxiliar a adentrar no espaço fechado e íntimo da casa recorreremos as considerações sobre este ambiente presentes em *A poética do espaço* de Gaston Bachelard. De acordo com o filósofo francês, a casa é nosso ?espaço vital?, nosso ?canto do mundo?, o nosso ?primeiro universo?. Lembrada poeticamente, principalmente na vivência do passado, a casa nos permite relembrar momentos fugidios de nossa vivência antepassada por meio da mistura da memória e da imaginação. Dessa maneira, a casa é uma espécie de receptáculo que conserva as primeiras lembranças de nossas vivências mais profundas, abrigando-as do mundo externo, resguardando nossos valores primordiais, mas a estas memórias são somadas a imaginação criadora que retrabalha o ambiente vivenciado no passado. Nesses termos, a imagem da casa nos leva a comoções insuspeitas, além de oferecer proteção a quem retorna a este espaço, permitindo-o alcançar um tempo de paz. Dessa maneira, como acrescenta Bachelard, ?Pelos poemas, talvez mais do que pelas lembranças, chegamos ao fundo poético do espaço da casa.? (BACHELARD, 2000, p.26) Isto porque as lembranças da casa, um dia habitada por nós, são revividas por meio de ?devaneios? e ?sonhos?.

O ESPAÇO SOCIAL E AS MULHERES MACHADIANAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE O SEGREDO DE AUGUSTA, DE MACHADO DE ASSIS

CILENE MARGARETE PEREIRA

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE (UNINCOR)

O conto O segredo de Augusta foi publicado nos meses de julho e agosto de 1868 no Jornal das Famílias, periódico conservador para o qual Machado de Assis escreveu, entre os anos de 1864 e 1878, mais de oitenta narrativas. Impresso em Paris e com circulação na Corte Brasileira, o jornal de Garnier era composto por trinta e duas páginas de seções ilustradas, das quais se destacavam Modas; Economia doméstica; Medicina popular e, claro, o filão do momento, Romances e Novelas. Uma carta da redação, publicada em 1869, destinada ao público formado principalmente por senhoras da elite, revelava não só a tendência moral do periódico como os temas escolhidos para desfilar por suas páginas: romances amenos e anedotas pueris, de pura distração; conselhos domésticos e distintos trajes da última moda parisiense. Uma leitura mais atenta das narrativas escritas por Machado de Assis para o periódico mostra, no entanto, que ou autor, apesar da tentativa de manutenção do decoro e da moral da época, rebelava-se contra essa estrutura social conservadora, revelando, em muitas histórias (aparentemente ingênuas), as fissuras de duas instituições importantes do Brasil oitocentista: a política de dominação patriarcal e o casamento. O conto O segredo de Augusta se inscreve dentro dessa tradição machadiana ao apontar os desgastes do casamento modulado segundo convenções sociais que pregavam a

autoridade do homem como gerenciador da família. Mais do que isso, o conto expõe a dificuldade feminina no exercício de dois importantes e fundamentais papéis sociais: o conjugal e materno. Assim, se na superfície do texto Machado pareceria estar falando apenas de uma mulher vaidosa; em uma camada mais profunda, estava erigindo contra a ordem médica familiar que entendia "que era enquanto pai e mãe que o homem e a mulher poderiam entrar em comum acordo e aparar as arestas resultantes de suas diferenças sentimentais" (COSTA, 1983, p. 238), exercendo aquilo que se convencionou chamar, pela ótica da higiene médica, de amor conjugal. Nesta comunicação, nossa análise do conto está, assim, vinculada a essa leitura profunda, mostrando como Machado constrói suas personagens femininas a partir do espaço social antagonizado pela Corte e pela roça, pois se Augusta se mostra bastante adequada ao modelo de mulher de representação social, em dia com as exigências da cidade, sua filha, Adelaide, é seu oposto, justamente porque associada ao espaço rural. O que nos interessa aqui é pontuar como Machado se utiliza do espaço social do Rio de Janeiro, sobretudo da Corte como espaço civilizatório burguês, para compor o antagonismo de suas personagens femininas, mãe e filha.

O ESPETÁCULO DA MORTE

AIRA SUZANA RIBEIRO MARTINS

Colégio Pedro II- LITESCOLO /SELEPROT

Pretendemos, em nosso texto, apresentar algumas reflexões sobre o conto ?O carrasco?, de Sophia de Mello Breyner Andresen (2012). A história narra os preparativos para a execução de um homem, mostrando o insólito do comportamento humano: implacável no julgamento de infrações a códigos e regras, sem deixar de cometer ações semelhantes em outras situações. Nossa investigação buscou auxílio na teoria semiótica de extração peirciana (PEIRCE, 1975), segundo a qual há, em qualquer texto, verbal ou não verbal, elementos icônicos, indiciais e simbólicos responsáveis pelo processo de semiose, que faz emergir na mente interpretadora um sentido nunca finalizado, sempre em constante construção. Acreditamos, igualmente, que as ideias de Simões (2008) sobre a iconicidade textual, baseadas também na teoria semiótica de Peirce, muito auxiliam o professor a orientar o aluno na leitura de um texto, ensinando este a olhar e a considerar todos os signos nele presentes. Contamos ainda com as contribuições de Michel Foucault (1995), cujas concepções inovadoras se debruçam sobre investigações no campo do discurso.

Palavras-chave: leitura; interpretação; prazer estético.

O RIO DE JANEIRO NAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO

MARTA RODRIGUES
IFE COLEGIO PEDRO II / NUPELL

O início do século XX no Rio de Janeiro foi de inúmeras modificações. O Bota-Abaixo do prefeito Pereira Passos fez surgir uma nova cidade nos destroços da velha cidade colonial. Lima Barreto foi um dos mais argutos observadores desse processo de remodelação sofrido pela cidade e por sua população. Tais mudanças representaram não somente alterações no espaço físico, mas especialmente uma transformação de ordem social determinante para a configuração social e política da cidade a partir daquele momento. Em seus romances, como como Recordações do escrivão Isaías Caminha e Triste fim de Policarpo Quaresma, a cidade emerge como uma personagem no conjunto da história. Em seus contos e em suas crônicas lançou, ao mesmo tempo, um olhar sentimental, amoroso e crítico sobre a paisagem carioca e seus habitantes, traçando um painel do Rio de Janeiro de sua época. Negro, intelectual em terra de ?brancos? e de preconceitos, o autor foi capaz, como poucos, de registrar as mudanças de sua época, e essa época passada se faz presente, e tão contemporânea, ainda em nossos dias. Pretendemos, desse modo, a partir de uma seleção de crônicas, a atualidade da produção de Lima Barreto, e a importância do autor para quem deseja entender não só o espaço da cidade do Rio de Janeiro, mas, por extensão, o próprio Brasil em suas inúmeras contradições.

OS ESPAÇOS DAS OBRAS ?CHAPEUZINHO VERMELHO? E ?TAINÁ - UMA AVENTURA NA AMAZÔNIA? EM DETRIMENTO DE SUAS PERSONAGENS

LETICIA DA SILVA ZARBIETTI COELHO

UEMG

PAEx

LUCIANO MAGNO ROCHA

UNIMES

GLACIENE JANUÁRIO HOTTIS LYRA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Este artigo vincula-se ao projeto de pesquisa ?Representações da crise: interseções de fontes literárias? desenvolvido na UEMG - Carangola. Nessa concepção, este artigo, desenvolveu-se na linha temática: Espaço e Literatura, sob os pressupostos de construção do espaço e ambiente na literatura infantil, analisados em particular no conto da ?Chapeuzinho Vermelho? (de origem europeia do século XIV) e em relação com o texto fílmico ?Tainá Uma Aventura Na Amazônia?, que aborda uma perspectiva diferente da relação espaço/ambiente para com as personagens, além de possibilitar analisar qual é o tratamento conferido a tríplice: relação telúrica, espaço e a literatura nas obras europeias e nas brasileiras. Guiadas e motivadas pelos estudos acadêmicos, este trabalho se justifica pelas demandas da literatura sob a ótica do curso de Letras da Universidade do Estado de Minas Gerais ? PPC (2016/2017), visando compreender melhor e analisar essa relação da criação do espaço/ambiente com sua vinculação com as personagens que também são construídas a partir de uma

ideologia determinada do autor e de suas intenções para com a obra. O título deste trabalho - A Construção Do Espaço Na História ?Chapeuzinho Vermelho? Em Relação Ao Filme ?Tainá Uma Aventura Na Amazônia?, consideramos conveniente, pois sugere ao leitor uma ideia da análise que fizemos como ponto chave da pesquisa. Objetivamos estabelecer um paralelo reflexivo e explicativo entre a obra literária e o texto fílmico, no qual foram abordadas questões teóricas que alicerçaram nosso trabalho. Quanto a metodologia, este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica para fomento dos conteúdos teóricos, como DIMAS (1987), BLANCHOT (1987), GARRARD (2006) e GANCHO (2002) e de uma análise qualitativa das obras supracitadas. Ao decorrer do trabalho deparamo-nos com uma problemática histórica de importantíssima relevância para o entendimento e análise literária que desenvolvemos, a questão dos estupros que ocorriam nas florestas e a função social da literatura ao abordar essa temática. Em contraponto, neste paralelo, temos a perspectiva do texto fílmico?Tainá?, na qual a floresta tem uma função e é vista de maneira completamente diferente, um local de força, sabedoria, proteção. Nesta perspectiva, adentramos com os teóricos da eco crítica, que trouxeram novas iluminações para o trabalho e o tornaram mais sólido e reflexivo. Enfim, a partir de toda a pesquisa e análises foi possível refletir sobre o processo de construção do espaço e do ambiente e a intencionalidade aplicada pelo autor quando os cria, bem como sua importância no conjunto da obra literária em harmonia com a construção das personagens, além de

refletir nos estudos da eco crítica, esperando despertar a conscientização crítica para que se preocupem com as temáticas do homem e sua relação com o meio ambiente.

OS VISITANTES MONTELLIANOS: RESSIGNIFICAÇÕES TERRITORIAIS E AFETIVAS NO ESPAÇO LITERÁRIO DE JOSUÉ MONTELLO

FLAVIANO MENEZES DA COSTA
UNIVERSIDADE FEDERAL DOMARANHÃO
FACULDADE PITÁGORAS

Em qualquer passeio, mesmo curto, pelas obras literárias do romancista maranhense Josué Montello (1917-2006), é possível encontrar personagens na condição angustiante ou feliz de retorno a São Luís, capital do Maranhão. É o caso do saudosista Abelardo Rodrigues em ?A décima noite? (1982), do destemido João Maurício em ?A coroa de areia? (1984), da pragmática Aspásia Cantanhede de ?Pedra viva? (1983) e do próprio Montello em ?Perto da meia-noite? (1986), trazendo relatos e narrativas no qual o autor confessa ou descreve o que vivenciou e ouviu. Tanto nos seus romances, quanto em suas narrativas de memória (?Diário da manhã?, ?Diário da tarde?, ?Diário do entardecer?, ?Diário da noite iluminada?, ?Diário das Minhas Vigílias? e ?Diário da Madrugada? ? posteriormente, reunidos em 1998), Montello evidencia uma saudade filial por sua cidade, e seus narradores rompem as vozes fronteiriças entre o encanto e a decepção dos lugares revividos. Discorre, portanto, sobre a condição humana, indicando ou identificando mudanças no ser e em sua aprendizagem com o lugar de origem. Processos de memória e de aprendizagem na qualidade de ?filhos pródigos?, que fazem com que os indivíduos repensem suas prioridades e vislumbrem oportunidades na cidade que é a mesma, mas já acumula outras possibilidades. O que pode nos

levar a repensar a relação entre a existência e a essência do ser humano, ou em sua inversão ontológica proposta pelo filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), principalmente nas obras *“O Ser e o Nada?”* (2012), *“O existencialismo é um humanismo?”* (1980) e *“A Imaginação?”* (2008), considerar que *“a existência precede a essência?”*, e tudo o que compreendemos brota da subjetividade (ou imaginação), pois o indivíduo não é um ser fabricado, que possui funções irrevogáveis e com uma causa fora de si, mas um ser que se refaz continuamente. Nas obras montellianas, os protagonistas sempre caminharão de encontra à casa da infância, alguns com a esperança de se depararem com o acalanto dos melhores dias da vida. Segundo Sartre (1980), uma casa é um objeto que é construído por alguém que possui um conceito de como se *“produzir?”* uma habitação. Este objeto terá duas qualidades: será um objeto produzido de certa maneira e terá uma utilidade definida (ser abrigo). Produção e definição que precedem sua existência. Para o existencialismo, tal *“ordem?”* imposta e estreita não caberia à situação humana de intinerância, quando o homem não é um modelo, mas um projeto e esse projeto é errante. Por isso, no prólogo definidor do existencialismo, não se fale em natureza, mas *“condição humana?”*. Nas obras de Josué Montello, seus personagens, em uma nova chance de vivenciarem o espaço da infância, acabam projetando-se no sentido de impulsionar-se para as experiências, para o futuro. O que lhe atribui *“total responsabilidade sobre a sua existência, e também *“a responsabilidade por todos os homens?”**. (SARTRE, 1980, p. 218).

PARIS É UMA FESTA: A CIDADE COMO ESPAÇO UTÓPICO

DAFNE DI SEVO ROSA
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
Mackpesquisa

A expressão utopia, inculcada na literatura por Thomas More em seu livro clássico da literatura universal, pode ser sinônimo, em grego, de eutopia ? ?o bom lugar? ? ou de outopia ? ?o não lugar? ?. Entretanto, independentemente da denominação, o termo está sempre associado à idealização de um espaço social, político, econômico, religioso, entre outros. O trabalho aqui apresentado pretende mostrar como, no livro Paris é uma festa, a capital francesa é caracterizada pelo narrador-personagem como um espaço utópico. Por ser tratar de uma obra autobiográfica, escrita a partir das lembranças de Ernest Hemingway sobre os anos passados em Paris quando jovem, no romance são encontradas descrições que fazem da capital francesa um lugar perfeito e maravilhoso. No entanto, como o espaço do romance é uma cidade real e turística, ele pode ser classificado ainda como uma heterotopia, que nas palavras de Foucault, em seu texto De outros espaços (1986), designa uma espécie de utopia realizada em certa cultura, ou seja, espaços que por diversos motivos são tidos como exemplos de perfeição para determinadas civilizações. A partir das colocações de Lewis Mumford e Foucault, objetiva-se analisar alguns fragmentos do romance que comprovam que a visão utópica da cidade é fruto da memória afetiva do narrador sobre sua juventude e verificar em que medida esse ponto de vista deturpado

pelas emoções e pelo saudosismo influencia o leitor, fazendo-o acreditar que Paris não é somente a cidade luz, mas também um lugar capaz de curar todas as desesperanças humanas e fazer renascer as crenças e a confiança, mesmo em um tempo em que a capital francesa foi devastada pelas consequências trágicas da Primeira Guerra e Ernest Hemingway era um simples jornalista que passava dificuldades financeiras com sua mulher e seu filho pequeno para viver na cidade e que com a ajuda de seus amigos ? na época Gertrude Stein e Scott Fitzgerald, principalmente ? trabalhava para se tornar o autor que anos mais tarde ganharia o Prêmio Nobel de Literatura.

PELAS RUAS, TRABALHANDO OU ESMOLANDO, ONDE ESTÃO OS TRABALHADORES DE JORGE DE SENA?

BEATRIZ HELENA SOUZA DA CRUZ
UFRJ/ UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ

Em dissertação intitulada ?Trabalhadores do século XX em poemas de Jorge de Sena? investigávamos a condição de explorados, dentro do sistema capitalista, em que se encontravam trabalhadores diversos num corpus de dez poemas do autor das Metamorfoses, a saber: ?Lepra? (1939); ?Os trabalhos e os dias? (1942); ?Ode aos livros que não posso comprar? (1944); ?Rendimento? (1946); ?Tudo é tão caro? (1951); ?Camões dirige-se a seus contemporâneos? (1961); ?Lamento de um pai de família? (1964); ?Lisboa, 1971? (1971); ?Filmes Pornográficos? (1972) e ?Conheço o sal? (1973). Dando continuidade a este nosso interesse, esta comunicação versará sobre as diferentes funções do elemento ou categoria espaço, tanto quando mencionado, como nos casos em que deve ser inferido, entendendo que poemas deixam marcas, de estilo, do momento histórico de sua escritura e, no caso deste autor, de sua engenhosidade na composição de uma obra poética vasta e variada, por meio de uma atenção muito refinada na economia de seus poemas. Na linha temática Espaço & Literatura, observaremos a construção dos espaços entendendo seus aspectos estéticos, éticos e políticos num autor que elaborou as relações humanas no século XX tendo em mente as consequências de habitar um mundo regido pela lógica do capital e pelo modo de produção industrial. Um dos poemas, ?Os trabalhos e os

dias?, apresenta o éthos da poesia seniana, no qual se instaura o poeta/homem que se compromete com a humanidade, a partir do compartilhamento do espaço de uma mesa alegoria do mundo. Num outro polo, há o espaço geográfico determinado, como é o caso do poema ?Rendimento?, em que os degraus de uma escada numa rua secundária é o palco onde se representa a tragédia do desamparo de um homem, sendo este espaço fundamental para a construção da intensidade da situação degradante, representada pela exclusão à que estão espostos aqueles que, num sistema em que o dinheiro parece atuar como a chave que abre todas as portas, não o possuem. Há, ainda, a demonstração da impessoalidade com que ocorrem as relações de trabalho, numa situação em que ?atores que se alugam? compõem uma cena descrita num espaço que podemos perceber, em que pese o fato de que nada na cena permita sua identificação, de modo que podemos estar em contato com uma produção em qualquer lugar do mundo.

PERSPECTIVAS DO ESPAÇO LITERÁRIO EM ?AS ONDAS? DE VIRGÍNIA WOOLF: ASPECTOS DE UMA ESCRITA MULTIFORME

DANIELLI DE CASSIA MORELLI PEDROSA
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Em ?As Ondas?, Virgínia Woolf substituiu as saídas encontradas por romancistas tradicionais por descrições e articulações da relação do homem com ele mesmo, com outros homens e com a vida como um todo, através do uso de solilóquios, construídos geralmente em solitude. Escrito entre 1929 e 1931, surgiu da ideia de trabalhar num romance capaz de apresentar a vida como um intrincado arranjo de performances. Considerado como uma obra-prima e chamado de ?poemance?, a obra é vista pela autora como o momento em que encontra seu verdadeiro estilo literário. Através da simplificação e da transformação que se trata de tornar o detalhe irrelevante em forma relevante, Virgínia alcança aquilo que vai chamar de ?ritmo? do romance ? forma simples e complexa, clara e obscura. Composto de forma polifônica, descreve a trajetória de vida de seis amigos, que ao se revezarem em solilóquios íntimos, permitem ao leitor uma compreensão plena de suas personalidades, dos fatos e das impressões que têm sobre si mesmos, sobre a vida, sobre o mundo e uns sobre os outros. As fases da vida dos personagens são ?emolduradas? por belas descrições em prosa poética do que, num primeiro momento, parecem tratar de um único dia na beira do mar. O efeito causado por essa alternância é a de uma coreografia entre a efemeridade da vida humana e a eternidade da natureza, em seus ciclos de renovação

constante. Em ?As Ondas?, o espaço é construído e ilustrado de forma múltipla. Por um lado, tempo e espaço surgem imbrincados e cúmplices nas passagens de prosa poética, revelando a passagem das horas, etapas do dia e estações, também as nuances dos estados emocionais dos personagens. Em outro momento, são lugares de encontro que irão fornecer a condição ideal para os acontecimentos-pensamentos que compõem a narrativa. Em outras partes, os próprios monólogos se farão espaço literário, quando numa modalidade subjetiva acabam por conter conteúdos simbólicos e representativos que, tal qual uma Gestalt, permitirão ao leitor concluir a lógica, ou as lógicas, da obra. Este estudo tem como objetivo analisar aspectos relevantes das escolhas estéticas de Virgínia Woolf referentes ao espaço literário, na obra ?As Ondas? através de duas perspectivas: o registro das modificações do espaço em determinado período constituído pelas diferentes áreas de percepção espacial, no caso específico, descrições através da experiência dos órgãos sensoriais humanos e, pensando as transformações do espaço enquanto conceito, propriamente dito. ?As Ondas? exige que o espaço literário seja tratado, não como mera categoria identificável, mas como um sistema interpretativo e simbólico, capaz de abarcar toda complexidade e originalidade de uma autora ímpar, cuja consciência artística de alcança maturidade neste trabalho.

PONCIÁ VICÊNCIO: UMA ANÁLISE DO GEOESPAÇO NA OBRA EVARISTIANA

JEFERSON JOSÉ DE OLIVEIRA PINHEIRO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS
PAEx/UEMG

LEONARDO GOMES DE SOUZA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS
PAEx/UEMG

MATHEUS VIEIRA BARBOSA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Este artigo se insere nas reflexões do projeto de extensão ?Estudos de Gênero e etnia na literatura e sua repercussão na sociedade? desenvolvido na UEMG-Carangola com o apoio do PAEx/UEMG. Um dos objetivos desse projeto é refletir sobre a construção das literaturas afro-femininas e seu impacto na sociedade numa perspectiva interseccional, isto é, considerando diferentes elementos como gênero, etnia e classe social no processo da formação dos sujeitos. Nesta lógica, discutiremos a construção da personagem ?Ponciá Vicêncio? no que toca a edificação de sua espacialidade, logo, esta reflexão fundamenta-se na geocrítica com o foco na toponálise a fim de perceber com mais atenção como, na construção da obra em análise, o geoconceito de espaço e seus recortes teóricos: lugar, paisagem, região e território mantêm diálogos entre si e, devido também a isso, possibilitam uma reflexão acurada acerca dos movimentos e impasses a que a personagem está submetida durante toda a narrativa. Partir desses conceitos significa, também, perceber a construção espacial dentro da obra como um movimento político da

própria autora. Atitude reveladora de alteridades e reivindicações. Percebe-se, nesse sentido, a construção de uma espacialidade de crise, ou seja, partindo dos conceitos expostos identifica-se um movimento que tende a moldar, no sentido de dar forma, e centralizar os espaços e espacialidades tendo como diapasão o sistema mítico africano o que contrapõe o sistema hegemônico europeizado. Nesse norte, a análise dos geoconceitos no interior de obras literárias permite que o crítico entenda os movimentos próprios da linguagem em reflexo do contexto em que se encontra os diversos personagens da obra. Em última análise, estudar esses conceitos, é perceber as múltiplas realidades que, pela pena Evaristiana, querem ganhar vez e voz. Optou-se pelo método fenomenológico pela possibilidade de se enxergar o espaço, as personagens e as múltiplas relações mantidas entre esses elementos numa visão mais ampla e profunda; por metodologia qualitativa pautada na análise de obras literárias. Iluminam este trabalho os teóricos: Alves (2009), Dardel (2015), Santos, 1978, Souza 2013.

REALIDADE AUMENTADA: O ESPAÇO LITERÁRIO INFANTO-JUVENIL SOB A ÓTICA DAS TDICS EDUCACIONAIS

LUCIANO MAGNO ROCHA

UNIMES

LETICIA DA SILVA ZARBIETTI COELHO

UEMG

PAEx

GLACIENE JANUÁRIO HOTTIS LYRA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Este artigo vincula-se ao projeto de pesquisa ?Representações da crise: interseções de fontes literárias? desenvolvido na UEMG - Carangola. Nessa concepção, este artigo, desenvolveu-se na linha temática: Espaço e Literatura, sob os pressupostos de construção do espaço e ambiente na literatura infantil, analisados nos livros ?Janela Mágica? e ?Piter a caminho do Espaço?, que a partir da Realidade Aumentada proporciona uma experiência inédita para o leitor, a partir da junção do livro a um aplicativo de celular. Abordando uma perspectiva contemporânea, que se vale das TDICs Educacionais ? Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, na elaboração do espaço/ambiente e dos personagens, para promover o livro e a leitura, para com essa nova geração hipermoderna. Guiados e motivados pelos estudos acadêmicos, este trabalho se justifica pelas demandas da literatura sob a ótica do curso de Letras, da Universidade do Estado de Minas Gerais ? PPC (2016/2017), visando compreender melhor e analisar essa relação da criação do espaço/ambiente, com sua vinculação, com os recursos tecnológicos que reformulam todo aspecto

¿físico? e dimensional da leitura tradicional, bem como a temos, para uma nova fase, que explora ao máximo a evolução hipermidiática em função das questões educacionais, que nós, como futuros professores, precisamos estar atentos e prontos, para agregar essas novas ferramentas em nosso trabalho. O título deste trabalho - Realidade Aumentada: O Espaço Literário Infanto-Juvenil Sob A Ótica Das TDICs Educacionais, consideramos conveniente, pois sugere ao leitor uma ideia da análise que fizemos como ponto chave da pesquisa. Objetivamos estabelecer um paralelo reflexivo e explicativo entre a realidade aumentada nas obras literárias ?Janela Mágica? e ?Piter a caminho do Espaço? e suas implicações no meio educacional, no qual foram abordadas questões teóricas que alicerçaram nosso trabalho. Quanto à metodologia, este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica para fomento dos conteúdos teóricos, como DIMAS (1987), BLANCHOT (1987), GARRARD (2006) e LIPOVETSKY (2004) e de uma análise qualitativa das obras supracitadas. É possível destacar algumas características muito importantes que foram sendo percebidas a partir do desenvolvimento da pesquisa e das análises feitas, como os livros e o aplicativo serem 100% brasileiros, em português e gratuitos, ou seja, qualquer responsável que tenha um smartphone poderá proporcionar essa atividade a uma criança. Mas também nos deparamos com a pouca quantidade de títulos disponíveis, visto seu alto custo de produção, alta necessidade de profissionais qualificados para sua criação e desenvolvimento e por ser um recurso inédito para o Ministério das Comunicações e para o

MEC. Enfim, a partir de toda a pesquisa e análises foi possível refletir sobre o processo de construção do espaço e do ambiente em sua forma contemporânea e suas implicações para o futuro educacional dos leitores infanto-juvenis.

REPRESENTAÇÕES DO FEMININO: ESPAÇOS DE SUBALTERNIDADE EM A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR

RAUL GOMES DA SILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO
SUL

CAPES

CINTIA NAIARA DE SOUZA MELO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO
SUL

SED/MS

Passados exatos quarenta anos da publicação de *A hora da estrela*, a narrativa de Clarice Lispector continua provocando novas leituras e análises no campo da pesquisa literária brasileira. Isso ocorre porque as significações do texto ficcional modificam-se de acordo com o deslocamento temporal e espacial do olhar do leitor acerca do objeto artístico. Tal olhar é sempre novo quando considerado que o contexto social, político e literário transformam-se constantemente em razão da própria vicissitude humana. Diante disso, este trabalho pretende revisitar a referida obra com o intuito de observar as representações do feminino e os espaços de subalternidade aos quais a personagem protagonista, Macabéa, está submetida. De fato, a leitura desta novela põe em questão o lugar (e o não-lugar) discursivo da mulher nordestina no Brasil, sua condição de migrante, de errante e de sujeito enredado em espaços de exclusão, tais como o subúrbio e o subemprego, por exemplo. Parece-nos, portanto, imprescindível o reconhecimento de que os espaços reservados à mulher fazem parte de

uma estrutura global de poder que tem por finalidade conjurar a autonomia feminina e a performatividade de seus corpos. Assim, o estudo procura refletir sobre estes espaços de dominação da subjetividade do feminino na obra clariciana e apontar possibilidades outras para os discursos de subalternidade. Para isso, parte-se das contribuições teóricas desenvolvidas por Homi K. Bhabha em *O local da cultura* (1998), por Walter D. Mignolo em *Histórias locais / projetos globais: colonialidades, saberes subalternos e pensamento liminar* (2003) e por Foucault em *Microfísica do poder* (1997).

Palavras-chave: Representação; feminino; espaço; subalternidade; discurso.

REVISTA DE ANTROPOFAGIA: ESPAÇO DE EMBRIAGUEZ E REVOLUÇÃO

CLAUDIA CAMARDELLA RIO DOCE
UFSC/UJEL

Partindo da ideia mais ampla de que as revistas literárias são espaços privilegiados de divulgação, criação e crítica literárias, bem como da importância que as revistas tiveram para o nosso modernismo, o trabalho pretende refletir sobre o papel da Revista de Antropofagia (1928-1929) enquanto espaço de disseminação da vanguarda brasileira. Conhecida como a mais radical das revistas modernistas, a Revista de Antropofagia converteu-se em referência obrigatória da vanguarda, sobretudo por ter tornado público o Manifesto Antropófago em seu primeiro número. Embora o conceito de antropofagia tenha se feito vastamente conhecido e frequentemente retomado, ao longo dos anos, das mais diferentes formas, paradoxalmente a Revista de Antropofagia foi deixada de lado pelos estudiosos. No entanto, é a partir do espaço de suas páginas que a ideia de antropofagia é construída e divulgada, e que obras emblemáticas do modernismo aparecem em primeira mão. Espaço da multiplicidade, pela diversidade das contribuições, e de revisão do modernismo, considerado já diluído àquela altura, passado o primeiro ímpeto revolucionário, a própria Revista é reformulada, constituindo-se de duas fases bastante distintas (enquanto suporte e nas contribuições apresentadas). A presente proposta de comunicação é justamente a de voltar a atenção para esta publicação em torno da qual gravitou o movimento de mesmo nome, no final dos anos 20 e verificar de que forma ela trabalha e

utiliza o conceito de antropofagia, e se algum aspecto dela continua sendo relevante atualmente, conforme os estudos mais atuais da antropofagia. O trabalho procura entender e ressaltar a Revista de Antropofagia como um espaço relevante e fundamental de instituição do que foi a antropofagia nos anos 20, de que forma ela dialoga com sua própria época, mas também como e se ela contribui, de alguma maneira, para os debates atuais, tendo em vista que, com o passar do tempo, a antropofagia foi considerada a única filosofia genuinamente nacional e que a fertilidade de ideias que ela abrange ultrapassou desde muito nossas fronteiras.

SOB A PERSPECTIVA DO LETRAMENTO LITERÁRIO: A CASA DO LEITOR

JOSAINÉ APARECIDA CORSSO
UFU

Para desenvolvermos nosso projeto do Mestrado Profissional em Letras, levamos em consideração a necessidade de se recuperar a importância da Literatura no âmbito escolar, visto que os métodos tradicionais, em geral, já não atingem o objetivo de formar leitores. Sendo assim, buscamos um método de ensino que possibilitasse ampliar o saber literário do aluno sobre um espaço que consideramos protagonista nas obras escolhidas para análise: a casa. As obras escolhidas para leitura foram A casa da madrinha, de Lygia Bojunga e Por parte de pai, de Bartolomeu Campos de Queirós. Nesse caso, a casa pode ser representada, segundo as denominações geográficas, como um lugar dotado de significados particulares e de relações humanas e é nesse sentido que pretendemos caracterizar a relação fundamental entre personagem e espaço. Para esse intuito, buscamos esteio nos estudos de alguns teóricos sobre o espaço ficcional, como Foucault (2001), De Deleuze e Guattari (1995, 1997), Luís Alberto Brandão (2007), Reis e Lopes (1988) e Bachelard (1978). Desse modo, por meio de uma abordagem teórico-metodológica baseada na sequência básica do letramento literário sugerida por Rildo Cosson (2014), desenvolvemos oficinas que direcionaram a leitura e a escrita para o tema apresentado. A hipótese considerada foi que, com a leitura de textos literários com descrições imagéticas e ficcionais de casas, o aluno, ao dialogar com a literatura, refletiria sobre a sua identidade

e reforçaria sua percepção de pertencimento em relação ao lugar em que vive e, a partir disso, criaria a própria descrição literária de sua casa. Como embasamento teórico, realizamos um estudo bibliográfico sobre o letramento literário, a escolarização da literatura e a casa como espaço literário. Para a intervenção pedagógica, propusemos duas produções textuais aos alunos sobre o espaço em que vivem, sendo uma anterior e outra posterior às atividades desenvolvidas nas oficinas e, por meio de um diário de campo e um diário de leitura, pudemos registrar e avaliar o desenvolvimento do saber literário de cada aluno nas oficinas. Com os resultados alcançados, conseguimos elaborar uma proposta de ensino que considera todas as fases da metodologia sugerida. Acreditamos que essa proposta poderá ser usada por qualquer professor de literatura que busque um trabalho efetivo com o letramento literário.

Palavras-chave: Literatura. Letramento literário. Casa.

SOB OS EFEITOS DA DISCRIMINAÇÃO ESPAÇO COMO RESISTÊNCIA EM RIO NEGRO DE NEI LOPES.

CLAUDIO DO CARMO GONÇALVES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA /
UEFS

O espaço anímico, ou seja o lugar, associado à memória tem uma longa tradição na história da literatura notadamente em narrativas que revisam ou documentam períodos pontuais na sociedade. Tal tradição se vê representada de maneira eficaz e surpreendente no último romance do escritor carioca Nei Lopes, ?Rio negro 50? (2015), cuja trama envolve não só uma viagem temporal à década de 1950, como também os espaços da ficção que se transformam e dão precisão ao significado narrado. Dono de uma obra já vasta situada entre a ficção, a pesquisa e a composição musical, na qual se destaca com alguns dos grandes sucessos da música popular brasileira; e ensaios que refletem uma profunda e complexa pesquisa sobre a memória de raízes africanas no Brasil, Nei Lopes, em ?Rio Negro 50? acerta a conta racial da sociedade brasileira, apontando algumas das causas e ressonâncias que convivem no cotidiano. O preconceito, a discriminação, os silêncios, as identidades, se mostram parte de um mesmo universo, particularizado na obra mas em perfeita sintonia com a história contada e vivida. É como se mostrasse o outro lado da moeda, pois ao relermos o passado, este passado da década de 50, encontramos uma história contada e vivida por não negros. Neste sentido, o romance repara essa conotação quando apresenta um micro-cosmos paralelo de negros que também fizeram e foram decisivos, muitas vezes, na

construção da nação em processo naquele momento. O registro do universo negro adquire ares de resistência não só no discurso escrito-literário posto na voz e atuação dos personagens que ora se movem como históricos, ora como ficcionais, mas também nos espaços também transformados eles, em personagens, ao identificarem campos de atuação e mobilidade de outros personagens que estão intimamente e afetivamente relacionados às existências que dão razão aos fatos. Assim, é necessário acenar para alguns autores que dão suporte ao argumento da composição do espaço da memória como um espaço de fala e resistência, tais como Eduardo de Assis Duarte (2014), Aleida Assmann (2011), além do clássico Pierre Nora (1997), que nos alerta para como os lugares remetem à memória social e mesmo quando identificados aos espaços físicos pontualmente, deflagram processos de empatia no tempo como uma memória afetiva que se estabelece. Deste modo, abordo aqui uma memória que se faz política e utiliza os lugares como pano de fundo e resistência, assentado nas relações temporais comuns aos negros no Brasil. A obra expõe complexas relações que envolvem a memória e a identidade, e por conseguinte, como uma parcela da comunidade negra, de origem africana, estabeleceu uma resistência velada à dominação cultural ocidental de características acentuadamente colonizadora.

UMA VISÃO GERAL SOBRE A VISTA PARTICULAR: ESPAÇO GLOBALIZADO E SIMULACRO NO RIO DE JANEIRO DE RICARDO LÍSIAS

ADRIANA ARMONY
COLÉGIO PEDRO II

O trabalho se propõe descrever e analisar as relações entre espaço e simulacro em *A vista particular*, de Ricardo Lisias. No romance, uma sátira feroz da espetacularização globalizante da vida dos morros e sua violência em tempos pré-Olimpíadas, o artista plástico José de Arariboia, ao tomar o morro Pavão-Pavãozinho como matéria para uma instalação artística, converte os espaços vitais - quarto onde uma criança foi assassinada, beco do tráfico, vala de esgoto a céu aberto - em simulacro, mapeando e ressignificando os percursos imaginários da favela. A partir dos conceitos de sociedade do espetáculo de Guy Debord e de simulacro de Jean Baudrillard, procura-se refletir sobre as apropriações e reconfigurações imaginárias do espaço da favela, em sua vitalidade e risco.

A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO E PERSONAGEM NOS DOCUMENTÁRIOS SANTA MARTA, SANTO FORTE E BABILÔNIA 2000 DE EDUARDO COUTINHO.

RAFAEL E ALMEIDA MOREIRA
UNINCOR/UNIS
CAPES

Levando em consideração a vasta filmografia do cineasta Eduardo Coutinho, é possível observar que alguns filmes, principalmente os mais recentes, como *Jogo de Cena* (2007), *Moscou* (2009), *As Canções* (2011) e *Últimas Conversas* (2015), foram gravados em locações fechadas: teatros e uma escola. Porém, outras obras guardam uma relação muito forte com o espaço físico e mundo histórico da cena. Inicialmente, em 1978, Coutinho produz, para o programa de TV Globo *Repórter, Theodorico, Imperador do Sertão*, um documentário centrado no protagonista, um coronel no interior do nordeste brasileiro. *Cabra Marcado Para Morrer* (1984) e *O fim e o Princípio* (2005) também são filmes que apresentam relação com o nordeste do país. O primeiro conta a história do assassinato de João Pedro Teixeira, líder das Ligas Camponesas na Paraíba; o segundo narra a jornada de Coutinho rumo ao sertão da Paraíba, sem que haja roteiro e personagens preestabelecidas. Outros dois filmes do diretor se destacam pela relação com o espaço em que foram gravados. *Boca de Lixo* (1992) apresenta a histórias de trabalhadores de um lixão, um lugar completamente insalubre e degradante, no qual os animais ocupam o mesmo espaço que seres humanos, e *Edifício Master* (2002), narra as histórias de moradores de um prédio de classe média em Copacabana. Coutinho

também realiza três filmes que são rodados em comunidades na cidade do Rio de Janeiro. Em Santa Marta: Duas Semanas no Morro (1987), o diretor e sua equipe sobem o morro Santa Marta para conversarem a respeito da violência na comunidade, principalmente sobre a violência policial. Em Santo Forte (1999), tendo como pretexto a vinda do Papa João Paulo II ao Brasil, mais precisamente à cidade do Rio de Janeiro, Coutinho entrevista moradores da Vila Parque Cidade. Já em Babilônia 2000, Coutinho constrói sua narrativa por meio das narrativas de moradores das comunidades do Chapéu Mangueira e Babilônia, buscando evidenciar os anseios dos moradores, em relação à chegada do novo milênio. Diante deste panorama, essa comunicação tem como objetivo principal a análise da relação das histórias e memórias das personagens com o espaço físico (neste caso, o mundo histórico) nos três filmes realizados nas comunidades do Rio de Janeiro, evidenciando, dentro dessas obras, como a relação entre espaço e personagem nos revela, através do dispositivo fílmico do diretor, uma poeticidade no universo simples e corriqueiro de pessoas comuns e muitas vezes em situação de exclusão social.

ESPAÇOS MOTIVACIONAIS NA FOTOGRAFIA DE SEBASTIÃO SALGADO: ARTE E REALIDADE

DENISE MARQUES CARNEIRO NEVES
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Resumo: Considera-se que as fotografias não são espelhos dos fatos, mas fragmentos selecionados a partir do que o fotógrafo viu ou vivenciou; são representações resultantes de seu processo de criação e/ou construção. Assim, este artigo descreve mecanismos de produção e recepção de imagens fotográficas de Sebastião Salgado, ao tempo em que discute a relação espaço/tempo no processo estético e cultural de elaboração da fotografia em Êxodos e Gênesis. Os espaços fotografados previamente escolhidos por Salgado representam motivações pessoais e profissionais; constituem, portanto, intenções, ideologias e formas de compreender o real, o assunto fotografado. Observando-se a força e a amplitude da imagem fotográfica na cultura visual contemporânea, discute-se, ainda, como a leitura plural da fotografia, que tem natureza polissêmica, está associada também ao ato de dramatizar ou estetizar do fotógrafo. Apresenta como aporte teórico: Kossoy (2009) para falar de espaço, tempo, realidades e ficções na imagem fotográfica; Adorno e Deleuze (2013) para discutir sobre estética e arte; Barthes para refletir sobre o studium e o punctum; Dubois (1994) e Signorini (2014) para pensar em produção e recepção da fotografia; Fabris (2007) para analisar a relação imagem fotográfica e cultura visual.

Palavras-chave: Sebastião Salgado; espaço; arte; realidade.

ESPAÇOS SAGRADOS NO RIO DE JANEIRO: O MALANDRO E O TERREIRO DE UMBANDA

ANA PAULA SILVA DE OLIVEIRA
PUC-RIO
CAPES

A Umbanda surgiu como uma religião afro-brasileira que não é efeito de um retorno de uma tradição ancestral, mas algo criado em meio a mudanças significativas ocorridas no final do século XIX e início do século XX. Roger Bastide e Cândido Procópio apontaram certa tendência de a Umbanda se desenvolver nas zonas que se modernizavam no país. Segundo eles, embora o processo de urbanização e industrialização tivesse se estendido a outras regiões, ambos chamam a atenção para o desenvolvimento da religião especificamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, duas grandes metrópoles. Entretanto, não se sabe ao certo quando o homem começou a procurar explicações para compreender a sua origem, a sua presença na terra e os mistérios da eternidade. Mas é possível concluir que, à medida que as cidades se desenvolviam industrial e economicamente, esse homem da "urbis" começou a buscar nos fenômenos transcendentais uma possível paz interior e o conforto diante das suas carências psicológicas. A informação serve como ponto de partida para entender a maneira como os fiés da Umbanda foram seduzidos pelo novo culto. Antes da sua institucionalização, José Henrique de Oliveira esclarece, em "Das Macumbas à Umbanda", que a doutrina espírita foi introduzida no Brasil, em meados de 1863, e teve sucesso imediato, pois correspondia a certas necessidades de pequenas classes

do interior e tradicionais, que, ao final do Império, permaneceram estáticas no tempo, e, principalmente, das proletárias e privadas de bens, que se formavam nas grandes cidades. Renato Ortiz, em ?A morte branca do feiticeiro negro?, aponta que a clientela mais expressiva das sessões espíritas eram homens desajustados, desenraizados, perdidos na multidão. O autor completa que na cidade do Rio as primeiras sessões espíritas foram realizadas por franceses, muitos deles exilados políticos do regime de Napoleão III. A Umbanda é caracterizada pelo sincretismo e o culto de arquétipos nacionais, dentre eles o caboclo, representado pelo índio, o preto-velho e o malandro. O último, meu objeto de estudo, aparece no ritual umbandístico com as mesmas características em que é visto no contexto social. Em seu artigo ?O ator e seu personagem?, Maria Helena Concone afirma que as figuras/símbolos da Umbanda contam também, ou melhor, dão sua interpretação da história do nascimento do Brasil, estabelecem vínculos e os celebram no conjunto e na prática dos terreiros. Concone constrói as seguintes indagações sobre que símbolos são esses que a Umbanda atualiza. Que qualidades e atributos estão presentes nessas figuras do imaginário popular? Por que estas escolhas? Ao longo do artigo, a pesquisadora mostra que as figuras são claramente retiradas da realidade nacional, como já havia mencionado acima. Esse é exatamente o grande interesse da religião umbandista: o de mergulhar tão profundamente na realidade brasileira, de buscar sua fonte de inspiração, transformando em símbolos sociais figuras do cotidiano popular e buscando de maneira peculiar o significado

mais profundo delas. Seguindo na linha de questionamentos de Concone, me faço as seguintes interpelações: de onde vem o arquétipo do malandro? Como ele se constrói e é incorporado na vida cidadina do Rio de Janeiro? Que tipo de ligação e qual o lugar que o malandro ocupa na institucionalização de uma classe trabalhadora no período urbano-industrial, no início do século XX, período em que surgem as primeiras referências sobre a Umbanda? Não seria a presença do personagem, e de sua memória - num e sobre um determinado lugar -, a questão fundamental para sua sobrevivência no tempo? Por que, e como, uma figura com características urbanas é absorvida em uma religião? Perguntas como essas me trazem à pesquisa, propondo uma reflexão sobre como se constrói a figura do malandro e como se estabelece a relação entre ele e a cidade, sob a perspectiva da manutenção das expressões e dos lugares evocativos da cultura, da religião e na constituição de um povo. O malandro está inserido em muitas dimensões da vida popular, no entanto, a sua interação com a Umbanda ainda é muito incompreendida ou velada; pouco se sabe como e quando se efetivou o culto à malandragem na ritualística. À luz da pesquisa, apenas se tem conhecimento que seu arquétipo aparece e ganha o direito de incorporar nos terreiros de Umbanda, intervindo de forma concreta na vida de seus devotos. Com imagem visual representada pelo típico personagem carioca das décadas de 1920 e 1930 - terno branco, chapéu Panamá e sapatos bicolores ?, o malandro se destaca na cultura popular da cidade. Ele, construído em um espaço de relações amigáveis ou não, entre a cultura

dominante e a popular, andarilho dos lugares do resvalo, da beira, movimenta-se articulando e costurando as suas peculiaridades, e se diferencia e constrói um jeito de ser do país. No ritual umbandístico, nas giras, ele é evocado através de "Pontos Cantados" - termo dado aos cânticos -, que se formam de palavras e ritmos com funções variadas e bem definidas, e se constituem como uma espécie de poder, uma forma de oração mágica para chamá-lo e auxiliá-lo em seus trabalhos. As roupas, a música que ecoa no terreiro e os elementos poéticos levantados na sua louvação evidenciam a construção do seu estereótipo. Nota-se que a sua dimensão profana não foi inteiramente abdicada, mas "ressignificada" para que ele pudesse trabalhar no campo religioso. O malandro sobrevive enquanto memória; no entanto, na Umbanda, é eternamente vivo para seus consulentes que vão ao terreiro em busca de apoio espiritual.

O RIO DE JANEIRO DE MILLOR FERNANDES

ALESSANDRA MARA VIEIRA

IFMG - INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

A proposta do trabalho "O Rio de Janeiro de Millôr Fernandes" é o estudo de como o artista, em diversos textos, ilustrou os problemas e conflitos da cidade do Rio de Janeiro. Nascido na cidade, ele foi jornalista e artista que sempre se inspirou nos problemas daquela cidade para pensar questões mais universais. Nas charges, textos, desenhos e até mesmo na vista que tinha de seu apartamento em Ipanema, a cidade do Rio de Janeiro está presente, tendo sido descrita e tematizada de forma crítica e, principalmente, irônica. Em muitos momentos, podemos ver, inclusive, a cidade sendo personificada, ganhando ares de entidade, num movimento dialético de reverência à cidade e, ao mesmo tempo, iconoclastia em relação à linguagem e ao espaço em que viveu e criou.

Palavras-chave: Millôr Fernandes, Rio de Janeiro, Ironia

UMA LEITURA DE A COSTA DOS MURMÚRIOS, DE LÍDIA JORGE, A PARTIR DO CONCEITO DE HETEROTOPIA DE MICHEL FOUCAULT.

ANA MARIA COSTA LOPES

INSTITUTO POLITÉCNICO DE VISEU, CI& DETS

ANABELA NAIÁ SARDO

INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA – UNIDADE

DE DESENVOLVIMENTO E INVESTIGAÇÃO DO

INTERIOR

ZAIDA PINTO FERREIRA

INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA – UNIDADE

DE DESENVOLVIMENTO E INVESTIGAÇÃO DO

INTERIOR

A Costa dos Murmúrios, de Lídia Jorge, dá-nos uma perspetiva da guerra colonial assente numa ótica pouco habitual, a ótica feminina. Onde estiveram e o que fizeram as mulheres durante a Guerra Colonial portuguesa? De que forma é que o sonho megalómano da construção de uma utopia nas “províncias ultramarinas” viria a revelar-se na realidade, como uma conjugação de heterotopias? Na verdade, o termo heterotopia, elaborado pelo filósofo francês Michel Foucault, na sua conferência *Des espaces Autres* (1984), parece-nos adequado para designar a experiência quer dos militares, quer das suas mulheres, mães, etc, durante o período da Guerra Colonial em África. Assim, a experiência da guerra começa por ser, em nosso entendimento, uma utopia de crise “*Dans notre société, ces hétérotopies de crise ne cessent de disparaître, quoi qu'on en trouve encore quelques restes. Par exemple, le collège, sous sa forme du XIXe siècle, ou le service militaire pour les garçons ont joué certainement*

un tel rôle (Foucault: 1984, **negrito nosso**), acabando por evoluir para uma heterotopia de desvio: “Mais ces hétérotopies de crise disparaissent aujourd'hui et sont remplacées, je crois, par des hétérotopies qu'on pourrait appeler de déviation: celle dans laquelle on place les individus dont le comportement est déviant par rapport à la moyenne ou à la norme exigée. Ce sont les maisons de repos, les cliniques psychiatriques; ce sont, bien entendu aussi les prisons “ (Foucault: 1984) e frequentemente, desencadeia a heterocronia, a perda da vida e subsequente deslocação para o cemitério, lugar incontornavelmente heterotópico, já que, como explica Foucault: “hétérotopie se met à fonctionner à plein lorsque les hommes se trouvent dans une sorte de rupture absolue avec leur temps traditionnel; on voit par là que le cimetière est bien un lieu hautement hétérotopique, puisque le cimetière commence avec cette étrange hétérochronie (Foucault: 1984), Em suma, enquanto os soldados partiam, indistinguíveis devido às fardas (todas elas verdes), que obrigatoriamente envergavam e que os convertiam em corpos sem vontade própria, em não-sujeitos, as mulheres permaneciam como que suspensas na História, num espaço que antes da partida, imaginaram eutópico e tofófilo, mas que acaba por se revelar um espaço tantas vezes heterotópico e tofóbico (lembramos a praga dos gafanhotos) (Jorge:31) e o consumo de metanol, pelos negros, na suposição de que se trata de vinho (Jorge:22-23) e que, já cadáveres, “desaguam” na praia. Neste romance, é pois através do olhar de duas personagens femininas (Eva Lopo e Helena Forza Leal) que o leitor fica a conhecer as utopias e

heterotopias desvendadas e ocultadas pelo exército português, do qual os seus maridos faziam parte integrante e privilegiada.

Palvaras Chave: Espaço utópico, espaço heterotópico, Guerra Colonial